



ATAQUE COM FOGUETÕES A PHNOM-PENH

VINTE E QUATRO MORTOS

PHNOM-PENH, 26 (R) — As forças comunistas que se encontram às portas desta capital desencadearam hoje um ataque com foguetões contra a base aérea de Pochengtong, actualmente a principal via de abastecimento militar.

Segundo foi anunciado mais tarde pelas autoridades militares alguns dos foguetões caíram no perímetro da base, numa zona de bairros de lata, causando 24 mortos e 55 feridos civis. Outros foguetões acertaram em cheio nas instalações da base, mas a força aérea cambojana recusou-se a revelar o número de baixas sofridas.

Habitantes dos bairros de lata que escaparam ao bombardeamento revelaram mais tarde que os foguetões ao caírem nas instalações militares provocaram explosões secundárias, aparentemente em depósitos de

combustível ou munições mas a polícia militar impediu o acesso aos jornalistas que ali se dirigiram para observar os estragos.

O número de baixas ci-

vis registado hoje foi o mais elevado desde que os comunistas desencadearam um ataque de comandos contra os subúrbios da cidade em Outubro do ano passado.

Os foguetões não atingiram porém a parte civil do aeroporto de Pochengtong, pelo que as carreiras aéreas comerciais deverão prosseguir hoje normalmente.



Um soldado do Exército governamental cambojano arrasta um companheiro ferido por uma granada de morteiro durante um combate nos arredores de Phnom-Penh. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



O actor e cançonetista Dean Martin consorciou-se ontem em Hollywood com Cathy Hawn, de 25 anos, modelo, numa cerimónia realizada na sua residência. O padrinho foi Frank Sinatra. É o terceiro casamento de Dean Martin, de 55 anos, que em 1969 se divorciou de Jeanne Biegger, com quem esteve casado vinte e dois anos. Para Cathy Hawn foi o segundo casamento. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

OS GEÓLOGOS QUEREM UMA ORDEM

Os geólogos portugueses pretendem associar-se ao nível profissional através da criação de um organismo sindical com a designação de Ordem. Para discutir o projecto, que data já de 1970, os geólogos vão reunir-se no próximo domingo, em encontro que denominaram de III Reunião Nacional dos Geólogos e que decorrerá nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. (Pág. 7).

Apoio de Agnew a Nixon no escândalo

WASHINGTON, 26 — (R) — O vice-presidente Spiro Agnew, que se anunciou recentemente ter ficado apavorado com a forma como o Governo de Nixon agia quanto ao caso de escuta de Watergate, surgiu agora manifestando todo o apoio ao seu presidente em relação ao escândalo.

Um forte pretendente à nomeação presidencial republicana em 1976, para o que necessitaria do apoio do presidente

cessante, Agnew declarou: «Pretendo tornar muito claro que deposito toda a confiança na integridade do presidente Nixon e na sua determinação e capacidade para resolver o caso Watergate para satisfação completa do povo americano».

Entretanto, em Washington, continuava a especulação de que Nixon procederá a uma reorganização total do seu pessoal da Casa Branca, devido ao escândalo.

LEIA AMANHÃ

Entre outras matérias do maior interesse, «Mesa Redonda» inclui:

:: «O MONOPÓLIO DAS GRANDES EMPRESAS PODERÁ FAZER DESAPARECER A PROFISSÃO LIBERAL DE PROJECTISTA?» — um artigo de Nuno Portas, em antecipação aos debates do I Congresso de Projectistas e Consultores.

:: «O TEATRO COMO MEIO DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA» — mesa redonda com artistas e animadores de teatro infantil.

:: «BALANÇO DA ECONOMIA PORTUGUESA EM 1972» — terceiro e último artigo de resumo da situação, a partir dos relatórios e contas dos bancos e companhias.

E ainda: «Espelho da Imprensa» e «Assim vai o mundo», etc..

Um jesuíta português na expedição transatlântica

MADRID, 26 (UPI-ANI) — Alkali é uma palavra asteca que significa «a casa sobre a água». E durante três meses será a residência de seis homens e sete mulheres, enquanto vagueiam pelo Atlântico, numa experiência acerca do comportamento social.

A ideia de colocar 13 pessoas provenientes de meios diferentes a bordo de uma embarcação no

mar alto é fruto de um antropólogo mexicano, dr. Santiago Genoves. E a ela deu a sua adesão um jesuíta português, o rev. Bernardo Bongo, natural de Angola.

«Viveremos tão perto uns dos outros que ficaremos nus tanto por fora como por dentro» — declarou Genoves, durante uma conferência de Imprensa.

O antropólogo, que é um veterano das expe-

dições transatlânticas do sueco Thor Heyerdahl, a bordo do «Ra-1» e do «RA-II», afirma: «Descobri que o mar é o melhor meio para colocar o homem em estado de isolamento para o observar. De qualquer modo, viemos todos do mar, no passado».

Genoves anunciou os planos finais da viagem na altura do lançamento do seu último livro sobre

Continua na pág. 28

EDIÇÃO DE 40 PAGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

DIÁRIO NACIONAL

Em votação a reforma do ensino

A «grave ofensa dos direitos das pessoas» e o «forte prejuízo do interesse nacional» que advém da existência de dois sistemas educativos paralelos e independentes, a que correspondem duas dignidades de ensino e duas metas sociais, foram referidos, na sessão de ontem da Assembleia Nacional, pelo deputado Pinto Machado, que assim deu o seu contributo ao debate da generalidade da proposta da lei de reforma do sistema educativo. O orador queria, naturalmente, estabelecer a relação entre os ensinamentos técnico e liceal, sistemas cuja opção «não depende das capacidades reais dos estudantes mas sim de condicionamentos socio-económicos», situação cuja injustiça sublinhou.

Outros aspectos, nomeadamente as «remunerações irrisórias» com que é atribuída a função docente e as «condições radicalmente anti-pedagógicas» em que este se exerce, foram abordados pelo prof. Pinto Machado, que não se esqueceu de sublinhar que «não é possível uma autêntica democratização

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

do ensino sem democracia económica e social». Pinto Machado deu a sua aprovação à proposta e terminou dizendo: «Numa tarde de Dezembro, de 11 de Dezembro de 1969, subi pela primeira vez, emocionado, as escadas desta tribuna. Vou descer-las agora pela vez última, com redobrada emoção. Boa sorte, Portugal!».

Ainda no debate da generalidade intervieram os deputados Dias das Neves e, novamente, Veiga de Macedo. Este debruçou-se, desta vez, sobre o capítulo do ensino superior, aproveitando a oportunidade para fazer rasgado elogio do prof. Guilherme Braga da Cruz e, noutro passo, para apontar a «necessidade de se assegurar, quanto antes, o normal funcionamento das escolas superiores,

onde, de há anos, se vêm produzindo sérios acontecimentos». Veiga de Macedo reconheceu «o largo, decidido e perseverante empenho» que o Chefe do Governo e o ministro da Educação vêm consagrando ao estudo e resolução dos problemas do ensino e recordou «emocionalmente» os ex-ministros Pires de Lima, Leite Pinto e Galvão Teles.

O debate na especialidade e

a votação, que se iniciaram ainda na sessão de ontem, incidem sobre o texto sugerido pela Câmara Corporativa e não sobre o que o Governo submeteu à Assembleia. Tal fica a dever-se a uma proposta do deputado Veiga de Macedo, que o plenário aprovou.

Antes da ordem do dia, falaram os deputados Joaquim Macedo, Nogueira Rodrigues e Camilo de Mendonça, este para interrogar a mesa sobre se estava prevista a discussão do projecto de lei acerca do regime de rendas de casa em Lisboa e no Porto, ao que o presidente respondeu negativamente.

Os trabalhos prosseguem hoje, à tarde e à noite.

MORREU O DR. JOSÉ DE SOUSA CARRUSCA

Depois da missa de corpo presente na basílica da Estrela, realizou-se esta manhã, para o cemitério dos Prazeres, o funeral do dr. José de Sousa Carrusca, pai do dr. José Pereira de Sousa Carrusca, membro do conselho fiscal da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa».

O dr. José de Sousa Carrusca, que faleceu com 83 anos no Hospital da CUF, era natural de São Brás de Alportel, fez os primeiros estudos no Seminário de Faro, onde foi aluno distinto, tendo concluído o Curso de Teologia, após o que foi incorporado no Corpo Expedicionário Português, tendo tomado parte na batalha de La Lys, onde foi feito prisioneiro. Ingressou depois na Faculdade de Letras, concluindo com distinção a licenciatura nas secções de Clássicas e Românicas, ao mesmo tempo que

se dedicava ao estudo do arábico, concluindo também com distinção o curso superior de árabe e sendo considerado um perito em numismática árabe. Exerceu funções de professor contratado da Faculdade de Letras e foi igualmente professor no Colégio Militar, no Liceu Normal de Pedro Nunes e no Liceu de Passos Manuel, tendo sido reitor deste último.

Era autor de diversas obras didácticas destinadas ao ensino do latim e da língua portuguesa.

Após a obtenção das licenciaturas de Letras, formou-se em Direito e dedicou-se também ao exercício da advocacia. Exerceu funções no Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados.

Durante largos anos fez parte dos corpos sociais do Montepio Geral. Foi procurador à Câmara Corporativa.

Morreu Manuel Boaventura

Morreu ao princípio da tarde de ontem num acidente de automóvel ocorrido entre Espomense e Viana do Castelo, Manuel Boaventura, conhecido escritor regionalista e colaborador da Imprensa. Tinha 87 anos e era autor de, entre outros, «Solar Vermelho», «Contos do Minho» e «Crime de um usurário».

O acidente deu-se quando o automóvel, conduzido pelo seu filho Anselmo de Azevedo, chocou violentamente com um camião, tendo ficado feridos o motorista deste, Irineu Luso Esteves, de Viana do Castelo e Maria Amélia de Boaventura, de 60 anos, filha do falecido, que se encontra internada em estado grave.

Manuel Boaventura era irmão de Octávio Sérgio (colaborador do «Sempre Fixe» e do «Diário de Lisboa» e ex-chefe de Redacção do «Diário

de Notícias») e do jornalista (do «Diário de Notícias») Armando de Boaventura, já falecido, e tio do nosso saudoso camarada de trabalho e antigo sub-chefe de Redacção, Renato Boaventura.

O funeral realiza-se amanhã para o cemitério de Espomense.

Mortos

em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: no Estado de Moçambique, o soldado R.E. n.º 737550/72, José Joaquim Fendas, natural de Bragança, filho de António José Fendas e de Maria Cândida Oliveira; e o soldado do R.E., n.º 735535/72, Amada Sousa, natural da Beira, filho de Sousa Amada e de Carla Carmo; na província da Guiné, o soldado milícia n.º 047365, Mamadu Fallu Jaló, natural de Gabú, filho de Cherno Samba Jaló e de Maimuna Bari, casado com Julita Jaló.

A Previdência para o pessoal doméstico

As Caixas de Previdência competentes publicarão ainda nates do fim do mês, informações detalhadas sobre o modo de liquidação das contribuições e de fruição dos respectivos benefícios, para o pessoal doméstico.

A que, a partir do dia 1 de Maio, passará a estar sujeita ao regime da Previdência, deverá pagar as suas primeiras contribuições, relativas àquele mês, de 1 a 10 de Junho. Uma vez completados os primeiros seis meses de pagamento, ou seja a partir de 1 de Novembro, os beneficiários terão direito à assistência médica e medicamentos e aos subsídios de doença e maternidade.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88. ORÇAMENTOS GRÁTIS

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 575 000 contos

SEDE — Rua do Comércio, 85 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A pedido da Administração, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 30 de Maio p. f., pelas 15 horas, na sede da Associação Industrial Portuguesa — Praça das Indústrias — com a seguinte ordem do dia:

Discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas do Exercício de 1972.

A esta Assembleia só poderão assistir os accionistas que estiverem nas condições estipuladas no art.º 21.º dos Estatutos.

Lisboa, 23 de Abril de 1973

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) Rolando Pereira Galvão

NA

FIGUEIRA DA FOZ

o Verão começa no dia 1.º de Maio com a abertura da Época de 1973

no

GRANDE CASINO PENINSULAR

* Novos e Luxuosos Salões de Diversões e Jogos *

☆☆☆

SALÃO DE FESTAS — Maiores de 14 anos

«DANCING» — Maiores de 21 anos

NOVA SALA BAR ★ SALA DE EXPOSIÇÕES

SALÃO DE JOGOS—Aberto das 16 às 3 horas

SLOT MACHINES—A partir das 15 horas
Acesso livre a Maiores de 21 anos.

Facilidades de frequência do Casino aos hóspedes do

GRANDE HOTEL DA FIGUEIRA

E

ALBERGARIA NICOLA

VÁ AO TEATRO

e assista a uma extraordinária Revista

NO

Teatro ABC

Telef. 366745

Grupo D, Maiores 18 a.

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

P'ró menino e p'rá menina

Sensacional Revista
elogiada pelo público e crítica



NICOLAU

ANABELA ★ MONTEZ ★ MARIEMA ★
IO APOLONI

a atracção Mundial

DIABLOS DEL BOMBO

HELENA ISABEL, ESPADINHA, GRÇA VITÓRIA,
LUÍS MASCARENHAS,
CARLOS GONÇALVES e
MARIA TAVARES

2 SESSÕES, AS 20.45
E 23 HORAS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Carlos Augusto da Silva, Trav. Antero Quental 1, r/c AMADORA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Artur dos Santos Quintino PERO PINHEIRO

ESPERE UNS DIAS



O MAIOR CENTRO DE
MAPLES
INTERNACIONAIS

NOVIDADE LITERÁRIA

ESSÊNCIA

VERSOS DE SAUL DIAS

COM DESENHOS DE JÚLIO

UM LIVRO QUE COROA 40 ANOS

DE POESIA DO AUTOR

UM LANÇAMENTO EXCEPCIONAL DE

BRASÍLIA EDITORA

O AUTOR AUTOGRAFA OS SEUS LIVROS
NA

GALERIA S. MAMEDE

HOJE A PARTIR DAS 22 HORAS

DL/OPINIÃO

URSS-Roménia
cooperação

A concordância dos desacordos

Doze foram os deputados que discursaram sobre a reforma do sistema educativo no primeiro dia (e noite) de trabalhos da Assembleia Nacional após a interrupção consequente das férias da Páscoa. Doze foram as orações que na generalidade aprovaram a proposta de lei. Que presurosamente acorram os deputados a dar o seu voto a uma proposta de lei enfim considerada «oportuna, possível e também obrigatória» (palavras de deputado Veiga de Macedo), não há que estranhar: dificilmente se conceberão mentalidades a quem repugne modificar o que, aos olhos de toda a gente, está de alto a baixo errado, e mesmo aquelas repugnâncias mais resistentes à persuasão acabam por se recolher à sua irredutibilidade, orientando-a para outros campos... Esta lei bem poderia dispensar discussão, em particular uma discussão que não merece o qualificativo, pois desenvolve-se com os olhos no relógio e no calendário, mas é graças a esta circunstância que (em parte) devemos o tom unânime de aplauso: o tempo é escassíssimo, qualquer contestação se mostraria indesejável, quer para declarar a reforma insuficiente, quer para a apontar como exagerada...

Que texto sairá finalmente das mãos da Assembleia Nacional? Tirante meras questões de ordem formal, pode desde já assegurar-se que a redacção derradeira não se afastará da que foi proposta pela Comissão de Educação Nacional, Cultura Popular e Interesses Espirituais e Morais: aqui se fez, em rigor, a verdadeira discussão, tanto na generalidade, como na especialidade... Se quisermos usar uma imagem tirada da culinária, poderemos dizer que a iguaria está servida e que a Assembleia Nacional se limitará a colocar o seu raminho de salsa... (Será preciso acrescentar que não há nestas palavras a mínima intenção de desrespeito?)

De qualquer modo, estes discursos (os doze e os que ainda virão) não são inúteis. Se nada acrescentarem à substância, podem mostrar, no entanto, as diversas correntes que ali se agitam, se entrecrocaram, se afrontam ou se ignoram: o espectro ideológico (dizemos espectro no seu sentido estritamente físico...) é muito mais vasto do que a olhos distraídos parecerá. Assim se disse (deputada D. Luzia Beija) que «a casa será sempre o reino da mulher e as funções que lhe são inerentes as mais caras ao seu coração», e também se disse (deputado Pereira de Magalhães) «que o ensino nas escolas portuguesas se faça, pois sempre à luz da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País, e que, nas relações económicas, sociais e mesmo políticas, em suma, na promoção cultural, todos saibamos também viver em conformidade com essa doutrina e essa moral, para, desse modo, ser verdadeiramente autêntica a opção agora tomada, no respeito dos tradicionais valores em que assenta a Nação, tal como esta se situa e deseja permanecer no mundo». Tudo isto (se não estamos em erro) fórmulas herdadas de um passado singular e deliberadamente alheado do mundo e de todos os reinos...

Contudo, se bem repararmos, as posições acima defendidas entram no axioma exposto pelo deputado Aguiar e Silva, segundo o qual «todo o sistema de educação, mau grado uma inevitável inércia, é racional em relação a uma dada sociedade». Vendido um primeiro e instintivo movimento de repulsa, temos de reconhecer que assim é: as afirmações dos dois deputados supracitados informam uma corrente ideológica cujo fruto foi o sistema educativo que nesta altura se considera deficiente e se pretende afastar, mas que foi «racional» em relação à «sociedade» portuguesa de ontem, na medida em que escrupulosamente a servia, melhor dizendo, na medida em que ia servindo opções de tipo tradicionalista que, afinal, em nada estavam servindo os interesses e as necessidades educativas da sociedade portuguesa, tomada como um todo, como país, como povo... Cada vez é menos fácil fazer perdurar os equívocos: pode por isso dizer-se que rapidamente se tirará a prova real do mérito da reforma que aí vem. Mesmo que ela se apresente como racional em relação a esta sociedade...

A Roménia e a União Soviética estudaram o aumento da cooperação militar entre os dois países bem como no âmbito do Pacto de Varsóvia, segundo revela um comunicado publicado em Bucareste, depois do ministro soviético da defesa, marechal Andrei Grechko, ter concluído a sua visita de quatro dias à Roménia.

O comunicado diz que as conversações entre Grechko e os dirigentes romenos decorreram num clima de amizade e compreensão mútua, tendo as duas partes manifestado satisfação com o alargamento da cooperação romeno-soviética — anuncia a agência noticiosa Agerpres.

O marechal Grechko convidou o ministro romeno da Defesa, general Ion Ionita, a fazer uma visita oficial à União Soviética e o convite foi aceite, mas ainda não está marcada qualquer data.

Superstição suicídio ou crime

Um homem santo hindu morreu carbonizado e o seu templo comunicou tratar-se de um caso de auto-imolação pelo fogo.

Contudo, a polícia não foi dessa opinião e acusou de assassinio dois dos seus companheiros.

O homem santo, Acharya Ganesanand Avadhoot, de 32 anos, largou fogo a si próprio para protestar contra alegadas tentativas para envenenar o seu «guru» (chefe espiritual), que se encontra preso, segundo revelou um informador da seita de ioga Ananda Marga (caminho para a felicidade eterna).

As autoridades, que apareceram quando o corpo estava ainda a arder em Purana Khila, forte do século VX de Nova Delhi, difundiram, porém, um comunicado dizendo: «Não cremos que se trate de um caso de auto-imolação e vamos proceder criminalmente contra dois membros da seita presos dentro do forte».

O informador da Ananda Marga disse que Acharya largara fogo a si próprio a seguir a afirmações de que o seu chefe espiritual, Prahat Ranjan Sarkar, na cadeia acusado de assassinar cinco dos seus fiéis, corria o perigo de ser morto por funcionários governamentais, que tentavam envenená-lo.

Sarkar e o movimento ioga tem cerca de oito milhões de fiéis em cerca 35 países, com uma representação particularmente grande nos Estados Unidos.

A polícia acorreu ao local do incidente, após ter recebido um telefonema anónimo. Junto do corpo encontrou uma lata de gasolina vazia, um par de sapatos e algumas túnica cor de açafrão.

Vários milhares de membros da Ananda Marga realizaram recentemente uma manifestação defronte do Parlamento pedindo a libertação de Sarkar, antigo contabilista dos caminhos-de-ferro, conhecido pelos seus sequeiros como Anand Murtiji (a imagem da felicidade eterna).

No princípio do mês, outro Margi imolou-se pelo fogo em Patna, defronte do edifício da Assembleia do Estado do Bihar. A seita afirma que foi um caso de auto-imolação como protesto contra tentativas para envenenar o seu «guru». A polícia encara-o como outro caso de homicídio.

Sarkar, numa série de cartas escritas da penitenciária de Patna desde que foi preso há 16 meses, tem acusado os serviços secretos indianos de conspirarem para o matar e afirmado que está a ser envenenado.

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

Rossio 73

Sou dos que, tantas vezes, têm imaginado um Terreiro do Paço sem automóveis. Neste perdido amor pela minha cidade — digo perdido no sentido de fatal, sem esperança nem reciprocidade aparente — não me impeço de visionar como, a partir do que ela é, gostaria de vê-la ser.

Sou dos que, tantas vezes, a terão delineado, corrigido, construído, destruído, acrescentado, reinventado.

E então vale tudo: ora a percorro superficialmente, ao encontro do bem estar egoísta que sobe dos recantos conhecidos, modestos, harmoniosos, ora dolorosamente — as ilhas, as ilhas, tantas, sobrepovoadas de mulheres, de crianças, e de moscas; ora procedo a verdadeiras devassas com o método e o frêmito do investigador; ora me embalo nela e me sirvo dela e a venero, amorosamente.

O tempo de férias é dividido como convém. Parte, distribuído pelos meses de Inverno, na visita a cidades estranhas; e dispomos sempre de duas semanas para viajar em Junho ou Setembro. O que quer dizer que passo todos os Verões em Lisboa — e todos os serões, se descontarmos as rápidas surtidas pelas vilas da costa, a do Sol e a outra.

Tenho assim tempo de vê-la, de saltar sobre cada noite sem vento, de convocar quem deseje e mereça a descoberta sempre recomendada do rosto nocturno da cidade, que durante o dia os horários de trabalho tornam limitada e esquiva.

E vamos pela noite. Descobrimos já miradouros só para nós, de onde se avista o Mar da Palha e um mar de luzes, mas onde se chega depois de escalar pedras e paredes esboroadas, de sapatos na mão...

E recordo-me daquela divagação iniciada madrugada quase, a partir do Rossio. Andado o passeio estreito que se interrompe junto da igreja de S. Luís dos Franceses, antes do Coliseu, começamos a subir os degraus que a contornam e são muitos, largos, baixos,

e vão serpenteando até desembocarem bruscamente numa pequena praça. Enquanto subíamos, um de nós ia desenhando a carvão pelo muro acima — e as líricas figuras lá ficaram; outro dizia poemas que eram retomados nos versos finais pelo bando todo; daí se passou à música e às canções populares. Por sobre o muro da direita galgavam ramadas e cheiros violentos de flores carnudas.

Na praça ajardinada fizemos uma pausa e prosseguimos depois até ao que nos parecia um clarão num muro de cal: era uma padaria. Pela janela aberta, de grades, vimos fabricar o pão, a massa branca nos grandes alguidares, as bolas macias ritmicamente colocadas nos tabuleiros; os padeiros (alguns de tronco nu, devido ao calor) cantarolavam. Mandaram-nos ir de volta e entrar, e ali nos abastecemos de pãezinhos quentes, que trincamos cá fora, na alvorada.

Às vezes, nessas noites de Verão, «recebo» amigos estrangeiros de passagem, no Terreiro do Paço. Temos estado horas a conversar sentados nas escadilhas de pedra que descem até à água, entre as duas colunas, de costas voltadas para a horrorosa luz que ilumina a Praça.

Dessas e doutras vezes incrusto as diferentes conversas com os meus «quem me dera». Quem me dera que este maravilhoso Terreiro fosse aberto às pessoas e não aos automóveis; quem me dera que as arcadas fossem também oferecidas às pessoas (como em Florença, em Madrid, em Salamanca, em S. Marcos); os ministérios e as suas papeladas deslocados para lugar conveniente, e ali as pessoas. Cafés, pastelarias, pequenos restaurantes com mesas também cá fora sob as arcadas; livrarias, muitas livrarias abertas também à noite, e os jovens passeando por ali, devagar, remexendo nos livros que gostariam de ler...; papelarias, estantes de revistas, lojas de plantas, venda de flores, de pássaros e de plantas, como

em Florença, como as Ramblas, em Barcelona; e em frente, no centro, o Terreiro do Paço em toda a sua nobreza, **mas vivo**, pulsando através das pessoas que o atravessariam em todos os sentidos, fariam círculos de discussão e de encontro, dos que caminhariam devagar, de mãos dadas, silenciosos e alheados, dos nómadas estrangeiros que por uma noite, sentados junto à estátua e voltados para o rio, receberiam a cidade, traduzida; dos que não dispo de meios para sessões de cinema desceriam das suas esconas habituais e viriam gozar, de graça, a Praça e o Tejo e a prova da existência dos seus semelhantes.

Minha cidade. Por tudo isto não partiria nos dias de Páscoa sem ir ver «como ficava o Rossio». Só pude fazê-lo à noite. Depois do jantar no «13», eram dez horas e a noite estava morna, descemos o Chiado em direcção a ele.

Abatida, por ali deambulei, resmungando, interrogando, clamando, já se vê.

Porque o Largo estava vazio. **Não tinha carros, mas também não tinha pessoas.** Fechei os olhos e inventei por momentos «uma data de malta» sentada nos espaldados de degraus da estátua, na beira das fontes; e muita gente parada a gozar a noite e a conversar. Tornei a abri-los. Ninguém. Pois claro: uma praça no centro da cidade precisa, para estar viva, de cafés à sua roda, de venda de livros, revistas, de plantas, do que já enunciei e do que me não lembrei e do que todos sabemos que precisa para se tornar num centro de convivência e também sabemos que é possível noutras cidades.

Além do meu nome parece que tenho também o esquisito nome de **município**. É com ele que assino este protesto. Pediram-nos a opinião, não foi? Então, senhor presidente, digo que foi bom tirar os carros do Rossio, mas não basta. Faltam agora as pessoas. **Um Largo deserto de gente não faz sentido.** E, se assim continuar, então a medida tomada foi apenas mais uma proibição.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O desarmamento e as suas dificuldades

Tanto em Genebra como em Nova Iorque, as discussões sobre o desarmamento continuam num impasse.

Sabe-se de fonte autorizada que a Comissão Especial das Nações Unidas, cuja criação foi decidida pela assembleia geral de 29 de Novembro de 1972, para examinar «todos os pontos de vista e sugestões expressas pelos diferentes governos relativamente à convocação de uma conferência mundial do desarmamento», terá a sua primeira reunião em 26 de Abril, apesar da recusa dos Estados Unidos, da China, da França e da Grã-Bretanha de participarem nos seus trabalhos. Esta recusa explica, aliás, o atraso com que esta comissão inicia o seu trabalho.

A sua criação resulta já de um difícil compromisso. Foi em 1971, de facto, que a U.R.S.S. propôs pela primeira vez, perante a Assembleia Geral da O.N.U., convocar uma conferência mundial do desarmamento; renunciou, então, a pedir um voto, perante a hostilidade da China, que denunciou com violência a «hipocrisia» da ideia. Em 1972, operou-se um compromisso e os membros da vigésima sétima as-

sembleia geral, repartidos entre os apelos da U.R.S.S. e da China, puderam votar, por unanimidade, menos uma abstenção, a dos Estados Unidos, uma recomendação prevendo a criação de uma comissão de trinta e cinco membros, encarregada unicamente de recolher os pontos de vista dos governos sobre a oportunidade de reunir uma conferência mundial do desarmamento.

O presidente polaco da última assembleia, Trepcynski, que tinha sido encarregado de constituir esta comissão, desempenhou-se imediatamente do encargo, e reservou cinco lugares às potências nucleares membros permanentes do Conselho de Segurança. A U.R.S.S. deu, bem entendido, o seu acordo, porém, as outras quatro potências não manifestaram qualquer pressa em responder ao convite que lhes fora dirigido, não havendo qualquer dúvida, desde início, quanto à recusa da China.

Foi em vão que Trepcynski esperou e que a U.R.S.S. dirigiu vários apelos — o último dos quais ainda em 30 de Março passado, durante uma conferência de imprensa de Malik, representante soviético

na O.N.U. — aos países interessados. A França e a Grã-Bretanha decidiram finalmente recusar, convencidas de que, sem a participação de todas as potências nucleares, a Comissão Especial da O.N.U. não poderia ter qualquer eficácia.

Exaustos, Trepcynski e Waldheim decidiram reunir a referida comissão com uma única potência nuclear: a U.R.S.S. Isso representa, para a diplomacia soviética, um malogrado certo, que vai tornar mais longínqua ainda a perspectiva de uma conferência mundial do desarmamento.

As perspectivas não são nada melhor no que diz respeito aos trabalhos da Conferência dos Vinte e Cinco sobre o desarmamento, em Genebra. Em 15 de Março último, oito países não alinhados, membros desta conferência, apresentaram um memorando, denunciando a falta de progressividade relativamente aos dois pontos na ordem do dia — a suspensão imediata e completa de todos os ensaios nucleares e a interdição total das armas atómicas da melhores no que diz respeito a potências copresidentes da

Continua na página seguinte

DIÁRIO GERAL

MAPAS-MODELO DE REGULAMENTAÇÃO COLECTIVA PARA GRANDES SECTORES ECONÓMICOS

-anunciou hoje o dr. Silva Pinto

Considero da maior utilidade a elaboração de mapas-modelo de regulamentação colectiva por grandes sectores da actividade económica, de modo a possibilitar uma determinação antecipada e rigorosa do âmbito mais vasto que desejáramos para as convenções colectivas de trabalho. É bem conhecido, com efeito, que estas se apresentam pulverizadas regional e sectorialmente em muitos casos, com todos os inconvenientes daí decorrentes para as empresas, sujeitas a estatutos colectivos diferentes, e também para os trabalhadores, a quem naturalmente é difícil compreender a diversidade de tratamento por parte da empresa que servem — declarou esta manhã o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, ao presidir, na Corporação da Indústria, à cerimónia de homologação das actas de conciliação respeitantes a convenções colectivas referentes ao pessoal da indústria têxtil, profissionais de escritório da indústria metalúrgica, operários químicos e da indústria corticeira, caixeiros da indústria de tintas e vernizes, pessoal de enfermagem das casas de saúde, operários de docaria e da indústria transformadora do vidro.

No seu discurso, o dr. Silva Pinto salientou o papel das Cor-

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Quadros, Penhalva do Castelo — BEIRA-ALTA

porações, mas ressalvando que a experiência do funcionamento das Corporações aconselha a que se revejam, em alguns aspectos, os respectivos regimentos. Temos estudos em adiantada fase de elaboração sobre os quais se ouviram as próprias Corporações. A primeira a responder foi a da Indústria. Estamos em crer que dentro de meses se poderão concretizar tais reformas destinadas a propiciar mais fácil participação dos representantes dos organismos integrados e um ainda mais nítido equilíbrio entre os diversos interesses abrangidos.

Mais adiante, afirmou o secretário do Estado:

Por outro lado, o estatuto das federações e uniões foi recentemente estabelecido. A intensificação do processo constitutivo destes corpos intermédios poderá, em múltiplos casos, compensar o reduzido âmbito ou área de organismos de base cuja manutenção tiver justificada expressão sectorial ou regional.

Mas o redimensionamento dos organismos corporativos primários ou a constituição de uniões e federações, não será feita senão em íntima colaboração com as Corporações. Será esta mais uma zona de actuação em que V. Ex.^{as} poderão prestar um alto serviço, promovendo o fortalecimento dos meios de acção dos organismos que integram a Corporação da Indústria, sejam eles de natureza

gremial ou sindical.

MAPA-MODELO DO COMÉRCIO

Referindo-se ainda aos mapas-modelo de regulamentação colectiva, salientou o dr. Silva Pinto:

Sabem V. Exas. que o Ministério não se tem poupado a esforços para prosseguir este objectivo, através dos despachos de declaração de obrigatoriedade de negociações conjuntas. O apertado prazo que a lei nos concede para o efeito nem sempre nos permite a detecção de todos os organismos de representação patronal ou profissional que seria conveniente chamar ao diálogo colectivo. Julgamos, por isso, ser legítimo fazer aqui um apelo no sentido de as próprias organizações de representação das categorias económicas e profissionais colaborarem decididamente na tarefa a que me refiro, designadamente reflectindo sobre os limites mais vastos que poderiam ter as suas convenções colectivas e dando conta ao Ministério, em tempo útil, dos resultados dos seus estudos. Pela nossa parte, e conscientes de que assim contribuiremos para uma maior produtividade do trabalho, para um mais saudável clima de relações humanas, e também para uma eventual atenuação de injustificadas assimetrias regionais, sectoriais e entre categorias profissionais, continuaremos a percorrer o caminho já encetado e intensificaremos os esforços de elaboração dos mapas-modelo a que há pouco me reportei.

Aproveito o ensejo, aliás, para afirmar estar praticamente concluído o mapa-modelo referente ao vasto ramo do comércio, sector de actividade onde pareceu mais fácil experimentar o alinhamento teórico do reagrupamento das convenções — melhor diria, das dezenas e dezenas de convenções para os vários sectores e regiões. Daremos início, no mais curto prazo possível, a idêntico estudo para os sectores da indústria.

PROGRAMA «SUBVERSI-VO»

Ao usar da palavra no decorrer da cerimónia, o presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, José Braz Rodrigues, afirmou:

Toda a actuação de V. Ex.^{as} no campo da contratação, que

nos levou a percorrer caminhos já de há muito percorridos por diversos países europeus, sabe-se não lhe ter sido imposta pelos ventos da História, antes obedeceu a um programa, de clareza invulgar e bem fundamentado, por V. Ex.^{as} apresentado ao I Colóquio Nacional do Trabalho, da Organização Corporativa e da Previdência Social, no ano já distante de 1961, que muitos consideraram utópico, e outros até de subversivo. Soube, entretanto, V. Ex.^{as} esperar.

«E quando em Janeiro de 1970 ao tomar posse do seu actual cargo, servindo-se de legislação recentemente promulgada, e à qual, embora noutras funções, não foi estranho, completando-a com a promulgação de outra, pode V. Ex.^{as} deixar bem definido o regime jurídico das Conversações Colectivas de Trabalho, o que permitiu avançar um largo passo.

E mais adiante: Alterações no contexto sócio-económico, levaram V. Ex.^{as} a promulgar, a partir do ano de 1970, legislação que se considero como retrocesso da acção sindical, e se entendeu como afastamento das linhas mestras por V. Ex.^{as} traçadas em 1961.

Situam-se neste campo o Decreto-Lei n.º 492/70, que atribui ao Ministério das Corporações a exclusiva nomeação do árbitro Presidente.

«Inserese ainda, e com maior vigor, no processo que vimos a referir, a publicação do Decreto n.º 196/72 que regulamentou, sob o signo da inflação o processamento de novas convenções. Se foi benéfico para os trabalhadores, ao forçar os Sindicatos a planificarem a longo prazo a sua acção no plano da Contratação, e a garantirem determinados períodos de vigência para as convenções negociadas, não podemos deixar de solicitar a atenção de V. Ex.^{as} para este Decreto-Lei que hoje constitui a base de toda a contratação colectiva, limitando-a em moldes que aos trabalhadores parecem inaceitáveis.

A Portaria de Ordenados Mínimos, diploma indicativo do mínimo dos mínimos das condições que poderão ser percebidas pelos profissionais de escritório, ano pode ser encluída no contexto daquele diploma (o Dec. 196/72) e V. Ex.^{as} senhor secretário de Estado poderá, ao promulgá-la, corrigir um malefício que apenas prejudica os

trabalhadores, não beneficiando sequer as entidades patronais.

Do mesmo modo solicitamos a V. Ex.^{as} que do Decreto-Lei n.º 196/72 seja retirada a proibição da afixação de cláusulas contratuais de indexação automática das remunerações, pelos malefícios que dela advêm para os trabalhadores, o que se traduziria por uma muito menor necessidade de revisão das tabelas salariais.

«E já que estamos em maré de pedir, solicitamos ainda a V. Ex.^{as} a rápida regulamentação da actividade dos Delegados Sindicais, e que através de legislação adequada se proibam os despedimentos sem justa causa de todos os trabalhadores e se defendam mais eficazmente os dirigentes sindicais, estes não só quanto a despedimentos mas, sobretudo, quanto a processos de inimizade usados por algumas empresas. A necessidade de se proibirem os despedimentos sem justa causa, encontra a sua verdadeira justificação, se atentarmos no enorme número de despedimentos, que a propósito de reorganizar os seus serviços, as empresas promovem, logo que chega ao seu conhecimento a apresentação de proposta de negociação de convenções que virão a abrangê-las.

«Pode bem dizer-se, a propósito, que a entrega das propostas de negociação de con-

venções traz consigo uma verdadeira febre de reorganizações, e também de despedimentos.

Finalmente acreditamos ainda que V. Ex.^{as} não deixará de promulgar legislação que fixe prazos máximos para a designação dos árbitros-presidentes, e para a homologação das convenções negociadas, conciliadas ou arbitradas.

Estes último prazo implicitamente marcado com a meteórica homologação do Acordo Colectivo de Trabalho da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, do Contrato Colectivo de Trabalho dos Matelúrgicos, e de muitas outras convenções que se torna difícil enumerar. Acreditamos ser possível a fixação de um prazo máximo de 30 dias que nas homologações feitas por V. Ex.^{as} no ano corrente, ainda não foram ultrapassados.

«Teremos assim removido as maiores dificuldades que se opõem a um processo em que se acredita como elemento válido das relações de trabalho, e que permitirá regressar à política afirmada por V. Ex.^{as} há doze anos ao preconizar encaminharmos todos para verdadeiros Sindicatos, verdadeira força dos trabalhadores, Sindicatos fortes e activos, afastados da demagogia, colaborando na construção de uma Nação socialmente sã e economicamente forte».

CARRO ROUBADO APREENDIDO PELA JUDICIÁRIA

A Polícia Judiciária no prosseguimento das investigações tendentes à descoberta de carros roubados, e que posteriormente são transformados pelos gatinhos nas suas características fundamentais, apreendeu, esta madrugada, mais uma viatura, marca BMC, modelo 1000, com os números do motor e da matrícula falsificados, o qual fora furtado, no fim do ano findo, junto ao Aeroporto de Lisboa. Aquela Corporação solicita assim às pessoas que tenham sido vítimas de furto de automóveis da referida marca e modelo, o favor de entrarem em contacto urgente com o agente Sousa Martins da 5.ª Secção, pessoalmente ou através do T. 633131.

APANHADO COM A PULSEIRA NA MÃO

Martins Santos, pedreiro de profissão, provocou, esta madrugada enorme alarido na Rua dos Anjos, ao perseguir com gritos estridentes de «agarrar que é ladrão!», o cozinheiro Guerreiro, de 21 anos, que pouco antes, numa taberna da área lhe roubara, pelo processo de esticção, uma grossa pulseira de ouro.

Atraídos pela algarria, surgiram em cena alguns populares que, com a ajuda do guarda-noturno, acabaram por imobilizar o cozinheiro. Conduzido para o Governo Civil, onde já é conhecido como autor de inúmeras proezas do género, o jovem Guerreiro passou a noite no calabouço ali existentes, devendo ser ainda hoje remetido com o respectivo processo para a Judiciária.

ANABELA ESTÁ BEM

Restabelecida, deve voltar já esta noite ao trabalho no Teatro ABC a atriz Anabela, que ontem passou todo o dia na sala de observações do Hospital de S. José, para onde fora levada por familiares.

A conhecida vedeta do nosso teatro de revista ingerira excessiva dose de suporíferos — os quais, segundo versão que nos foi fornecida de sua casa, na Rua Heróis de Quionga, «tomara para dormir desocupada todo o dia», pois ontem era o habitual dia de folga semanal do elenco do ABC.

De qualquer forma, quando a conduziram ao Hospital de S. José, por volta das seis da madrugada, Anabela estava inconsciente. Os seus admiradores já poderão vê-la hoje, porém — e bem viva, felizmente.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

41.281 — 2.450.000\$00
49.381 — 245.000\$00
1.287 — 140.000\$00

PRÉMIOS DE 280\$00 (CENTENAS)

1.201 a 1.300; 42.201 a 41.300 e 49.301 a 49.400.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 345, 457, 488, 515, 593, ou 963, são contemplados com 560\$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão. Por sua vez, os números terminados em 27, 33 ou 59, são contemplados com 350\$00. Os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 1, têm direito a 175\$00, de prémio, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 490 contos dos dois segundos prémios foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

41.280 — 7.577\$50
41.282 — 7.577\$50

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

422; 2.517; 4.176; 5.802; 6.276; 6.283; 6.879; 7.301; 7.561; 8.716; 9.131; 10.364; 12.667; 12.804; 14.649; 15.970; 16.101; 20.926; 21.236; 22.760; 25.846; 26.421; 26.679; 27.322; 28.331; 32.082; 32.575; 33.204; 33.221; 33.880; 35.310; 35.420; 36.430; 38.444; 39.304; 43.506; 45.472; 45.806; 46.585; 47.411 e 47.706.

morphy richards

O ELEITO DAS DONAS DE CASA morphy richards

LUZ AVISADORA

BASE BISELADA PARA ENGOMAR MELHOR POLIDA COMO UM ESPELHO

PEGA QUE NÃO AQUECE BEM ADAPTADA À MÃO

CONTROLO AUTOMÁTICO DE CALOR UMA TEMPERATURA PARA CADA TECIDO

TERMOSTATO DE ARCO QUE SUPRIME INTERFERÊNCIAS NA RÁDIO E TV

GARANTIDO

mais ferro

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

Soc. de Rep. SIDA-SUECA limitada
RUA DE S. NICOLAU 44-46 - RUA DOS CORREIROS, 50-52 TELEFONE P.P.C.A. 36 93 31 (8 LINHAS) LISBOA-2

BREVEMENTE

DO CHOUPAL ATÉ À LAPA

RECORDAÇÕES DUM ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

Por

AFONSO DE SOUSA

Depositária

COIMBRA EDITORA, LIMITADA

O desarmamento e as suas dificuldades

Continuação da página anterior

conferência, os Estados Unidos e a U.R.S.S., para assumirem, finalmente, as suas responsabilidades.

Foi em vão que, desde logo, vários membros da conferência, principalmente os representantes do Brasil, da Jugoslávia, do Japão, renovaram os seus apelos aos supergrandes e fizeram sugestões. O último destes apelos veio do delegado sueco, senhora Alva Myr-

dal, que, em 12 de Abril, pôs particularmente em causa os Estados Unidos, «recalcitrantes» relativamente à interdição completa das experiências nucleares. Ela pediu insistentemente que os vinte cinco membros se pusessem de acordo a este respeito, de agora até ao dia 5 de Agosto, data do décimo aniversário do Tratado de Moscovo, sobre a interdição parcial das experiências nucleares.

TV

DL/ESPECTÁCULOS

AQUELES ONZE MONGES DE UM CONVENTO CHAMADO FUTEBOL...

Onze homens vieram da Holanda e semearam o terror do seu futebol em Madrid. Todos vestidos de vermelho, à boa maneira mefistofélica. Ao lado deles, os homens do Real Madrid são meros aprendizes afadigados.

Alves dos Santos recordou uma das características do Ajax: a sua elasticidade, a sua capacidade de criar perigo depois de sofrer perigo.

Pouca gente saberá a verdade subjacente a esta máquina. Diz Kovacs, o treinador: «O ritmo do jogo é o ritmo do treino. Habitualmente cada jogador a desempenhar todo e qual-

quer papel. No campo, todos defendem, todos atacam...»

Quer dizer: os avançados sabem também defender (desarmar, passar, despachar); os defensores sabem também atacar (desmarcar-se, centrar, fintar, rematar). Como se consegue isto?

Com inteiro sacrifício. Ou melhor: com total profissionalismo. Onze monges num convento que se chama futebol. Multados apenas porque, de quando em quando, chegam tarde aos treinos: multa, cerca de 800 escudos. Diz Kovacs: «os futebolistas holandeses representam o modelo ideal do



jogador profissional».

Nunca ninguém os vê numa boate. Casa, campo; campo, casa. Alcool? Fogel! Não o provaram nem mesmo quando ganharam a taça, no ano passado. Leitinho, isso sim: quanto queiram. Passear? Pois bem, uma voltinha de barco, nas águas mansas da lagoa. Está claro que um homem não é de pau: têm as quartas-feiras livres. As digníssimas, pacientíssimas esposas, podem



acompanhá-los ao estrangeiro, mas viajam noutro avião e dormem noutro hotel. Apenas recuperam o bem-amado algumas horas depois do desafio. Isso mesmo: um convento chamado futebol.

COMO OS TEMPOS MUDAM...

Estou a vê-los seguros, convictos da sua força. Alves dos Santos (que fez também uma das suas melhores «exibições», plena de sobriedade e de atenção) sublinha a classe dos jogadores. Fala em «técnica inextinguível» e todos podemos ver quanto isso está certo. Para o Johan Cruyff usa o adjetivo máximo: *genial*.

Como os tempos mudam, senhoras e senhores! O tempo, esse grande mestre! Há anos (dois? três?) quando o Ajax calhou ao Benfica houve quem dissesse que não passava de um clube modesto, um clube-co, alguma coisa aí como um segunda divisão, não mais. Em Lisboa, quando o Ajax retribuiu a visita, era canja.

Foi canja, mas de rola. O tal clube é isto que se vê: esta sensação de estarem com a razão toda, este ar de gente crescida que não liga a putes.

Correm, correm os onze jogadores do Ajax. O que os faz correr? Qual a electricidade que os move? Ou andarão a óleo de coco, como a lâmpada de Aladino naquela peça do domingo infantil?

O óleo de coco é outro. A brincadeira, em ordenado fixo, de 40 contos por mês. Fora as luvas, ou melhor: as LUVAS. Quanto? Não perguntem. Mas ao pé delas, o ordenado fixo empalidece. Por exemplo: só pelo facto de estar presente na final, cada um dos onze receberá uns bons 200 contos. Se houver vitória, isso é fora parte. Nada mal, hem?

Com tudo isto, o futebol aumenta na Holanda. Sabem quantos jovens lá praticam o

portapé na bola? Cerca de oitocentos mil! Na Holanda é assim, as contas estão feitas: 22 jogadores por quilómetro quadrado. Quase tanto como as tulipas.

Claro que as contas bancárias dos Ajaxentes não se ficam por aí. Fazem publicidade, têm negócios, vendem. Cruyff dá o nome a seis marcas de botas e, para ir à televisão, só por 16 contos. Se quiserem tirar uma fotografia ao Krol, têm de entrar com quatro lençóis. Quanto à sua participação na selecção nacional, esperem aí, patriotismo, patriotismo futebol à parte: se quiserem que a gente vá ao campeonato do mundo passem cá pró mano cinco mil contos. Pelo menos Cruyff e Keizer não fazem por menos.

A única sombra negra deste cenário é que o fisco lhes leva entre 50 e 75 por cento dos seus rendimentos. Cá por mim, se me quiserem pagar 500 contos por mês, não me importo nada que o fisco me leve metade. Até seria um rico negócio para ambos. No dia em que o fisco, em certos países do mundo, se lembrar de carregar no acelerador para as grandes fortunas, vão ver o que é entrar a massa nos cofres do Estado e nas necessidades desses países...

A IMPORTÂNCIA DE TER NOME.

Sabemos, pois, algumas coisas, algumas das motivações para as corridas, para a galopância destes galifões do futebol. Não falei de muitas outras, subjectivas mas não menos valiosas. A fama, por exemplo, a celebridade. A consideração social. A importância de ter nome.

O escriturário de uma qualquer empresa, mesmo poderosa, não tem nome. Nem o chofer de taxi. Nem os empregados e empregadas das lojas e dos supermercados. Nem os varredores. Nem. Nem. Nem.

Não sabemos os nomes dos carteiros, dos padeiros, dos fornecedores. Não dizemos ao mocinho ainda menino da mercearia: «Ó Joaquim, amanhã traga-me isto ou aquilo». Dizemos: «Quando vier o rapaz da mercearia...» «No café, não dizemos «Boas tardes, senhor Serra», ao empregado, ou «sr. Acácio, sr. Baptista, sr. Diamantino». Não dizemos nada. Às vezes dize-

mos apenas: «Uma bica».

Esta desgraça de não ter nome! Claro que os homens gostam do seu nome. Gostam de ter nome. Precisam tanto dele como de pão, precisam até mais dele que de pão. Alguns a quem esqueceram o nome, têm morte súbita: na barraquilha, debaixo de um comboio, no rio Tejo... outros resignam-se. Outros ainda usam as mais variadas artimanhas. Outros finalmente enfrentam os cornos do toiro, a dureza da bola de futebol, a tramação do boxe, os automobilismos, os jogos perigosos.

Televisão, milhões de pessoas a ver. Jornais, revistas, o seu nome com um metro de altura, direito a adjectivos, os olhos gulosos na rua: «Olha Fulano! Olha Beltrano...» Objectos de consumo, grandes consumidores de si próprios comodamente instalados. Muitos não percebem que *aquele* não é o seu nome, aquele é o nome que esconde outros nomes, que faz esquecer outros nomes, incluindo os das multidões a quem são lançados.

Bolas. A pensar nisto tudo lá perdi aquela grande jogada do Ajax. Felizmente a televisão espanhola está atenta. Felizmente ela lembra-se dos esquecidos, dos desatentos ou dos grandes amorosos: vai repetir a jogada — e de outro ângulo. A televisão espanhola a trabalhar como gente grande, repararam? A televisão espanhola é como se dissesse aos jogadores: «Façam vocês o seu trabalho que do meu me encarrego eu».

Lá fico duas horas sem arrancar os olhos do postigo, a murmurar: «Pirri, Amâncio, Krol, Stuy, Neeskens...» Nomes importantes. Nomes que pesam oiro. Nomes que povoam e alimentam a fuga, o esquecimento, a ilusão. A admiração também, por que não? da sua arte do efêmero: lances, danças, corridas, movimentos que duram menos do que todas as flores do mundo.

Depois disto, haverá ainda o *Telejornal*. Mas que bem, ah que bem jogavam os atletas do Ajax...

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sofia Duarte — PAMPILHOSA DO BOTÃO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Madeira e Leão, Lda., Rua Capitão Leitão, 48-A — ALMADA

EM ANGOLA

DE EMPREGADA DOMÉSTICA A MILIONÁRIA DO TOTOBOLA

O Totobola levou a fortuna, esta semana, a três pessoas de condição modesta. Uma delas foi uma empregada doméstica de Porto Amboim (no Estado de Angola) que auferiu o salário mensal de mil escudos. A afortunada angolana jogou apenas com 10 apostas simples, no valor de 22 escudos, que lhe renderam mais de 1483 contos!

Embora tivesse requerido inicialmente o anonimato, a feliz contemplada do concurso n.º 33 acabou por se deixar fotografar e autorizar que fosse divulgada a sua identidade. Trata-se de Isabel Maria, uma jovem de 22 anos, natural de Porto Amboim e mãe de uma filhinha de 2 anos. Jogou, como é habitual, de sociedade com um sobrinho, de 19 anos e mecânico electricista.

Isabel Maria serve uma família daquela cidade há cerca de uma década.

«Não deixarei de trabalhar», disse-nos, em tom peremptório. E acrescentou: «Vou depositar num banco a minha parte. Depois pensarei na compra dum apartamento».

Ter ou não ter forma certa de jogar foi a interrogação que pusemos em seguida a Isabel Maria. Eis o que nos disse: «Costumo fazê-lo dividindo o palpite com a sorte. E desta vez assim aconteceu...»

O seu sobrinho interferiu na «chave»? — quisemos saber. Isabel Maria elucidou-nos:



Isabel Maria: milionária aos 22 anos, graças ao Totobola.

«Não. Os símbolos foram distribuídos apenas por mim».

Quando a deixamos, na companhia de uma amiga, no Bairro

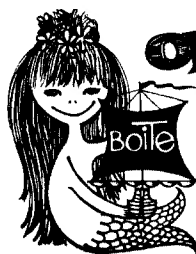
Prenda, onde a boa nova parece ter corrido célere — Isabel Maria era uma rapariga contente e uma mãe feliz...



DR. GIOVANNI CANDELO

MISSA DO 7.º DIA

A FIAT PORTUGUESA, S. A. R. L. comunica a todos os seus clientes e amigos que será rezada missa por alma do seu Presidente Dr. Giovanni Candelo, no próximo sábado, dia 28 do corrente, pelas 10 horas, na Igreja do Loreto, em Lisboa, desde já agradecendo a todos que se dignarem assistir ao piedoso acto.



CORAÇÃO DA NAU

1.ª Classe — c/ utilidade turística

Rua Pinheiro Chagas, 1-1.º

Telef. 51 501 — LISBOA

Comemorando dois anos de sucesso absoluto, de nova gerência, RUY CASTELAR apresenta durante 8 dias, um sensacional show

A partir de Sexta-Feira, dia 27, à 1.00 hora

A Extraordinária Cantora Inglesa

HAZEL SCOTT

(directamente do Hilton Hotel do Brasil)

Música para dançar até de madrugada, com o maior organista do Brasil

IZIO GROSS

(da TV TUPI do Rio de Janeiro)

Ainda o espectacular conjunto «OS JETTERS»

e ALTA-FIDELIDADE «GRUNDIG»

APENAS OITO DIAS



DL/ESPECTÁCULOS

Professora americana ensina dança no Conservatório

Chega no dia 30 a Lisboa, vinda de Roma, a professora Irina Compton, que vem leccionar no Conservatório Nacional durante dois meses a disciplina de técnica de Dança Moderna incluída nos currículos das escolas de dança, de teatro e para a formação de professores de Educação pela Arte.

O Conservatório Nacional vai também organizar aulas dedicadas aos bailarinos profissionais portugueses, estando desde já abertas as inscrições. Dado que só será possível admitir um reduzido número de participantes, os interessados devem inscrever-se o mais brevemente possível.

Entretanto, eis alguns dados sobre a nova professora do Conservatório: Irina Compton nas-

ceu em Nova Iorque onde estudou dança e se formou em Literatura e História. Trabalhou com Alwin Nicolais, Merce Cunningham, Martha Graham e Anna Sokolow, sendo uma das coreógrafas e professora da Henry Street Play House, a sede das companhias de Murray Louis e Alvin Nikolais.

A sua actividade como professora no estrangeiro levou-a à Universidade de Columbia Britânica, a Malta, onde dirigiu um curso especial para professores, e à Escola Nacional de Teatro e de Dança de Bucareste. Ultimamente, Irina Compton leccionava em Roma.

A Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa deu a sua colaboração ao Conservatório para a realização destes cursos.



José Cunha "Perdido Por Cem..."

José Cunha foi uma revelação no filme «Perdido por Cem...», de António Pedro Vasconcelos, actualmente em exibição numa sala da capital. Em vésperas da sua partida para Zurique, José Cunha concedeu ao «DL» uma entrevista em exclusivo, na qual se aborda o problema da sua entrada na fita, se fala de «Perdido por Cem» e do cinema português em geral. Na nossa edição do próximo domingo incluiremos a citada entrevista que, desde já anunciamos como de invulgar interesse. Na foto, José Cunha e Marta Leitão numa cena do filme.

ROBERT ENRICO FILMA DE NOVO — Robert Enrico tenciona rodar um filme com argumento de Paul Savatier, que é uma continuação do romance «Ce Neveu Silencieux».

Um casal encontra-se em férias com os seus dois filhos, um dos quais é anormal. O filme tenciona mostrar as reacções da família e da sociedade perante um garoto diferente, reacções observadas pelo irmão, a quem a atitude geral acaba por revoltar.

DIANA DORS FAZ DE MEGERA — Diana Dors, que até agora tem aparecido sempre nos seus filmes como uma «vamp» terá um aspecto diferente na película actualmente em rodagem em Londres, com o título «O Extravagante Mister Blunden». Aos 43 anos Diana Dors vai desempenhar o papel de uma horrível megera.

«O MUNDO DO OESTE» — Yul Brynner interpreta o principal papel do filme «O Mundo do Oeste», que o realizador norte-americano Michael Crichton começou a rodar. A acção passa-se no Sara dentro de algumas dezenas de anos e

pode optar-se por uma Roma decadente, a Idade Média ou uma cidade do Oeste norte-americano. «Robots» recriam as condições de vida nestes três mundos. Quando o seu funcionamento não regula estala a violência na cidade do oeste, tendo por protagonista Yul Brynner.

Rick, numa adaptação de Pascal Jardin. Argumento: um quinquagenário habita com sua mulher no Midi. Vivem numa felicidade serena até o dia em que aparece um vagabundo com o qual travam relações e que os leva a imprevisível aventura, para que não estavam preparados.



«DÉFENSE DE SAVOIR» — Jean-Louis Trintignant terminou o filme «Défense de Savoir», sob a direcção de sua mulher Nadine.

No próximo mês vai interpretar, com Romy Schneider, «Le Train», uma realização de Pierre Granier-Deferre.

A seguir aceitará a proposta de Robert Enrico, interpretando «Le Compagnon Indesirable», baseado no romance de Francis

EM PORTUGAL
«CELULOIDE» — Saiu mais um número da revista «Celuloide», com temas de interesse, tais como «Djamilia e o Cinema de Temática Rural», «Em Nome do Povo Italiano», «Casavettes e o Cinema Novo Americano», etc.

«SOB O SIGNO DE CHARLOT» — A secção de formato reduzido do Circulo de Cultura Teatral realiza no dia 28, pelas 15 horas, na sua sede, uma sessão de curtas-metragens subordinada ao título «Sob o Signo de Charlot».

O «INIMIGO PÚBLICO» — O ABC Cine Clube de Lisboa promove a exibição do filme de Woody Allen, «O Inimigo Público n.º 1», no cinema Imperial, amanhã, pelas 18 e 40.

GRANDE FESTIVAL POP EM ITÁLIA

PORTO CERVO, (Itália) — Realizar-se-á de 14 a 16 de Junho na pequena localidade sardá de Porto Cervo o Primeiro Festival Internacional de Música Moderna, em que participam os mais importantes cançonetistas e conjuntos italianos e estrangeiros.

Segundo anunciam os organizadores do festival, a receita destina-se a obras de beneficência.

Festival para o Orfanato de Santa Isabel

E já no sábado dia 5 de Maio às 21 e 15 no Pavilhão dos Desportos que se realiza o tradicional espectáculo a favor do Orfanato de Santa Isabel. Além de outros artistas a indicar oportunamente, está garantida a presença de Armando Lisboa C.ª (palhaços) Ada de Castro, Alice Amaro, os Arautos, Cristóvão, Corina, Edith Guerra, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro, Daniel Garcia, Fernanda Maria, Manuel de Almeida, Maria Eva, Maria Helena Silva, Moniz Trindade, Carlos Areias, Maria

Dilar, Manolita em fantasias de papel, Mário António em fados de Coimbra, Paulo Jorge, o Rancho Infantil de Vila Franca de Xira dirigido por Manuel Tarranta e a possível colaboração do Casino do Estoril.

A orquestra será dirigida pelo maestro Tavares Belo e a apresentação a cargo de Manuel Seixas e de Marques Vidal que realiza o festival.

Os bilhetes estão à venda na ABEP dos Restauradores e a classificação é para 6 anos de idade.

MÚSICA

«O PIANISTA NELSON FREIRE NO TIVOLI» — Efectua-se no dia 4 de Maio, pelas 18 e 30, no cinema Tivoli, um recital pelo pianista brasileiro Nelson Freire, primeiro prémio do 11 Concurso Internacional Vianna da Mota. O programa compreenderá obras de Beethoven, Brahms Schumann, Villa-Lobos, Debussy e Liszt.

CONCERTO DO «CONVIVIUM MUSICUM» NA GULBENKIAN — Helena Pina Manique (soprano), Albertina Xavier (contralto), Fernando Serafim (tenor), Orlando Worm (barítono), Constança Capdeville (piano) e Janine Moura (piano) continuam o «Convivium Musicum», grupo que interpretará, às 12 horas do dia 6 de Maio, as «Oito Peças Fáceis» de Stravinsky (piano a quatro mãos), as «Quatro Conzonette/a Tre Voci», de Monteverdi (vozes a capella) e «Liebeslieder Walzer», op. 52 de Brahms (quatro vozes e piano a quatro mãos).

ORQUESTRA IMAVE EM COIMBRA — Por iniciativa do Secretariado para a Juventude apresenta-se em Coimbra, no próximo dia 28, a Orquestra Clássica do IMAVE, que dará um concerto com o seguinte programa: I — Aria da suíte em ré, de João Sebastião Bach; II — Concerto em mi menor de Vivaldi, para violoncelo e orquestra, sendo solista Luisa de Vasconcelos; III — Concerto para dois oboés, de Albioni, sendo solistas António Serafim e Leal de Calqueiro.

A orquestra será dirigida pelo maestro José Atalaia, a cargo de quem estarão os respectivos comentários.

As entradas são gratuitas, e os respectivos pedidos de bilhetes poderão ser dirigidos à delegação do Secretariado para a Juventude, na rua Arantes e Oliveira, 428-6.ª.

A BANDA DA GNR NO S.CARLOS — Para interpretar obras de Beethoven, Mozart, e Tchaikovsky, a banda da GNR apresentará-se no Teatro Nacional de S. Carlos no dia 4 de Maio, pelas 21 e 45, num concerto a que assistirá o chefe de Estado e alguns membros do governo.

NO ESTRANGEIRO

FESTIVAL DE PARIS — O Oitavo Festival de Paris realiza-se de 15 de Julho a 26 de Setembro.

Estão previstos 50 concertos com peças musicais que vão desde a idade média aos nossos dias. Entre os compositores a interpretar contam-se Bach, Albion, Carissimi e Gershwin.

Participam na manifestação Narciso Yepes, Alexandre Lagoya, Jean-Pierre Rampal, o organista Jean Guillou, o Conjunto de Percussão de Estraburgo, a Orquestra da Radiotelevisão Francesa e a Orquestra Sinfónica de Amsterdão.

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

38.ª SEMANA
SÓ ATÉ DIA 6 DE MAIO
Grupo C M/ 14 anos
com **JOSÉ VIANA**
no protagonista

UMA EXCELENÇA O VEDURA

com **DORA LEAL** (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Rita Nobre, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de **MARIA PAULA**

Todas as noites: 21.45 h.
2.ª feira, excepcionalmente, descanso da companhia
Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.
Dia 9 — Estreia no Sá da Bandeira — PORTO

TEATRO Tel. 86 47 36

LAURA ALVES

RUA DA PALMA
Hoje: As 21.45
Grupo C M/ 14 anos

PRINCEPE E A CRISTINA

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Pociro, Luís Mata, José Braz

2.ª feira, descanso da C.ª
ULTIMOS DIAS

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

18.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com **FLORBELA QUEIROZ**

SEXO NUNCA SOMOS BRITÂNICOS

No elenco: IRENE FIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, **OCTÁVIO DE MATOS**

Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SABADOS, 2 SESSOES: 20.45 e 23 h.
DOMINGO
«Matinées» às 16 horas e à noite 2 sessões, 20.45 e 23 horas

Grande Noite da Primavera

A Grande Noite da Primavera é um espectáculo com tradições no Clube Ferroviário de Portugal. A festa, este ano, realiza-se no próximo

sábado, dia 28, pelas 22 horas, e nela será eleita a «rainha dos Ferroviários 1973». O local da realização é a sede do clube.

GOSTA DE DANÇAR?

No Restaurante
«A LAREIRA»
pode faz-lo num ambiente mais acolhedor.

«A LAREIRA»

Fica: na Praça das Águas
Livres, 8-1
Telef. 689627 — LISBOA

LEIRIA

RESIDENCIAL S. FRANCISCO

☆☆☆☆

Todos os quartos com banho, aquecimento, rádio, e telefone. Bar — sala de estar com T.V.
Rua de S. Francisco, 26, 9.ª — LEIRIA — Tel. 25142

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

Dizem os leitores Atravessar a Avenida Marechal Carmona

Um leitor do nosso jornal, José António Barreto, apanhou mais um susto. Além disso leu notícias sobre o assunto em causa e resolveu dirigir-nos a seguinte carta:

Por força do ofício e das minhas obrigações profissionais, tenho de atravessar, com frequência, a Avenida Marechal Carmona, perto do Estádio da Luz. É claro que muita gente já sabe o que ali se passa. Ou, pelo menos, já sabe como ali passa: com um credo na boca, os olhos arregalados quando houve uma chiadeira um tanto mais violenta, uma dor aguda nos intestinos com certo ruído característico. E que, em toda a extensão (e não é pequena) a avenida não tem uma única passagem para peões.

O que quer isto dizer? Pois bem, senhor director, toda a gente sabe como são os motoristas. O que querem é chegar depressa e nem se lembram que eles vão bem instalados

e nós, que também não temos assim tanto tempo, vamos a pé. Como se isso não bastasse, temos de ouvir as injúrias que eles queiram deitar boca fora, mesmo depois de termos escapado por um triz. É que a mim não me metem eles medo e depois das basófitas aceleram e desaparecem. Isto é um exemplo bem significativo do civismo que por aí reina.

Mas vamos imaginar que acontece um acidente. A culpa não é, também por hipótese, do automobilista: ele vinha cumprindo tudo o que está escrito e aquilo que ele tem medo de que esteja escrito sem que disso tenha conhecimento. O peão vai a deitar contas ao ordenado, ou ao preço dos sapatos, ou ao caso do aumento do preço do azeite. Pois bem: num período de segundos, o homem é atropelado (pode ser uma criança, um velho, uma mulher).

Vamos a apuramento das responsabilidades. A culpa não

é do automobilista. A culpa será do peão? Parece que também não. Porque das duas uma: ou dá a volta toda para não atravessar as faixas de rodagem, ou atravessa mesmo. Não há hipótese, porque não existem passadeiras, como já disse. Então a culpa também não é do peão.

De quem será? E se o homem morre depois de transportado ao hospital? A culpa será dos médicos, do peão que se deixou atropelar, ou do automobilista que podia muito bem dar uma voltinha e não circular pela Marechal Carmona a fim de arranjar sariinhos?

Bem, senhor director. Não quero tomar-lhe mais tempo. Mas se tiver algum domingo livre, exactamente daqueles em que há futebol com o Benfica, dê por aqui um passeio. Terá muito que ver e, se não houver nenhum acidente, até pode acontecer que ria um bocadinho. E com gosto, isso lhe juro eu.

CACILHEIROS:

Um mal que sempre dura?

Os cacilheiros e as questões que originam as suas deficiências voltam às nossas colunas, pelas palavras de um nosso leitor que mora em Almada e trabalha em Lisboa:

«Não direi que se trata de uma infelicidade morar na margem esquerda do Tejo. Mas muitas vezes, tanto eu, como a minha mulher, nos arrepen-

demos de aqui termos alugado casa. E isso acontece quase sempre, quando, pela manhã, as pessoas saem de casa, com a pressa comandando os gestos. Então, começa mais uma maratona para que a hora marcada no relógio de ponto esteja de acordo com a que o patrão nos convencionou.

Depois de sairmos da porta

da nossa casa, temos que andar qualquer coisa como uma centena de metros para poderemos apanhar um autocarro até Cacilhas. Embora muitas vezes estes transportes sejam deficientes porque vêm cheios, porque demoram mais um pouco, será justo afirmar que apesar de tudo não são muito deficientes.

O pior é quando desembarcamos em Cacilhas e tomamos o barco. Já nem penso nos dias de nevoeiro. Ai é o cúmulo. Para quê falar das condições em que se viaja, sem ar, em pé, com pessoas como se aquilo fosse uma lata de sardinhas?

Quero é chamar a atenção para um caso: Suponhamos, o que acontece quase todos os dias, que há muita gente e os cobradores têm que ser mais lentos. Então, por um «estranho» sincronismo, o barco navega mais devagar, a atracagem demora — e um homem a ver passar o tempo. Pode demorar quinze minutos mas pode passar largamente os vinte. E não há protesto que seja ouvido. Como se isto não bastasse, muitas das vezes ficamos ao largo do pontão, aguardando a vez, porque a extensão acostável não é bastante. Quando se põe fim a isto?»

Funcionários ultramarinos

O nosso leitor sr. João Castro Barbosa, actualmente a residir na Pontinha, mas que tem prestado serviço como funcionário público em Moçambique, enviou-nos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Foi pelo prof. dr. Marcello Caetano autorizado o aumento de 15 por cento nos vencimentos do funcionalismo público.

Foram publicados decretos que dão cumprimentos ao citado aumento, excluindo os funcionários ultramarinos, que aguardam por sua vez o decreto que lhes dê o direito ao mesmo aumento.

Ora vejamos: os pequenos funcionários, quando vêm à Metrópole, só recebem o vencimento base. O vencimento complementar e subsídio de renda de casa, determinado pelo dr. Rebelo de Souza, então governador-geral do Estado de Moçambique, são coisas que deixam de receber.

Por isso mesmo deveriam receber o referido aumento a partir daquela data, por estarem na Metrópole de licença graciosa ou licença de Junta, impedidos de auferir, portanto, as regalias acima apontadas, o que não acontece aos que se encontram nos Estados ultramarinos.

Deveria levar-se em consideração o direito que assiste aos que trabalham com 100 por cento de humidade e com 30 ou 40 graus de calor, de modo a que pudessem vir à Metrópole de quatro em quatro anos e não de cinco em cinco ou de sete em sete, como agora acontece. São centenas, pelo menos, os funcionários que, prestando serviço no Ultramar, se vêem privados dessa regalia sempre que vêm à Metrópole. No meu caso particular, as dificuldades que esta situação me cria têm sido muitas, pois sou pai de três filhos. Mas é, sobretudo, o problema visto numa perspectiva geral, que eu considero digno de atenção dos nossos governantes.

Geólogos querem uma ordem

A III Reunião Nacional dos Geólogos vai decorrer na manhã do próximo domingo, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, com vista à eleição de nova comissão proponente da Ordem dos Geólogos.

No decorrer da II Reunião Nacional dos Geólogos, realizada em Cascais, em 3 de Maio de 1970, foram discutidos vários assuntos relacionados com a criação de um organismo sindical dos geólogos e eleita a comissão proponente, a quem foi confiada a responsabilidade de organizar o processo de criação da Ordem dos Geólogos, em bases que mereceram, então, a aprovação geral traduzida por declarações assinadas de adesão. Desde então, tem vindo uma parte da comissão proponente, com o auxílio de alguns profissionais que anteriormente haviam participado da Comissão Regional do Sul, a trabalhar na organização do referido processo, trabalho moroso dado

que se pretendeu reunir às adesões recebidas na reunião o maior número possível de outras.

Em meados de Outubro do passado ano pôde a comissão finalmente, considerar como pronta para dar entrada no Ministério das Corporações a proposta de criação da Ordem, e com o intuito de auscultar previamente a reacção do Ministério, submeteu oficiosamente o texto da proposta à apreciação de entidades que sobre ele teriam que vir a dar parecer.

Dessas consultas oficiosas, que se prolongaram até final do mês de Fevereiro passado, resultou a convicção de que sem algumas alterações, que obrigariam ao afastamento das bases aprovadas na reunião de 1970, dificilmente seria aprovada a criação da Ordem.

As objecções apresentadas à proposta, tal como foi formulada, respeitavam, essencialmente, a dois aspectos.

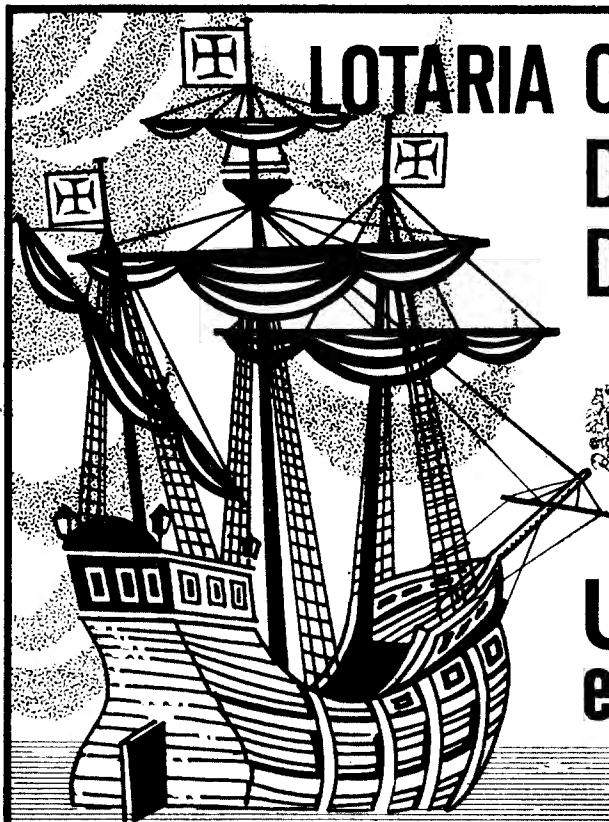
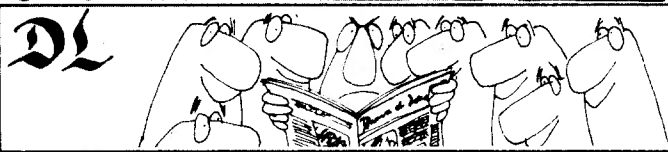
1 — O âmbito territorial da Ordem, o qual, de acordo com o aprovado na Reunião Nacional dos Geólogos, se propunha abrangesse todo o espaço português; 2 — A viabilidade económica da Ordem, a qual não parecia assegurada pela receita mensal calculada com base na cotação de 50\$00 prevista e no número de geólogos que garantiriam a sua adesão.

No que respeita à primeira objecção o problema consiste, fundamentalmente, na existência de legislação sindical diversa e independente para a Metrópole e para o Ultramar, o que obrigaria à aprovação, não só da pro-

posta de criação da Ordem, mas também posteriormente, dos estatutos, por parte de dois Ministérios, Corporações e Ultramar, com as consequentes dificuldades e demoras agravadas, ainda, por não haver qualquer precedente.

Aos geólogos parece, portanto, preferível tentar criar, imeditamente uma ordem com âmbito territorial exclusivamente metropolitano e, posteriormente, pedir a sua extensão ao Ultramar, como tem sido feito, embora com dificuldades e ao fim de longas diligências, por outros organismos sindicais.

--Também o desejo de designar por Ordem o organismo sindical dos geólogos, deu lugar a dúvidas por parte de algumas entidades consultadas. As dúvidas resultam de não ter sido ainda criada qualquer nova ordem ao abrigo da actual legislação sindical e de a letra da mesma, literalmente interpretada, parecer indicar que será necessário criar primeiro um Sindicato para o qual se poderá pedir, posteriormente, a designação de Ordem. Embora não tenha sido esta uma opinião geralmente manifestada pelas entidades consultadas, pensamos ser sensato não apresentar como condição «sine qua non» a designação de Ordem. Na realidade esta designação não apresenta qualquer superioridade sobre a de Sindicato, excepto no que respeita a prestígio que geralmente se aceita estar-lhe associado. Por outro lado, implica certas limitações, como, por exemplo, a impossibilidade de negociar contractos colectivos de trabalho.



LOTARIA COMEMORATIVA DA DESCOBERTA DO BRASIL

SEXTA-FEIRA
4 de MAIO

UM MILHÃO
em cada fracção

NÃO CORTAR O TALÃO

CITAVO

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

J. Mendes Coelho, Lda.
O SEU CONCESSIONÁRIO
CONSULTE-NOS

R. GOMES FREIRE, 70
 TELEF. 53 98 01

LISBOA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 6-A
 TELEF. 41 124 41 17

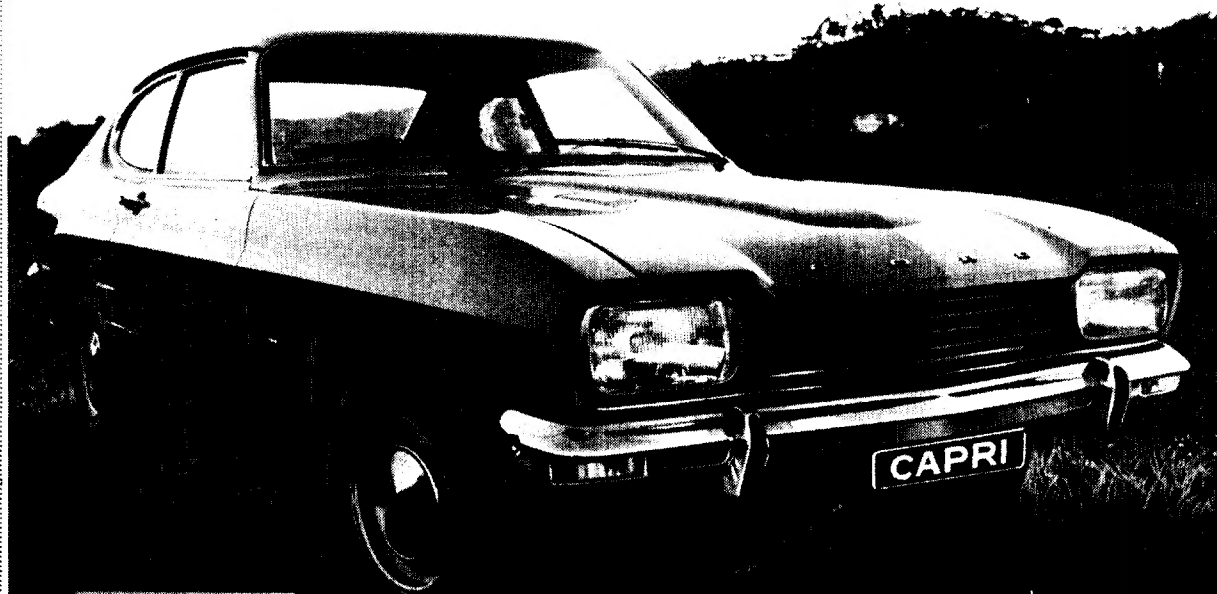


Novo Ford Capri o Capríssimo!

O Capri fez esta coisa inaudita — ultrapassou-se a si próprio. O seu «perfil» é mais acutilante — o capot tem um desenho ainda mais audacioso e a embaladeira negra torna-o ainda mais esguio. O seu «rostro» é mais agressivo — a grelha e os faróis mais largos dão-lhe a pinta dos invencíveis. Os novos desenhos dos faróis da rectaguarda tornam-no ainda mais invejado quando ele ultrapassa de noite. O painel dos instrumentos lembra o de um avião a jacto. E os bancos envolvem quem conduz em conforto, em segurança. Não falando já na suspensão, — quase um colchão de molas de hotel de muitas estrelas.

É por isto tudo que o novo Capri é — o Capríssimo!

Experimente-o nos Concessionários FORD



Ford à frente!

PAI. COMPRA UM CARRO MUITO MUITO MUITO SEGURO!

Vá experimentar
 toda a qualidade FORD na **Auto-Boavista**

AUTO-BOAVISTA, LDA.
 Rua da Boavista, 81-B (ao Conde Barão) Telefone 669141/671893 (PPC 10/linhas)



**stand
 moderno**

O CONCESSIONÁRIO



PARA O SERVIR!

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A
 RUA JOÃO SARAIVA, 15

PRÉMIOS E FLORES NO «DIA DO TURISTA»

Guido Monterrey, autor do livro «Porto — origem, evolução e transportes», e um jornalista sueco receberam ontem das mãos do director geral do Turismo, os prémios para os melho-

res livro e reportagem sobre turismo, respectivamente atribuídos pela Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses de Turismo (AJEPT). O acontecimento registou-se ontem à tarde num restaurante do Castelo de S. Jorge, numa recepção em que flores e turismo (de braço dado) marcaram presença dominante.

Enquanto em toda a cidade os turistas recebiam flores (ontem era o «Dia do turista») ali as flores recebiam prémios, as pessoas dos floristas que apresentaram as montras mais belas e originais.

Ao mesmo tempo, representantes dos vários sectores da indústria do turismo e de actividades a ela ligadas, confraternizavam. Estavam presentes, além do eng. Alvaro Roquete e funcionários da S.E.I.T., os representantes dos organismos corporativos ligados ao turismo, da Associação dos Escanções de Portugal, do Clube Chave de Ouro, do Clube dos Barmen de Portugal e da já falada Associação dos Escritores Portugueses de Turismo. Em nome desta, e depois do discurso do eng. Alvaro Roquete («Ao turismo português ninguém o segura»), falou o respectivo presidente, e nosso camarada de Imprensa, Nuno Rocha. Para agradecer a presença de todos e saudar o «Dia do Turista», que também já ninguém segura.

EM EXPOSIÇÃO

NA

**L
 I
 N
 G
 U
 I
 S
 T
 I
 C
 A**

CONCESSIONÁRIOS

FORD

EM

LISBOA

Avenida da República, 32

Linguística e agricultura em debate na Gulbenkian

A Linguística e os problemas agrícolas continuam a ser tema de discussão na Fundação Gulbenkian. Com uma sessão realizada hoje de tarde, prosseguiu a mesa-redonda sobre «Alguns problemas relativos às estruturas agrícolas nas economias em expansão», realizando-se amanhã, à mesma hora, um novo debate.

No que se refere ao seminário de Linguística, iniciado anteontem e no qual participam renomados peritos nacionais e estrangeiros, o dr. Oscar Lopes apresentou esta manhã uma comunicação sobre «Formalização lógica da gramática», tema a que este conhecido escritor e ensaísta tem dedicado particular atenção.

NOVO AGENTE GERAL DO ULTRAMAR

Foi dada por finda, a seu pedido, a comissão que vinha exercendo no cargo de agente-geral do Ultramar o dr. Francisco José Correia da Cunha Leão, inspector superior de administração ultramarina.

Para o referido cargo foi nomeado o dr. José Fernando Nunes Barata, inspector superior de economia do Ministério do Ultramar.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

AVISO

Para conhecimento dos interessados faz-se saber que o concurso público para a concessão de afixação de cartazes de papel ou tela no concelho de Lisboa, cuja realização estava marcada para hoje, dia 26, fica anulado.

A abertura de novo concurso será anunciado dentro dos próximos dias.

O Presidente,

a) António Jorge da Silva Sebastião

Ora diga-nos...

Continuará a utilizar o parque dos Restauradores depois dos aumentos de 1 de Maio?

Inaugurado há cerca de quinze dias, o parque de estacionamento dos Restauradores não tem tido o movimento espectacular esperado por algumas previsões optimistas, e isto numa fase experimenta em que aparecem muitos automobilistas atraídos pela curiosidade da inovação, e durante a qual ainda vigora o preço fixo de 2\$50 por hora. Porque a partir de 1 de Maio passará a funcionar uma nova tabela que estabelece as seguintes modalidades: no período compreendido entre as 8 e as 22 horas (1.ª hora — 4\$50; 2.ª hora — 4\$50; 3.ª hora — 7\$00; 4.ª hora — 8\$00); entre as 20 e as 24 — 4\$50 por hora; e das 24 às 8 — 1\$50 por hora.

Esta manhã, num dos acessos àquele parque, procurámos saber junto de alguns utentes se a partir da entrada em vigor das novas tarifas continuariam a deixar ali estacionados os seus carros.

Lurdes Franco, proprietária de um estabelecimento de artigos regionais, na Rua Jardim do Regedor, referiu a propósito: **Agora ainda vou deixando aqui o carro, mas a partir de Maio nem pensar nisso é bom! Pelas contas que um camarada meu já fez, um empregado do comércio que deixasse ali o carro durante as horas de serviço, acabava por gastar mais de metade do seu ordenado normal. O sistema é cómodo, é bonito, é higiénico, mas quem é que pode pagar uma tal exorbitância? Sim, quem poderá?**

Por sua vez, Luís Leote, comerciante radicado em

Nisa, que subia as escadas acompanhado da mulher, surpreendido com a pergunta do repórter e com o disparo da objectiva fotográfica, só depois de se certificar que aquilo não era nenhum inquérito com «água no bico» se decidiu a confidenciar: **Sabe, eu não sou**



Lurdes Franco: «O sistema é cómodo, é bonito, mas quem é que pode pagar uma tal exorbitância?»



José Geraudes: «Como trabalho aqui na zona e o automóvel é o meu instrumento de trabalho, não posso deixar de utilizar o parque».

nem vivo de Lisboa cá, estou aqui só de passagem. E como é só por duas ou três horas e de tempos a tempos, quase quando «o rei faz anos», a coisa não me pesa. Mas acho que os preços deveriam ser mais acessíveis, pois desta forma só as pessoas com grandes



Luís Leote: «Como só penso vir aqui duas ou três vezes por ano a coisa não me pesa»



Abílio Salreu: «Na forma actual trata-se apenas de uma inovação com hipóteses de ser utilizado pelas minorias».

possibilidades financeiras podem fazer face a uma despesa diária de tal montante.

Nem me fale nisso amigo, que até fico doente! — começou por dizer José Geraudes, agente comercial, para logo acrescentar: **Pessoalmente, esse foi o problema. Outra sobrecarga por mim quase obrigatória, a adicionar a tantas outras já existentes. Como trabalho em regime de comissões, tenho que me deslocar com frequência várias vezes por dia a locais diversos e como os escritórios funcionam na Baixa, agora que o Rossio não pode ser utilizado, tenho que recorrer ao parque três e quatro vezes por dia, e de forma alternada. E como estou vinculado à zona, mesmo com o próximo aumento das tarifas, não poderei prescindir da sua utilização, já que o automóvel é o meu instrumento de trabalho.**

Para terminar este breve inquérito abordámos ainda Abílio Salreu, inspector de vendas, que quase a correr nos afirmou: **Apesar dos novos preços serem bem mais puxados, o meu tipo de actividade, com inúmeros clientes nesta zona, não me permite deixar de utilizar o parque. Mas era bom que este tipo de «silos» funcionassem a preços mais populares e que existissem em maior número na periferia da cidade, pois só assim poderiam ter um verdadeiro interesse público. Na forma actual trata-se apenas de uma inovação com hipóteses de ser utilizado pelas minorias.**

em 3 linhas

Está constituído o júri das provas de doutoramento em Agronomia, na especialidade de Pedologia e Conservação do Solo, a prestar pelo dr. António Augusto Guerra Réfega na Universidade de Luanda.

No dia 30, às 12 horas, na sede do Metropolitano proceder-se-á ao sorteio de 2 605 obrigações, 4 por cento, 1962-1978, que hão-de ser amortizadas em 15 de Junho próximo.

Foram nomeadas as respectivas comissões para organizar os pontos das provas escritas dos exames de aptidão para a primeira matrícula nas Universidades de Coimbra, Lisboa, Porto, Luanda e Lourenço Marques, Universidade Técnica de Lisboa, Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e Porto e Instituto Nacional de Educação Física («Diário do Governo», 2.ª série, n.º 97).

Foi nomeado o dr. Fernando José Bastos de Toscano Rico definitivamente no lugar de assistente do Instituto de Oftalmologia do dr. Gama Pinto.

A dr.ª D. Maria Octávia Pimentel Burnay, graduada de cirurgia dos Hospitais Cíveis de Lisboa, foi nomeada assistente do Instituto de Medicina Legal.

Foi aprovada a constituição da Adega Cooperativa da Labrugeira, S.C.R.L., com sede e principal estabelecimento naquela localidade e circunscrição limitada à área das freguesias de Abrigada, Cabanas de Torres e Ventosa (Alenquer).

No Caminho de Ferro da Beira (Moçambique) está aberto concurso para arrematação da empreitada de construção da variante entre Chainça e Mune, na base de licitação de 6 575 000\$00.

Foi mandada extinguir a instituição particular de assistência social da Ilha de Santa Maria, com sede em Vila do Porto (Ponta Delgada), cujos bens e valores revertam para a Misericórdia daquela vila.

Foi nomeado adjunto da Direcção Escolar do Distrito de Beja o professor António Rodrigues Estêvão, que deixou o cargo de presidente do Município de Castro Marim.

Foram aprovados os novos estatutos da instituição de assistência particular, Comissão de Beneficência de Rates, concelho de Póvoa do Varzim, a qual se designará por Centro de Bem-Estar Social para Pessoas Idosas.

Está aberto concurso, com dispensa de documentos, para provimento de um lugar de ajudante de escrivão do Tribunal de Trabalho de Évora.

Foi nomeado o dr. Herlânder Lopes Duarte vogal representante do ministro das Finanças e Economia na Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa e chefe do subserviço especializado de Finanças Públicas. Substitui a dr.ª D. Etelvina de Jesus Magalhães Torroais Valente, exonerada a seu pedido e com público louvor.

O dr. Tomás Ferreira Lima Benrós foi nomeado comissário provincial da Mocidade Portuguesa de Cabo Verde.

Mercês honoríficas

Foram condecoradas as seguintes personalidades com os graus referidos das Ordens indicadas: Militar de Cristo, conde Serge De Robiano, belga; escritor prof. Viana Moog, brasileiro e D. Pedro Ortiz Arment

gol, espanhol, grau de comendador e rev. Luís Gonzaga Mendonça, de nacionalidade americana, oficial; do Infante D. Henrique, D. José Luiz Mesia y Giménez (marquês de Buisson) e D. Jaime Delgado, espanhóis, grã-cruz e D. Carlos Manuel Fernández-Schaw y Baldasano, também espanhol, grande-oficial; e D. Pilar Vasquez Cuesta e D. Manuel Carrión Guitiez, igualmente espanhóis, comendador.

Microscopia electrónica

Começam amanhã as conferências integradas na Semana da Inauguração do Laboratório de Microscopia Electrónica da Faculdade de Ciências de Lisboa, que se realizam no anfiteatro de Botânica, pelas 18 e 30 horas. A iniciativa é da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, em colaboração com o Instituto Botânico. Amanhã, a 1.ª conferência estará a cargo do dr. Agustín Buiton Sonelana, e tem por título «Estudios Electromicroscópicos de la hipertrofia cardíaca. Aspectos cualitativos e cuantitativos». Depois de amanhã, falará o prof. Jaime Merchan, acerca de «Los campos de investigación en Microscopia Electrónica en el Hospital Clínico de Madrid».

"O mundo em que vivemos"

A convite da secção de fotografia da Casa do Pessoal da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o fotógrafo Orlando Baptista apresenta, pela primeira vez, em Portugal, uma sessão audio-visual subordinada ao tema social «O Mundo em que vivemos».

A sessão realiza-se no dia 2 de Maio, às 21 e 30, nas dependências da Casa do Pessoal, na Calçada da Glória 53. A entrada é livre.

A CONCORRÊNCIA DOS PAÍSES DE LESTE AMEAÇA EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS

A indústria aguarda com impaciência a regulamentação da Lei de Fomento Industrial, afirma o conselho de administração das Fábricas Mendes Godinho no relatório de actividades de 1972. Em seu entender, a Lei de Fomento Industrial define «com evidente clareza que a expansão da economia nacional se deverá basear na empresa concentrada, com dimensões e estruturas capazes de assegurar uma gestão eficiente e um progresso tecnológico, e não na pulverização de pequenas empresas competindo desregradamente em produtos de baixo valor acrescentado».

A regulamentação da Lei de Fomento Industrial não é desejada apenas por permitir acelerar a concentração industrial em curso. É também esperada com impaciência por dever facilitar os meios de financiamento adequados aos projectos de expansão das empresas que, como as Fábricas Mendes Godinho, «fazem desde há anos a prova da sua maturidade e continuam atestando o seu grau de adaptação ao condicionalismo da liberalização económica».

O conselho de administração das Fábricas Mendes Godinho sublinha que a empresa tem enfrentado sem pro-

tecções a concorrência no mercado nacional e nos mercados exteriores. Para se manter esta situação de competitividade, sobretudo depois da entrada em vigor do acordo comercial entre Portugal e o Mercado Comum, terá de manter uma constante evolução técnica dos produtos e um grau de diferenciação sempre maior, haverá que assegurar uma elevada taxa de crescimento da produção. A maior diferenciação dos produtos é exigida pela concorrência «desregrada» dos países do Leste e dos países do Terceiro Mundo em vias de industrialização. A concorrência dos países de Leste faz-se sentir particularmente pelo que toca às placas para a construção civil: «No entanto a formidável produção em vias de arranque nos países de Leste, que como é hábito se dedicam exclusivamente ao fabrico standard, exige-nos um esforço muito grande sobre a melhoria de qualidade e fortalece a nossa convicção da necessidade e urgência de diferenciação

rapidamente a nossa produção e entrar decididamente no campo dos acabamentos e das especialidades». Ainda este ano, deverá arrancar a indústria de acabamentos. Também este ano, deverá iniciar-se

a produção de placas revestidas, graças a um contrato de licenciamento firmado com um fabricante norte-americano e que se estende a todo o Mercado Comum.

Durante o ano passado, a firmeza da procura e dos preços, resultantes do crescimento da economia nacional e da expansão da economia ocidental, compensaram generosamente o agravamento de custos suportados pelas Fábricas Mendes Godinho. As vendas das produções conjuntas das fábricas Platex somaram 179 mil contos, contra 144 mil no ano anterior. Embora não tivesse havido acréscimo de consumo no principal comprador mundial, a Grã-Bretanha, o surto da construção civil nos Estados Unidos, e em outros países altamente industrializados, assegurou posição muito firme às placas de tipo standard. Quanto aos alimentos compostos da indústria Sol, a produção e as vendas aumentaram 37 por cento em relação a 1971. E iniciou-se, este mês, a produção de alimentos granulados. Pelo que toca à indústria de moagem, as vendas atingiram o montante de 19 746 contos, mais 1200 contos do que no ano anterior. Sublinhe-se que a percentagem de farinhas extraídas passou de 74,103 por

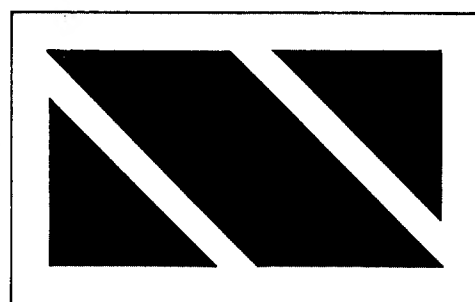
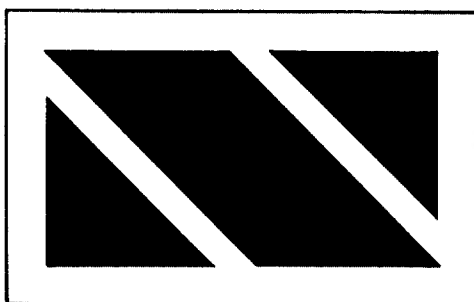
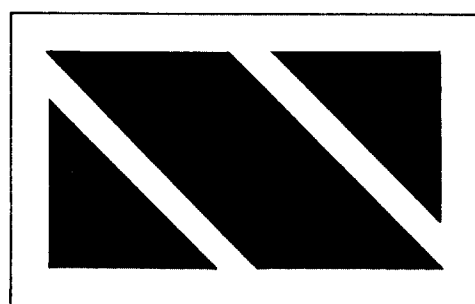
cento em 1971 para 76,800 por cento em 1972, o que atesta o alto nível tecnológico da indústria. Graças a uma conjuntura de vendas favorável, a indústria de extracção de óleos produziu 396 mil toneladas, contra 147 mil em 1971. As três fábricas de cerâmica da empresa registaram uma ligeira quebra de produção. Conseguiram, no entanto, as maiores vendas de sempre, quase vinte mil contos, por ter melhorado o preço do barro produzido. O relatório das Fábricas Mendes Godinho lamenta que não tenha sido possível em 1972 concluir as negociações relativas ao complexo industrial de Palença:

«Com a instalação da unidade de extracção de óleo de soja, praticamente concluída, ante o interesse repetidamente demonstrado pelo Governo pela construção do silo portuário, em face da carência de farinhas de soja e óleos alimentares no país que conduz a importações de ano para ano mais vultosas, é legítimo pensar que estará iminente a decisão governamental relativa ao levantamento das restrições que impedem, caso único na Europa, que o óleo de soja seja utilizado no País para fins alimentares».



NACITAL - COMPANHIA NACIONAL DE COMÉRCIO E METALURGIA, S.A.R.L.

Está presente
com a solidez, elegância e funcionalidade
do seu **mobiliário de escritório**
nas novas instalações da
PLESSEY - AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.
na Quinta da Princesa em CORROIOS



acital

NACITAL - COMPANHIA NACIONAL DE COMÉRCIO E METALURGIA, S.A.R.L.

SERVIÇOS COMERCIAIS

Rua do Conde de Redondo, 62-3.º Tels. 53 94 34 - 56 19 82 - LISBOA 2

SALÕES DE EXPOSIÇÃO

Rua do Conde de Redondo, 64-C Telef. 53 28 53 LISBOA 2

Rua da Alegria, 1726 Tel. 48 216 PORTO

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS

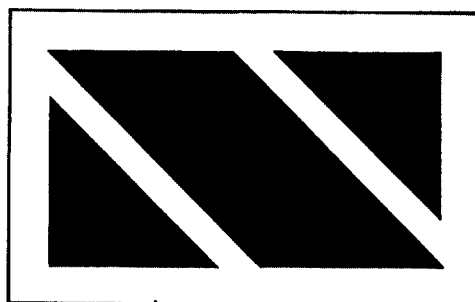
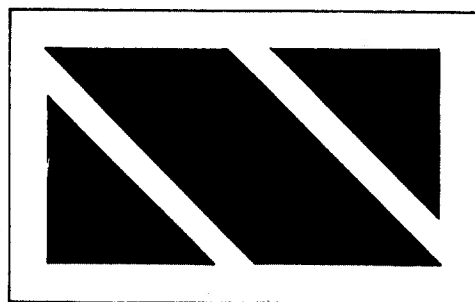
Quinta da Francelha de Baixo (à Rotunda da Encarnação)

Tel. 252 28 11/2/3/4 (PPCA) End. Teleg. - Nacital SACAVÉM - LISBOA

ARMAZÉNS

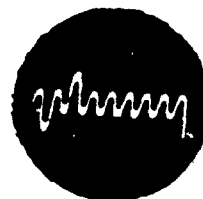
Rua Dr. Costa Sacadura, 3 - Portão D, n.º 6 Tels. 31 07 55 - 31 14 22

OLIVAIS SUL - LISBOA





FÁBRICA PRINCESA



JAYME DA COSTA

MECÂNICA E ELECTRICIDADE, SARL
LISBOA * PORTO * LUANDA

ORGULHA-SE DE TER SIDO ESCOLHIDA POR

PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

PARA A EXECUÇÃO DE:

- POSTO DE SECCIONAMENTO DE 30 KW
- POSTOS DE TRANSFORMAÇÃO DE 1890 KW
- QUADROS GERAIS E PARCIAIS DE B.T.
- INSTALAÇÃO DE ILUMINAÇÃO E TOMADAS

DA SUA NOVA UNIDADE FABRIL EM QUINTA DA
PRINCESA — CORROIOS.



Consolidated Pneumatic

SÍMBOLO DE ALTA QUALIDADE E EFICIÊNCIA
NA TECNOLOGIA DO AR COMPRIMIDO

ESTAMOS TAMBÉM PRESENTES

NA:

PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA,

S. A. R. L.

NA SUA NOVA FÁBRICA EM CORROIOS
COM DOIS GRUPOS ELECTRO-COMPRESSORES
ROTATIVOS CLASSE «R»

DE FABRICAÇÃO:

CONSOLIDATED PNEUMATIC TOOL COMPANY LIMITED

Representante Exclusivo:

Rodafe

REPRESENTAÇÕES, MÁQUINAS E ACESSÓRIOS, LDA.
Av. 24 de Julho, 128, 2.º — Lisboa 2 — Tel. 678088 (3 linhas)



HONORATO HENRIQUES, LDA.

SEDE: R. ALEXANDRE BRAGA, 8-B, 8-C. - SUCURSAL: AV. DUQUE D'AVILA, 40-C, 40-D — LISBOA-1
TELEFONES: P P C 4 14 75 . 4 97 77 . 5 49 04 . 53 53 75 - TELEGRAMAS: HONORIHUES

INSTALAÇÕES ELECTRICAS
CANALIZAÇÕES
AQUECIMENTO
VENTILAÇÃO
TRATAMENTO DE ÁGUAS
ARTIGOS SANITÁRIOS
ELECTRODOMÉSTICOS
RADIO-TELEVISÃO
ARTIGOS DE BRINDE

INSTALARAM:

— ÁGUAS, ESGOTOS
E SANITÁRIOS

PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA,

S. A. R. L.

INSTALAÇÕES DA QUINTA DA PRINCESA
CORROIOS

FONSECA & SEABRA, LDA.



FORNECEU E INSTALOU:

- 1 — Central térmica por água sobreaquecida 150° C.
- 2 — Instalação de ar condicionado nos escritórios
- 3 — Instalação de ar condicionado na zona de matrizes
- 4 — Instalação de aquecimento por termoventilação do edifício de produção
- 5 — Instalação de aquecimento do edifício da cantina
- 6 — Ventilação da cozinha
- 7 — Produção de águas quentes sanitárias

CAMPO DOS MARTIRES DA PÁTRIA, 11 — L I S B O A



"FÁBRICA PRINCESA"



FAMETAL

PROJECTOU, EXECUTOU E MONTOU PARA AS NOVAS INSTALAÇÕES DA
PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.
 NA QUINTA DA PRINCESA — CORROIOS

- ESTRUTURA METÁLICA DA COBERTURA
- REVESTIMENTOS
- ISOLAMENTOS
- TECTOS FALSOS

FÁBRICA PORTUGUESA DE ESTRUTURAS METÁLICAS S. A. R. L.

SEDE E FÁBRICA DE CONSTRUÇÕES METÁLICAS
 CAXARIAS — NORTE

GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS
 AV. E. U. A. 97, 2.º DTO. — LISBOA 5-

FÁBRICA DE CAIXILHARIA DE ALUMÍNIO
 S. JOÃO DA TALHA — SACA VÉM

FAMETAL

A COMPETIDORA

DE

JOSÉ PEDRO GOMES, LDA.

**FORNECEU E INSTALOU
 TODO O MATERIAL DE
 VIDRO E ESPELHOS**

RUA DOS CORREEIROS, 171

LISBOA

A nova fábrica da

PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

foi construída pela

**SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES
 AMADEU GAUDÊNCIO
 LIMITADA**

SEDE: R. Alexandre Braga, 4 — LISBOA - 1

Novas instalações da Plessey Portuguesa

A «Plessey Automática Eléctrica Portuguesa, S.A.R.L.» empresa com sede em Cabo Ruivo e que se dedica ao fabrico de estações telefónicas, material de telecomunicações e telefones dos modelos mais avançados, inaugurou esta manhã as suas novas instalações em Corroios-Amora, área do concelho de Setúbal, tendo às cerimónias presidido o Chefe do Estado.

Assistiram várias individualidades, nomeadamente os ministros das Finanças e da Economia e das Obras Públicas e Comunicações, dr. Cotta Dias e eng.º Rui Sanches; o embaixador da Inglaterra, mr. Davis Francis Muirhead; e os secretários de Estado do Fomento Ultramarino, da Indústria, do Trabalho e Previdência Social e das Comunicações, respectivamente, drs. Rui Martins, Hermes dos Santos, Silva Pinto e eng.º Oliveira Martins. Presentes também o director-geral da Plessey da Inglaterra, sr. John Clark, os dirigentes e funcionários superiores da P.A.E.P., entre os quais o eng.º Basílio Caeiro da Mata, presidente da assembleia geral; e o dr. Afonso Patrício Gouveia, administrador delegado da empresa; o governador civil substituto de Setúbal, o representante do vigário geral daquela diocese e outras entidades locais e distritais, num total de 400 convidados.

O almirante Américo Thomaz, após ter recebido os cumprimentos dos administradores da empresa e das entidades presentes, descerrou uma lápida comemorativa, seguindo-se uma sessão solene no salão da P.A.E.P., durante a qual o Chefe do Estado procedeu à entrega das condecorações atribuídas aos administradores e funcionários superiores, num total de catorze.

Usou da palavra o administrador-delegado, dr. Afonso Patrício Gouveia, que começou por saudar o Presidente da República, agradecendo em nome de todos os que trabalham na empresa a honra da sua pre-



sença na inauguração do novo complexo industrial da Plessey Portuguesa.

Frisou depois os três pontos principais que contribuíram para a expansão da empresa — a política que a Administração Geral dos CTT estabeleceu quanto a qualidade e controlo de custos, «o que permitiu os triunfos obtidos na exportação; a ajuda técnica e laboratorial do Grupo da Plessey Internacional e o clima de trabalho, colaboração e dedicação entre todos os funcionários da Companhia num total de 4300.»

Por fim o dr. Patrício Gouveia agradeceu ao ministro da Economia e Finanças o desenvolvimento prestado aos organismos do Estado que apoiam a exportação, terminando por afirmar ao Chefe de Estado que a sua visita seria também «um compromisso para todos os que trabalham na empresa de forma a trazerem para o país cada vez maior número de divisas, contribuindo assim directamente para o progresso do país.»

Após a sessão, o Chefe do Estado e demais individualidades visitaram demoradamente as instalações da nova fábrica, seguindo-se um almoço na cantina do novo complexo, denominado Fábrica da Princesa.

A FÁBRICA
Na Fábrica da Princesa, que

ocupa uma área de 9000 m2, trabalham actualmente cerca de 1300 operários, sendo na sua maioria do sexo feminino. A sua produção diária é de cerca de 2000 telefones.

A Plessey Automática Eléctrica Portuguesa, que iniciou as suas actividades há 27 anos, apenas com 20 pessoas, emprega hoje 4300 pessoas, tendo o volume dos seus negócios em 1972 atingido a soma de 600 000 contos. A gama dos seus produtos engloba telefones, equipamentos para centrais telefónicas, equipamentos de comunicação e matrizes para computadores.

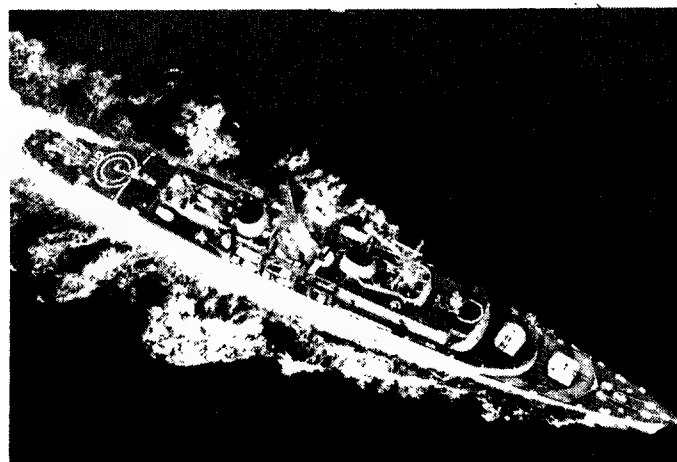
As novas instalações, que ontem foram visitadas pelos representantes dos órgãos de Informação, foram montadas há cerca de um ano e da produção da fábrica, 66 por cento é destinada ao país e o restante ao estrangeiro, nomeadamente à Argentina, Austrália, Borneo, Brasil, Canadá, Colômbia, Grã-Bretanha, Hong-Kong, Irlanda, Líbano, Malásia, Malta, África do Sul, Singapura e Venezuela.

A empreitada geral da construção da nova fábrica esteve a cargo da Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio, Lda, que para as instalações especiais teve a colaboração dos seus subempreiteiros.

Barcos de guerra nas comemorações luso-britânicas

Uma flotilha de 5 barcos da Royal Navy, sob o comando do Contra-Almirante R.B. Clayton, comandante da segunda esquadra da marinha de guerra britânica, vem a Lisboa, de 30 de Abril a 4 de Maio, no quadro das comemorações do VI Centenário da Aliança Luso-Britânica.

Para que a visita se processe com o maior colorido e interesse estão previstas várias cerimónias. Assim dois helicópteros sobrevoarão a força naval, arvorando as bandeiras nacionais de Portugal e da Grã-Bretanha, quando a flotilha passar diante da Torre de Belém. Haverá também um desfile de contingentes das marinhas portuguesas e britânicas diante do Padrão dos Descobrimentos, onde o contra-almirante prestará homenagem aos Navegadores Portugueses depondo uma coroa no Padrão. Por outro lado a flotilha traz a bordo uma banda de fu-



Este cruzador equipado com mísseis teleguiados contra aeronaves e capaz de destruir alvos a grande distância vem a Lisboa. Razão para tal visita são as comemorações do VI Centenário da Aliança Luso-Britânica.

zileiros navais que executará a cerimónia do «Beat Re-

treat», uma das cerimónias com mais tradições e aparato dos militares britânicos.

A BBC ASSINALA OS 600 ANOS DE ALIANÇA ANGLO-PORTUGUESA

Assinalando a passagem do 600.º aniversário da assinatura do Tratado da Aliança anglo-portuguesa, a BBC transmitirá, a partir de 5 de Maio, sábado, com intervalos de uma semana, um conjunto de palestras «que reflectirão a Aliança numa perspectiva não comprometida. A Aliança será analisada através de todas as suas vicissitudes». A transmissão é

feita depois das 23 horas de cada um daqueles dias.

É o seguinte o programa estabelecido para as palestras encomendadas: no primeiro dia, o prof. Harold Livermore dará uma perspectiva histórica do tratado; uma semana depois, será o prof. Peter Russell a ocupar-se das suas origens; a terceira palestra está entregue à prof.ª Virginia Rau e a

quarta ao prof. Charles Boxer; a quinta palestra foi escrita por A. D. Francis, «na qual adopta como ponto de partida a actualização de Sir John Methuen como ministro encarregado de Portugal, nos séculos XVII e XVIII». A terminar, o jornalista Hugh Kay, autor do livro «Salazar and Modern Portugal», falará sobre «A Aliança e as duas Guerras Mundiais».

Para quem são os subsídios do Pessoal da Lavoura?

CASTRO DAIRE, 25 — Tendo em vista a obtenção do subsídio instituído para as pessoas com mais de 70 anos, e que é de cento e cinquenta escudos para as mulheres e de duzentos escudos para os homens, foram passadas na Conservatória do Registo Civil deste concelho mais de mil certidões de idade. Os interessados, de posse da certidão e de um atestado da Junta de Freguesia, em como o in-

divíduo nele mencionado tem trabalhado nos últimos cinco anos na lavoura (condição essencial) para aquele efeito), têm enviado esses documentos em carta registada para o presidente da Casa do Povo de Abravezes (Viseu).

Acontece, no entanto, que a muitos daqueles indivíduos, foi-lhes devolvida a carta e os documentos, com a seguinte nota no verso do envelope: **Devolvido por ter sido recusado pelo presidente da Casa do Povo de Abravezes.**

Chegou também ao nosso

conhecimento que os dirigentes da referida Casa do Povo só recebem os documentos em questão aos sábados de tarde e aos domingos, e entregues pessoalmente. A confirmá-lo o facto de um interessado deste concelho ter-se deslocado àquela localidade numa sexta-feira e não ter podido entregar os documentos, por os não receberem naquele dia.

Pelo exposto, urge perguntar: a quem se destina o subsídio em referência e quais são os critérios que presidem à sua atribuição?

Marchueta em Alcântara

O governador civil do distrito de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, visita no domingo, às 17 horas, a Sociedade Filarmónica Alunos Esperança, do bairro de Alcântara, onde presidirá a uma sessão comemorativa dos 123 anos de existência daquela agremiação.

ESPERE UNS DIAS

KOL
MAPLES

O MAIOR CENTRO DE MAPLES INTERNACIONAIS

MOSAICOS PLÁSTICOS

MARLEYflex

2.000 M2

moprim

DEPARTAMENTO

SCN

Sociedade de Comércio e Representações, Lda.

AVENIDA DE MADRID, 2-D — LISBOA 1
Telefs. 719191 (5 linhas)

Delegação no Norte
R. SANTOS POUSSADA, 692 — PORTO
Telef. 5 89 24

EXPOSIÇÃO MAZDA

CASQUILHO & FILHOS, LDA.

tem o prazer de comunicar aos seus Clientes e Amigos que tem em exposição até amanhã, das 9 às 24 horas, os modelos

818 SEDAN e COUPÉ
1800 ESTATE CAR
RX2 «O AUTOMÓVEL DO FUTURO»

1.º lugar na lista de automóveis importados em 1972 nos Estados Unidos da América

(ROOD TEST MAGAZINE)



MAZDA

AGENTES OFICIAIS

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 14-A — LISBOA

Mais uma sessão — a 408.ª — decorreu ontem, preenchida com a continuação das alegações do dr. Manuel João da Palma Carlos, patrono de António Champalimaud.

No propósito que anunciou, de esgotar os aspectos controvertidos no processo e de rebater todas as suspeições levantadas quer pela acusação pública, quer particular, o causídico da defesa, exibindo profundo, exaustivo e pormenorizado conhecimento de todo o processo, debruçou-se ontem sobre as circunstâncias em que António Champalimaud terá sido nomeado para o cargo de director delegado da empresa Cimentos de Leiria, anteriormente ocupado por Henrique Sommer, e acerca do conhecimento que entre os familiares e amigos de Henrique Sommer existiu da célebre carta por ele deixada a sua mulher,

na qual consignou que as suas acções da empresa de Cimentos de Leiria fossem para suas irmãs Maria Luísa e Albana.

A exposição do dr. Palma Carlos foi entremeadada por alguns comentários que trouxeram uma nota de ironia e bom humor ao ambiente normalmente austero da sala do 1.º Juízo Criminal, em especial quando citou e comentou alguns passos das declarações dos assistentes Henrique, Carlos e Maria Ana Champalimaud.

No início do seu discurso começou o dr. Palma Carlos por referir-se a um lapso que terá sido cometido na cópia de um requerimento datado de 1961 e subscrito pelo prof. Adelino da Palma Carlos, ao tempo advogado de António Champalimaud, lapso que teria sido aproveitado pela acusação particular para contrariar a afirmação da defesa de que a tão falada carta de Henrique Sommer fora por ele confiada a sua mulher, D. Palmira Diogo da Silva Sommer.

Disse o dr. Manuel João da Palma Carlos:

Ocupei ontem o tempo de V. Exas. com a demonstração abonada em múltiplos passos do processo da autenticidade da carta de Henrique Araújo de Sommer de 20/10/1942 e com a demonstração de ela haver sido entregue pela sra. D. Palmira Diogo da Silva Sommer, a sra. D. Maria Luísa Sommer.

A carta foi entregue, praticamente logo de seguida à morte de Henrique Sommer, e creio que a demonstração feita foi suficientemente concludente.

UM LAPSO APROVEITADO PELA ACUSAÇÃO PARTICULAR

Entretanto, com o objectivo que me propus de não deixar de afrontar a mais ligeira suspeição que nos autos haja sido

posta em relação a qualquer matéria factual, — principalmente se essas suspeições tiverem sido levantadas por qualquer dos intervenientes já em qualidade profissional no respectivo processo nomeadamente se alguma suspeição tiver sido levantada a respeito de qualquer tema pelo ilustre adjunto do Procurador da República ou pelos distintos advogados da acusação particular — no objectivo que me propus de produzir a minha intervenção nestes termos que relato, não quero deixar de abordar sobre esse mesmo tema uma pequena problemática.

E que, na verdade, contra a unanimidade da prova produzida nos autos nesse sentido, contra a prova produzida com dignidade de prova, para utilizar a felicíssima expressão do sr. dr. Monteiro Dinis, ergueu-se já em julgamento, uma única voz, — voz desautorizada embora, a que já ontem fiz uma breve referência.

E essa voz foi de Henrique Champalimaud, que, na sessão de julgamento de 17-7-70, produziu perante V. Exas. a insinuação que vou passar a referir.

Henrique Champalimaud, depois de ter invencionado que Henrique Sommer teria escrito a carta num momento de aflição — e digo invencionado porque nada mais nos autos corrobora o afirmado por Henrique Champalimaud — acrescentou:

«Henrique Sommer meteu a carta ou guardou a carta, na gaveta da secretária de trabalho no escritório da empresa de Cimentos de Leiria sita na Rua do Cais de Santarém, em Lisboa. Falecido o seu tio, seu irmão António ocupou o gabinete e a própria secretária do tio, onde teria encontrado a referida «carta». O achado desta «carta» deve ter sugerido a seu irmão António a ideia de que a mesma «carta» lhe podia servir ou vir a ser útil para alcançar o domínio da empresa de Cimentos de Leiria».

E evidente que o ilustre advogado que o inquiriu e ao qual Henrique Champalimaud produziu a resposta que deixei imediatamente descrita, tinha presente o requerimento de fls. 4575 dos autos, apresentado em 21 de Outubro de 1961, dirigido ao Adjunto do Procurador da República junto do 3.º Juízo Criminal de Lisboa, no processo portanto da «9.ª emissão», e onde o ilustre advogado que então patrocinava António Champalimaud nesse ano de 1961, tinha produzido a afirmação de que as acções que a senhora D. Maria Luísa tinha à data do contrato do Totta provinham na sua maioria de seu irmão Henrique Araújo de Sommer, que já em vida as depositara em seu nome e no daquela sua irmã e cuja

aplicação ele fixara numa carta — é este o ponto dos autos que interessa — que deixara na empresa de Cimentos de Leiria e dirigida às suas duas irmãs.

V. Exas. têm este pormenor perfeitamente presente porque, como vou relembrar, a ele se referiram tanto o ilustre magistrado do Ministério Público, como o meu distinto colega sr. dr. Eridano de Abreu, embora para tirarem da referência a esse facto conclusões diferentes.

Henrique Champalimaud não teria produzido a afirmação que produziu, se não tivesse lido ou tido conhecimento do requerimento de fls. 4575 dos autos.

E Henrique Champalimaud não teve pejo em levantar essa nova suspeita, não obstante saber perfeitamente que a verdade era contrária ao que ele veio aqui afirmar, — em mais uma caracterização daquele dolo processual dos assistentes, a que eu venho dando relevo no decurso destas minhas alegações, relevo a relevância, que aliás uma simples leitura do processo não podia deixar ignorada.

Era visível, de resto, que a declaração escrita no requerimento de fls. 4575, que eu à pouco li a V. Exas. não oferecia nenhum interesse probatório.

O ilustre magistrado do Ministério Público nas alegações que produziu na sessão de julgamento de 2 de Abril, bem mostrou compreender o facto, desvalorando qualquer efeito dessa parte do contexto do requerimento que dela se quizesse tentar tirar.

Como bem ponderou o sr. dr. Monteiro Dinis, não poderia, não iria, nem queria agora argumentar que se o senhor advogado disse que a carta estava na Empresa de Cimentos de Leiria é porque foi disso informado:

Poder-se-ia até acrescentar que efectivamente as confissões de factos feitos por advogados e não pelos próprios interessados nos processos não têm nenhuma relevância penal.

Porém, o sr. dr. Eridano de Abreu viria, nas suas também doudas alegações finais, proferidas em 6 de Abril, dizer que, tendo o requerimento em causa sido produzido no auge dos litígios, não podia acreditar que pudesse haver um lapso do ilustre advogado que subscreveu o requerimento.

Pois houve lapso, sr. dr. Eridano de Abreu.

Houve um lapso, e nem sequer foi de quem escreveu o requerimento, mas de quem o copiou, — não foi do advogado, advogado distintíssimo, de inconscusa honestidade, e que na sua vida profissional sempre asoberbadíssima, como nós sabemos, não pôde aperceber-se de que a palavra que ele pusera

no original do requerimento — a palavra «escrevera», fôra substituída no texto dactilográfico pela palavra «deixara».

Essa, era a verdade que ele tinha por real, em face do facto de a carta haver sido escrita em papel timbrado da Empresa de Cimentos de Leiria, — que naturalmente o papel timbrado era na Empresa que se encontrava e não em sua casa —.

Mas há mais:

Dessa forma explica-se e compreende-se também que Henrique Araújo de Sommer, tendo escrito a carta na empresa, e tendo-a levado de seguida para sua casa, para a entregar a sua esposa D. Palmira, para que D. Palmira, por sua morte, a entregasse depois a suas irmãs, ao relê-la, ou ao lê-la a D. Palmira, tivesse encontrado a entrelinha, já em sua casa — a entrelinha constituída pelas palavras, como V. Exas. se recordam, «mas àqueles» — utilizando então tinta diferente da do texto da carta, e tinha exactamente igual — que era usada por sua esposa, como de tudo se constava, através as conclusões do relatório pericial.

V. Exas. têm presente as conclusões na sua generalidade, mas têm também necessariamente presentes as duas seguintes conclusões que se encontram neste passo dos autos.

1.º Segundo o relatório pericial: a tinta com que foi escrita a frase entrelinhada é uma tinta negra, portanto nitidamente diferente da tinta do restante texto da mesma carta que é de cor azul.

2.º Aquela tinta é de tipo análogo ao da tinta ou tintas utilizadas nas cartas que o relatório designado pelos «doc.º n.º 2» e «doc.º n.º 3», — e que eram exactamente cartas do punho de D. Palmira Diogo da Silva Sommer.

Portanto, efectivamente a explicação dada, entre perfeitamente no contexto real dos factos. Porque tendo a carta sido escrita na Empresa, tendo a carta sido levada para casa, Henrique Sommer, quando relê a carta em casa, ou quando a relê a D. Palmira, acaba por pôr a entrelinha com a própria caneta, com a própria tinta de D. Palmira.

O lapso verificado no contexto do requerimento de fls. 4575 — foi-me confirmado pelo próprio ilustre subscritor desse requerimento, que informou ter-se efectivamente tratado de um erro de escrita, porquanto o que ficara consignado no requerimento, no período transcrito, foi o que eu afirmei; e não tendo logo esse erro sido detectado, não correspondia portanto o que lá ficou consignado a qualquer informação que lhe tivesse sido dada.

O CASO DA HERA

Foi-me explicado o erro material de escrita que assim se operou, e fui autorizado, como estou fazendo, a trazer o conhecimento desse erro a V. Exas.

Não poderá, portanto, o Ex.º sr. dr. Eridano de Abreu deixar de acreditar agora, em face da voz do ilustre advogado que subscreveu o requerimento, e de que eu limito, neste instante, a ser um simples porta-voz, — que o que se verificou foi um lapso, o que arrasta natural e necessariamente á absoluta inutilização, dos efeitos que o sr. dr. Eridano de Abreu pretendia alcançar desse erro de escrita.

Entretanto, era a suspeição deixada nos ares, que eu queria ver completamente afastada, e dali que eu haja, pessoalmente, obtido a informação, que há pouco fui eco: nunca se escreveu, nem nunca se quis dizer que a carta de Henrique Araújo Sommer havia sido deixada na Empresa de Cimentos de Leiria.

Estou em condições, portanto, prestado este esclarecimento com a autoridade da voz a que aqui me estou referindo e de que sou transmissor, estou em condições de passar a outro aspecto dentro da matéria factual do processo.

Ora, srs. juízes, D. Maria Luísa e D. Albana, de posse da carta que Henrique Sommer lhes havia endereçado e que sua cunhada D. Palmira lhes havia entregue — acharam-se e encontraram-se senhoras de uma força accionista, que provinha não somente da força accionista que Henrique Sommer por sua vez antes detinha, como também do prestígio da sua personalidade, que como V. Exas. sabem, se projectaria para além da sua obra e da sua morte.

A ESCOLHA DE ANTÓNIO CHAMPALIMAUD PARA DIRECTOR-DELEGADO DA EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

O certo é que encontramos nos autos, como primeiros actos das senhoras, como efectiva mente D. Albana, após terem tido conhecimento, pela entrega da carta que lhes fizera D. Palmira, de que eram as donas das acções que a Henrique de Araújo Sommer haviam pertencido, os primeiros actos que encontramos das senhoras, como efectivamente consciencializadores da sua força accionista, são aqueles que vou passar a referir a V. Exas. e que se traduziram na escolha de António Champalimaud para administrador-delegado da Empresa de Cimentos de Leiria.

Tenho para mim como abso-

lutamente seguro que D. Maria Luísa tinha conhecimento perfeito e total do amor que Henrique Sommer votava à sua obra dos cimentos, das esperanças e desejos que teria de que esse empreendimento fosse mantido pelo menos ao nível a que ele o guindara, apercebendo-se também, pelo contexto da carta, que Henrique Sommer lhe fizera chegar as mãos já depois de chegar — era seu sonho e desejo que, um ou mais dos seus sobrinhos, pudessem um dia prosseguir e manter as suas realizações.

D. Maria Luísa sabia por outro lado — neste aspecto os aumas esta verdade acha-se deles dimanante — sabia que os Sommer da Cardiga, que era poderoso grupo familiar detentor de largo número de acções na Empresa de Cimentos de Leiria, estaria interessado em guindar ao lugar que Henrique Sommer detinha em vida — portanto a administrador-delegado da Empresa — o antigo companheiro de administração dele, sr. José de Sommer Ribeiro.

D. Maria Luísa sabia, por outro lado, que seu sobrinho António já pertencia á administração da Empresa de Cimentos de Leiria, lugar para que fora eleito em 1942, consoante se vê da acta do conselho de administração num dos livros aprendidos por este processo, e que eu já tive ocasião de citar a V. Exas. D. Maria Luísa tinha também conhecimento directo das altas qualidades de inteligência e capacidade de António; e não ignorava certamente a confiança que Henrique Sommer dederia nas suas qualidades empresariais.

Assim se compreende, que D. Maria Luísa tenha procurado escutar alguns dos amigos mais queridos de Henrique Sommer, dos mais antigos da família, não só para com eles se aconselhar, mas também para, dadas as funções de comando e domínio que eles desempenhavam nas empresas, poderem utilizar a sua posição e influência, para obterem a renúncia de José de Sommer Ribeiro ao lugar a que os da Cardiga o queriam fazer ascender e obter que o lugar de administrador delegado viesse a recair na pessoa exactamente de António Champalimaud.

Uma das pessoas naturalmente indicadas para ser ouvido seria o eng. Teófilo Leal de Faria, director-delegado da Companhia Cimento Tejo, e que era velho amigo não só de Henrique Sommer, mas também do próprio pai de António, do dr. Carlos Champalimaud.



É difícil imaginar que Sam Peckinpah possa fazer um filme melhor.

(Newsweek)

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

DUSTIN HOFFMAN

no filme de SAM PECKINPAH

CÃES DE PALHA

(STRAW DOGS)

SUSAN GEORGE

Música de JERRY FIELDING Argumento de DAVID ZELAG GOODMAN
e SAM PECKINPAH Produção de DANIEL MELNICK

Um filme ABC distribuído por 20th Century-Fox

É uma estreia memorável que o

TIVOLI apresenta AMANHÃ

GRUPO D - 18 ANOS

COLORIDO

A TRADIÇÃO DA JURIVESARIA NACIONAL E DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

Juriviesaria da GUIA

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 36 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes, que amanhã, sexta-feira, dia 27, apenas podemos servir Jantares na Sala «COZINHA VELHA», por esta se encontrar reservada para um BANQUETE.

No entanto, faremos o nosso habitual serviço de Almoços e Chás na «SALA DE BANQUETES».

A DIRECÇÃO

DL/ESTRANGEIRO

Washington pretende ganhar tempo na Indochina

WASHINGTON, 26 (R.) — Ao anunciar ontem novos contactos em Paris entre o conselheiro presidencial Henry Kissinger e o representante de Hanói, Le Duc Tho, o Governo americano parece estar a querer ganhar tempo antes de reconhecer abertamente que o acordo de cessar-fogo no Vietname se malogrou, pensam os observadores políticos.

O projectado encontro entre Kissinger e Duc Tho em Maio foi anunciado pouco depois do Governo americano acusar o Vietname do Norte de ter enviado mais 30.000 homens para o Vietname do Sul através do Laos e do Camboja, desde que o cessar-fogo entrou em vigor em Janeiro.

No mês passado o presidente Nixon preveniu que estava disposto a tomar medidas militares se as violações do cessar-fogo continuassem e mais tarde, ao conferenciar com o presidente Van Thieu na Califórnia, voltou a referir-se à possibilidade de «uma reacção vigorosa» a menos que as violações cessassem.

Desde então os Estados Unidos já mencionaram numerosas violações e enviaram mesmo uma lista pormenorizada, na terça-feira, aos países que participaram na conferência internacional de Paris sobre o Vietname.

O ritmo crescente de acu-

sações e contra-acusações parece estar a contribuir para aumentar a pressão sobre o Governo americano no sentido de lançar uma acção militar, pensam os observadores nesta cidade, salientando porém que os contactos em Paris permitirão ganhar algum tempo e ao mesmo tempo avaliar as intenções dos comunistas no Laos e no Camboja, onde a aviação americana tem estado empenhada em bombardeamentos de apoio às tropas governamentais.

O encontro entre Kissinger e Duc Tho será, entretanto, preparado a partir de amanhã por conversações entre o secretário adjunto William Sullivan e o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros de Hanói, Nguyen Co Thach.

O comunicado ontem distribuído pela Casa Branca dizia que Kissinger e Duc Tho vão passar em revista a aplicação do acordo de Paris e as medidas consideradas necessárias para garantir a observação rigorosa do cessar-fogo.

CAMPANHA DE SAIGÃO

SAIGÃO, 26 (R.) — O Governo de Saigão iniciou hoje uma campanha em todo o Vietname do Sul para angariar apoio para as suas novas propostas de uma solução política, a fim de se determinar o futuro do país.

vidas humanas, as causas do malogro da Soyuz-11, foram amplamente corrigidas. Mas, desta vez, os soviéticos poderão não ter sequer a ideia do que funcionou mal na Salyut vazia.

Julga-se que houve falta de corrente eléctrica na Salyut, a qual ficou com os seus painéis solares inutilizados e um deles ter-se-á talvez separado da estação espacial soviética.

Em cartazes de propaganda que apareceram hoje na capital dizia-se que uma vitória governamental em eleições a realizar brevemente faria com que reinasse mais cedo a paz. Publicidade semelhante estava a ser feita em cidades, vilas e aldeias em poder do Governo nas 44 províncias do Vietname do Sul.

A campanha seguiu-se à apresentação ontem em Paris de um plano político destinado a acabar com o impasse nas discussões políticas entre o Governo sul-vietnamita e o Governo Provisório Revolucionário do Vietcong.

O plano incluía um pedido de eleições gerais em 26 de Agosto e a restauração de liberdades democráticas, ligada à retirada de tropas norte-vietnamitas, descritas na declaração do Governo de Saigão como «soldados não sul-vietnamitas».

CAIRO 26 — (R) — O presidente Sadat está a preparar o povo egípcio para uma crise grave no Médio Oriente e até mesmo os observadores mais cépticos, que anteriormente duvidavam das suas intenções, começam a tomar a sério os actuais preparativos bélicos.

Pequenos indícios começaram a acumular-se nos últimos dias, contribuindo para a sensação geral que reina no Cairo de que a situação está a evoluir rapidamente para um climax que poderá surgir durante os próximos meses de Verão.

Os jornais egípcios começaram subitamente a publicar

BEIRUTE, 26 (UPI-ANI) — O dirigente da Líbia, coronel Moammar Gaddafi, afirmou ontem que os árabes seriam derrotados se voltassem a combater os israelitas, e que o movimento terrorista palestino foi eliminado pelos árabes «em cooperação com Israel».

Ao ser entrevistado pela revista «Al Sayyad», de Beirute, Gaddafi condenou «as manobras supérfluas da política árabe» e os «regimes árabes impotentes que se esqueceram da Palestina e dos territórios árabes ocupados pelos israelitas».

«Uma guerra civil árabe talvez fosse a solução», acrescenta o chefe do Estado líbio.

O dirigente do conselho do comando da revolução, revela que não pode vingar-se do derrube do avião comercial líbio pelos israelitas em vinte e um de Fevereiro por-

que «não tem os necessários oficiais aéreos qualificados».

Gaddafi, que ascendeu ao poder num golpe de Estado verificado em 1969, anunciou em um discurso proferido nos princípios de Abril o início de uma «revolução cultural», e solicitou ao povo que rasgasse os livros que expõem ideologias estrangeiras, tanto ocidentais como orientais.

«Temos umas objecções básicas aos planos do Egipto e da Síria para o combate — salienta Gaddafi — pois acreditamos que o começo de uma nova batalha, com as mentalidades actuais, pode apenas conduzir a uma derrota».

«É verdade que os exércitos estão prontos e têm armamento suficiente — prossegue o dirigente líbio — mas o problema reside na tradicional mentalidade árabe que comanda essas forças. A ba-

talha pode realizar-se agora em qualquer momento, mas terminará, infelizmente, a favor de Israel».

Sobre o movimento terrorista palestino, Gaddafi acusa: «Não existe. Há emissões terroristas, mas não existem guerrilheiros. A resistência foi eliminada pelos árabes em cooperação com Israel».

«Não é por culpa dos palestinos, pois têm lutado sempre, mas foram subjugados. Não existe uma única frente de onde a resistência a palestina se possa infiltrar na Palestina ocupada por Israel» — justifica o chefe do Estado da Líbia.

Durante a entrevista, Gaddafi referiu-se também aos «jogos e manobras supérfluas da política árabe» e aos «regimes impotentes que se esqueceram primeiro da Palestina e depois das terras ocupadas em 1967».

Sadat prepara o povo egípcio para uma crise grave

nas primeiras páginas pequenas frases de incitamento à população tais como a «luta é-nos imposta» ou aproxima-se o momento dos sacrifícios».

Por outro lado a televisão oficial tem transmitido entre os seus programas pequenos «spots» gravados por dirigentes políticos que declaram: «Lutaremos até à vitória», ou ainda «preparem tudo para a hora decisiva».

Desde a derrota sofrida em 1967 na guerra dos seis dias, a propaganda egípcia nunca deixou de recordar a necessidade de serem libertados os territórios ocupados pelos israelitas

mas os apelos bélicos por vezes atingindo pontos perigosos e a maior parte dos observadores no Cairo, verifica que a situação está a atingir novamente um ponto crítico.

Os preparativos bélicos assumiram novo aspecto na terça-feira quando o Governo egípcio anunciou que vão começar a ser treinados voluntários civis no manejo de armas para constituírem núcleos de resistência e defesa territorial em caso de guerra e ao mesmo tempo revelou que o gabinete passa a reunir-se numa sala secreta de operações de onde ficará em contacto permanente com o estado maior para poder dirigir em qualquer eventualidade as operações militares.

Recentemente o Governo ordenou a construção de mais abrigos anti-aéreos no Cairo e passou a fiscalizar a construção de novos prédios para se certificar de que estão equipados com

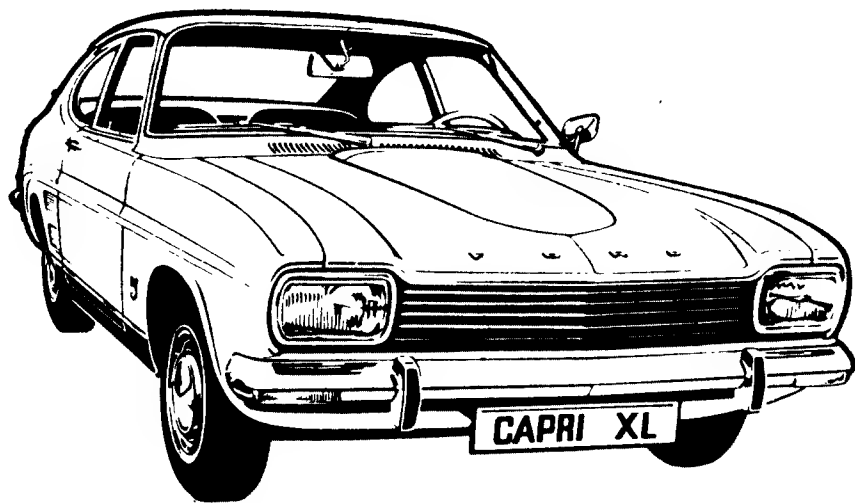
abrigos na cave, conforme manda a lei.

No Cairo e noutras cidades realizaram-se recentemente exercícios de defesa civil com ataques aéreos simulados.

A população e os turistas estrangeiros, que não tinham sido prevenidos com antecedência, chegaram a assustar-se quando numa praça central do Cairo viam chamas e fumo enquanto soavam as sireias de alarme e acorriam ambulâncias para transportar as «vítimas».

Os dirigentes americanos também parecem estar agora a ficar preocupados com as declarações feitas pelo Cairo e recentemente o secretário de estado William Rogers pediu uma suspensão da «retórica inflamatória» no Médio Oriente que continua a ser uma questão preocupante e onde as emoções e os ódios parecem por vezes tornar impossível o diálogo».

NOVA GAMA CAPRI 1973



EM EXPOSIÇÃO
EM CONJUNTO
COM
OS DEMAIS
MODELOS
FORD
NA



Ford à frente!

AUTO RALI S. A. R. L.

AV. ALMIRANTE REIS, 130 - A/E — LISBOA

FORNECEMOS

Para o Restaurante



★ Quadros Eléctricos de Distribuição

★ Calhas Electrificadas e Projectores Concord Rotaflex

★ Armaduras e Lâmpadas Thorn Lighting, Lda.

CETEC

LISBOA — Av. António Augusto de Aguiar, 21-4.º-Esq.º
PORTO — Rua Barão Forrester, 784 e 790

Fundos desviados da IOS teriam sido usados na operação Watergate

WASHINGTON, 26 (F. P. e R.) — O escândalo Watergate encontrou na pessoa do financeiro americano Robert Vesco um inesperado traço de união com o caso da «Investors Overseas Services».

Recai sobre Vesco a suspeita de ter desviado 224 milhões de dólares dos fundos controlados pela I.O.S. Ora em 1972 Robert Vesco entregou à caixa da



Bob Haldeman, o chefe de gabinete do presidente Nixon, tem sido bastante falado em relação ao caso Watergate. Haldeman é considerado como o «homem de ferro» da Casa Branca (Telefoto UPI/Teleprensa-DL.)

São inglesas as pernas europeias mais belas

LONDRES, 26 (UPI-ANI) — As raparigas inglesas têm as mais belas pernas da Europa — afirma o seu compatriota Seamus Mahan, de 28 anos, director de marketing de uma empresa que acaba de examinar as pernas de duas mil jovens europeias a fim de experimentar novos cosméticos.

Segundo os vinte entendidos que observaram todas essas pernas, as das inglesas são indubitavelmente as mais perfeitas, «quase ideais». E em segundo lugar surge as das escandinavas. As jovens francesas têm umas pernas «atraentemente atléticas», mas já as das alemãs são musculosas e, por vezes, cabeludas.

Quanto às italianas, talvez por comerem muita massa, não têm as pernas muito bem definidas — observa a equipa de peritos britânicos chefiada por Seamus Mahan, o qual diz que as pernas das suas compatriotas, para além das proporções perfeitas, ainda apresentam uma coloração de pele muito delicada e um calcanhar maravilhoso.

campanha eleitoral 200 000 dólares que provavelmente servirão para financiar a operação de espionagem e assalto à sede do Partido Democrático.

Este complexo caso e suas relações provocaram aliás encontros surpreendentes. Assim James Roosevelt, um dos filhos do antigo presidente, é uma das 24 pessoas implicadas no caso do desvio de 224 milhões de dólares. Por seu turno, Edward Nixon, irmão mais novo do presidente Nixon, é citado como tendo servido de intermediário na entrega dos 200 000 dólares à caixa eleitoral do Partido.

Entretanto, o «Washington Star News», que apoia habitualmente o Governo, declara num editorial redigido em termos contundentes que a Casa Branca «tinha concretizado algumas das nossas piores expectativas em dez das nossas mais fracas esperanças».

O jornal diz ainda que Nixon tinha de agir rápida, decidida e, talvez, impiedosamente para restaurar a fé do povo no seu Governo.

O senador Edmund Muskie declarou a noite passada em Montclair, Nova Jersey, que o Governo de Nixon estava mesmo a abusar na sua campanha de cercar o acesso do Congresso e do público a informações vitais.

Num discurso preparado para proferir no liceu de Montclair, Muskie disse também que a comunicação feita pelo presidente Nixon no princípio deste mês de que não deixará que colabo-

radores da Casa Branca depõem perante o Congresso sobre o arrombamento e escuta em Watergate não punha termo ao conflito.

«Deixa ainda por resolver uma incógnita mais importante: quem resolverá que o povo seja inteirado acerca do seu Governo?» — acrescentou o senador.

Encontro em Brasília Stroessner-Medici

BRASÍLIA, 26 (R.) — O presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner, chegou ontem a Brasília para uma visita oficial de dois dias, durante a qual assinará um acordo conjunto com o Brasil para a construção de uma barragem hidroelétrica.

Stroessner e o presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, assinarão hoje o acordo criando uma comissão mista

brasileira-paraguaia que erguerá a barragem no valor de 800 milhões de libras.

O complexo hidroelétrico, perto de sete quedas, no rio Paraná, na fronteira paraguaia, tem causado considerável tensão entre o Brasil e a Argentina que afirma que a barragem permitiria ao Brasil controlar o curso das águas do rio Paraná.

O projecto aumentará a produção brasileira de energia eléctrica em 150 por cento, sendo assim possível a exportação de electricidade para o Uruguai e Bolívia.

Gasolina mais cara

NOVA IORQUE, 26 — (FP) — A falta de gasolina prevista para este ano não afecta ainda o consumidor americano mas provocou já uma subida geral dos preços e o encerramento de várias estações de serviço, por as companhias petrolíferas não as abastecerem. Segundo o boletim «Oil Daily», o preço da gasolina aumentou 11 por cento num ano.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Casa das Novidades», Rua Jacinto Nunes, 31 GRÂNDOLA

ESPERE UNS DIAS

KOL
MAPLES

O MAIOR CENTRO DE
MAPLES
INTERNACIONAIS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA EDITAL N.º 57/73

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição—Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública conforme o preceituado nos Editais n.ºs 142/66 e 261/69, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de um ano a contar da data do presente edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos, se os veículos não forem levantados no prazo de 30 dias.

Nomes dos proprietários	Locais donde foram retirados os veículos	Matrículas
Arménio Fernandes	Avenida Madame Curie	HB-22-16
Vescor — Sociedade Comercial de Têxteis, Lda	Avenida Columbano Bordalo Pinheiro	LD-51-03
Leonel Furtado Cardoso	Rua João Frederico Ludovice	CI-37-80
Dacar — Sociedade Comercial de Automóveis e Acessórios, Lda	Quinta de Montalegre	DC-36-71
Hélder Ferreira Machado	Rua dos Soeiros	LC-15-08
Amadeu Alexandre Videira	Travessa do Açougue, a Benfica	PN-13-80
Henrique da Cunha Leitão	Rua Cecília Meireles	IG-29-33
Domingos dos Santos Lurdes Pinto	Rua Maria Pia	HH-15-99
Braz Maymone	Rua Artilharia Um	LC-15-59
Alvaro Nunes	Rua de Andaluz	DF-22-30
Ignorado	Quinta da Pimenteira	Ignorada
Ignorado	Rua Cidade da Praia	Ignorada
Ignorado	Casal Ventoso de Baixo	Ignorada
Ignorado	Calçada da Cruz da Pedra	Ignorada
Ignorado	Avenida Santa Joana Princesa	Ignorada

Paços do Concelho de Lisboa, 16 de Abril de 1973.

O Presidente
António Jorge da Silva Sebastião



Cinto de castidade

Os cintos de castidade foram incluídos, em Inglaterra, entre os artigos sujeitos à Taxa de Valores Acrescentado (TVA), um imposto do Mercado Comum. Os cintos encareceram, assim, des por cento. O fabricante, o sr. Hugessen, protestou contra a medida que considerou injusta. Na telefoto, um jovem casal com um cinto de castidade que ela usará num baile de máscaras

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

8.ª Secção de Actividade «Indústria de Alimentação e Bebidas»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º e do n.º 2 do artigo 50.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato, integrados nesta Secção de Actividade, a reunirem-se em Assembleia Geral, no próximo dia 10 de Maio de 1973, às 21 horas, nas instalações deste Sindicato, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46, 1.º, nesta cidade de Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação e Votação do Relatório da Comissão Directiva, relativo ao exercício de 1972.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 23 de Abril de 1973

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

17.ª Secção de Actividade

«COMÉRCIO DE MÁQUINAS, FERRAGENS E APARELHAGEM ELÉCTRICA»

COMUNICAÇÃO

Informam-se os sócios integrados nesta Secção de Actividade de que a Assembleia Geral para discussão e votação do Relatório da Comissão Directiva respeitante ao exercício de 1972, terá lugar hoje, dia 26, pelas 21 horas, nas instalações deste Sindicato sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º em Lisboa, conforme convocação feita, oportunamente, nos termos estatutários.

Lisboa, 26 de Abril de 1973

A COMISSÃO DIRECTIVA

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES

AFRICA — África do Sul, Moçambique, Botsuana, Angola. Este ano enriquecida com VITÓRIA FALLS. Partidas: 21, 31, 12, 7, 6, 9. **33.800\$**

JAPÃO — «O SONHO DO JAPÃO» JAPÃO - TAILÂNDIA - HONG-KONG - MACAU - FILIPINAS - PÉRSIA. Partidas: 20, 31, 12, 7, 6, 9. **37.800\$**

abreu desde **1840**

Continuação da pág. 15

nistrativa, a casa da sra. D. Maria Luísa, em função da sra. D. Maria Luísa ser nessa altura detentora de uma poderosa força accionista, em consequência do respeito que deviam à sra. D. Maria Luísa, respeito que não podia ser inferior àquele que o próprio Henrique Sommer lhe havia sempre tributado em vida.

SUPOSIÇÕES

E referindo-se ao depoimento de D. Mariana Leal de Faria, disse o dr. Palma Carlos:

Mas não é com prova deste género, com prova de suposições, com prova de comunicações, para além de prova concreta que eu transmiti a V. Exas. podem em nenhum passo dos autos dar por concluída, dar por confirmada, dar existência a uma verdade contrária àquela que dos autos ressalta.

Quando nós pensamos na dignidade probatória que os depoimentos têm efectivamente de revestir, se V. Exas. puserem em confronto a dignidade probatória aqui trazida por António Champalimaud, não podem nem encontrar sombra de confronto com a prova, sem o menor resquício de dignidade probatória, aqui pretendida trazer ou trazida pela acusação pública.

E que não pode duvidar-se que a intervenção da sra. D. Maria Luísa Araújo Sommer contribuiu importantemente para o facto de haver sido António Champalimaud quem foi designado para desempenhar, no conselho de administração da Empresa de Cimentos de Leiria, o lugar de administrador-delegado que antes pertencera a Henrique Araújo Sommer.

A testemunha de José Pedro de Carvalho Bourbon de Sommer Ribeiro narrou perante V. Exas. um episódio manifestamente significativo e necessariamente decorrente e consequente da efectivação da reunião, a que tendo a fazer referência.

Recordam-se com certeza V. Exas. de ele haver referido o facto de, alguns dias após a eleição de António Champalimaud para o lugar de director-delegado da Empresa de Cimentos de Leiria, o sr. José Pedro de Carvalho e Bourbon de Sommer Ribeiro ter encontrado em casa de seus pais, onde ele ainda vivia, as tias D. Maria Luísa e D. Albana, as quais, segundo nessa altura referiram ao depoente, ali foram «a fim de agradecerem a seu pai», José de Sommer Ribeiro, a eleição de António Champalimaud para o lugar de administrador-delegado da Empresa de Cimentos de Leiria.

A referenciação de tal episódio permite-me até concluir, que quando D. Maria Luísa chamou a sua casa os «interessados», interessados no prosseguimento das empresas, agiu não apenas em seu nome pessoal, mas também de acordo e em representação da sra. D. Albana.

Tal resulta necessariamente da circunstância de o agradecimento que se foi fazer a José de Sommer Ribeiro ter sido feito não apenas pela sra. D. Maria Luísa, que fora a única que tinha estado na reunião, mas pela sra. D. Maria Luísa acompanhada pela sra. D. Albana.

A sra. D. Luísa, portanto, ao convocar efectivamente os administradores que eu referi, ao convocar efectivamente o advogado das empresas e de Henrique Sommer, como eu também referi, a sra. D. Maria Luísa tinha estado a agir por ela e pela sra. D. Albana.

Portanto, um primeiro pormenor foi o da reunião em casa da sra. D. Maria Luísa, que saiu esclarecido da prova produzida no processo nos termos que eu deixei referidos.

TODOS CONHECERAM A CARTA DE HENRIQUE SOMMER

Concluído este ponto das suas alegações, prosseguiu o dr. Pal-

ma Carlos:

Para além deste primeiro facto em que se traduziu a publicação do texto da carta de Henrique Sommer — na reunião em casa de D. Maria Luísa logo a seguir ao falecimento de seu irmão — o que é certo é que a existência da carta, o respeito com que todos acataram a vontade dela dimanante, rapidamente chegou ao conhecimento da generalidade das pessoas, nos termos e com o alcance que há pouco defini.

Na demonstração do seu ponto de vista — de que a generalidade das pessoas conheceram a carta deixada por Henrique Sommer e aceitaram como boa a transmissão das suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria para as irmãs do falecido, D. Maria Luísa e D. Albana — o dr. Palma Carlos citou inúmeros passos do processo e depoimentos de várias testemunhas, numa autêntica barragem de provas oposta à tese da acusação.

Entre os depoimentos produzidos, realçou os das testemunhas eng.º Gastão Benjamim Pinto, amigo desde a infância de Henrique Sommer e seu colega na administração da Empresa de Cimentos de Leiria, eng.º Rocha e Mello, director-técnico da empresa e grande amigo de Henrique Sommer, Hermenegildo Wagner, António Maria Ferreira de Castro, Rufino Pereira, José Pedro Sommer Ribeiro, dr. Fernando Cruz, conhecida figura nos meios forenses e industriais, eng.º Carlos Alves, também grande amigo de Henrique Sommer, José Cruz e Silva, técnico fiscal de Henrique Sommer e de todos os familiares Sommer, etc.

Em dado passo, e referindo-se ao advogado dr. Fernando Cruz e ao eng.º Carlos Alves, presidente honorário da Associação Industrial Portuguesa, afirmou o dr. Palma Carlos:

Quero relembrar ainda a V. Exas. o depoimento do sr. dr. Fernando Cruz — que todo ele se revestiu de uma autoridade e de uma autenticidade indiscutíveis.

Ora, o sr. dr. Fernando Cruz narrou a V. Exas. que:

«quando trabalhou na Empresa de Cimentos de Leiria, em conversa havida sobretudo com os dois administradores da mesma sociedade, srs. José de Sommer Ribeiro e eng.º Gastão Benjamim Pinto por mais de uma vez lhe foi referida a circunstância de as acções que pertenceram ao sr. Henrique Sommer terem sido por ele dadas ou deixadas a suas irmãs senhoras D. Maria Luísa e D. Albana. Esta era, de resto acrescentou o dr. Fernando Cruz a ideia corrente dentro das empresas.

E sendo-lhe perguntado, se tinha ou tivera conhecimento de qual a forma por que essas acções de Henrique Araújo de Sommer teria sido dadas ou deixadas às suas referenciadas irmãs, D. Maria Luísa e D. Albana, respondeu:

«Que teve conhecimento, através do sr. Henrique Champalimaud, da existência de uma carta através da qual o sr. Henrique Sommer entregava a suas irmãs as acções que possuía da Empresa de Cimentos de Leiria, com a recomendação de, por sua vez, as deixar ao sobrinho ou sobrinhas que julgasse melhor poder continuar a obra por ele iniciada.

Tal conversa teve lugar na casa do depoente possuiu em Cascais, após as primeiras divergências que surgiram entre os irmãos, portanto sensivelmente no princípio do ano de 1957».

O dr. Fernando Cruz acrescentou ainda:

«Posteriormente àquela data, ouviu novas referências à existência de tal documento em conversas decorridas na sala do conselho de administração da Empresa de Cimentos de Leiria, onde somente se encontravam

os demais membros do conselho de administração que eram até 1964 os srs. José de Sommer Ribeiro e Gastão Benjamim Pinto, e mais tarde, por morte do primeiro, seu filho sr. José Pedro de Sommer Ribeiro».

O DEPOIMENTO DO ENG.º CARLOS ALVES

O sr. eng.º Carlos Alves traria aos autos, já em audiência de julgamento, razões perfeitamente válidas e compreensíveis, das razões da carta de Henrique Sommer — fazendo-o com autoridade resultante de uma velha amizade entre ele e Henrique Sommer, provinda já dos primeiros anos da década vinte, e traduzida, como o sr. eng.º Carlos Alves o disse, não só em contactos pessoais frequentes «como até em apoio moral e também material, que foi prestado para apoiar o lançamento da Empresa de Cimentos de Leiria, sobretudo para facilitar soluções de situações de tesouraria muito apertadas».

O sr. eng.º Carlos Alves, como já ontem referi e como agora repeti tinha perfeito conhecimento das dificuldades sofridas por Henrique Araújo Sommer e foi exactamente o sr. eng.º Carlos Alves, quem trouxe a V. Exas. notícia das preocupações manifestadas por Henrique Sommer já alguns anos antes da data da sua morte, quer sobre o futuro da Empresa, quer sobre a situação material de suas irmãs. O sr. eng.º Carlos Alves, ponderava, expondo o pensamento de Henrique Sommer que:

«deixando as acções a suas irmãs, que eram pessoas de critério, elas poderiam não só usufruir dos rendimentos enquanto vivas para terem um nível de vida semelhante ou um pouco melhor do que tinham, deixando-as depois as senhoras por sua morte aos sobrinhos que melhor pudessem ou soubessem seguir a orientação que ele próprio, Henrique Sommer, nesse momento sonhava, e que era de manter tudo unido».

Este depoimento do sr. eng.º Carlos Alves veio até trazer a notícia a V. Exas. de que efectivamente a carta de 20 de Outubro de 1942 nunca traduziu um pensamento súbito de Henrique Sommer, mas foi a forma de fazer traduzir aquilo que no seu cérebro ponderava há muitos anos.

Aliás o próprio eng.º Carlos Alves o diria — não se tratava de prova de desânimo dele, mas sim como expressão de «o desejo e a preocupação que ele tinha de dar continuidade à grande obra que tinha realizado».

Não há dúvida, srs. Juizes que a carta de Henrique Sommer de 20 de Outubro de 1942, e a colocação das acções em depósitos solidários — foi exactamente a expressão — prática e concreta, que Henrique Sommer encontrou, para alcançar os objectivos que foram expressos aqui, através da boca do sr. eng.º Carlos Alves.

LONGO E DIFÍCIL DEPOIMENTO

O dr. Palma Carlos referiu-se longamente ao também mais longo depoimento do julgamento, — o da testemunha José Cruz Silva.

Lembrou o dr. Palma Carlos as «difíceis» condições em que se processou o interrogatório desta testemunha, recheado de incidentes, que viriam a culminar na retirada do patrocínio ao advogado da defesa.

A este propósito verberou o dr. Palma Carlos o estilo de interrogatório usado: «a testemunha estava a ser submetida a um estilo de interrogatório verdadeiramente inquisitorial, metralhada com sucessivas perguntas — mal tinha tempo de responder à anterior já lhe estava a ser formulada nova pergunta».

E mais adiante sublinhando o tom do interrogatório do seu colega de acusação, dr. Eridano de Abreu disse:

Evidentemente, o distinto advogado dos assistentes formulou também perguntas sobre a mesma matéria ao sr. José Cruz Silva, noutro estilo, num estilo de interrogatório evidentemente muito mais metralhante, como V. Exas. viram, que é o brilhante estilo do sr. dr. Eridano de Abreu; pergunta, resposta, pergunta, resposta, pergunta, resposta, tudo ultra-rapidamente formulado e tudo ultra-rapidamente respondido.

E então, ao sr. dr. Eridano de Abreu, disse o sr. José Cruz Silva:

«As acções haviam ficado para as senhoras em função de uma carta de Henrique de Sommer».

«Ouvido sobre os artigos 69.º e 70.º da contestação, e nomeadamente sobre se os outros sobrinhos de Henrique Sommer tiveram conhecimento da carta e de que as acções da Empresa de Cimentos de Leiria em causa, já referidas, ficaram para as ditas senhoras D. Luísa e D. Albana, disse: que o depoente está convencido que «todos estavam convencidos» de que as ditas acções da Empresa de Cimentos de Leiria que pertenceram a Henrique Sommer, ficaram para as referidas senhoras, em consequência da aludida carta. Quando se refere a todos, refere-se aos srs. Carlos, Henrique, António, Maria Ana Champalimaud e D. Maria Helena de Sommer.

«FIGURA SINISTRA»

Mas até Constantino Sobral, o suspetíssimo Constantino Sobral, quando ouvido na Polícia Judiciária em 14 de Janeiro de 1966 afirmou o seguinte, a fls. 7537-v.º:

«Logo pouco tempo depois da morte de Henrique Sommer soube que este havia deixado uma carta onde estavam mencionadas umas disposições de Henrique Sommer, além do testamento».

Eu considero Constantino Sobral uma figura sinistra no meio deste processo.

Terei de apreciá-lo, ainda no decurso da minha alegação oral, a ele, ao seu depoimento que está recheado de contradições e falsidades, para que V. Exas. possam concluir sem sombra de mais pequena dúvida, aquilo de que a esta hora já estarão certamente seguros: de que Constantino Sobral foi pura e simplesmente uma testemunha prejura.

Mas independentemente dessa demonstração, que vou efectivar em momento próprio, não posso deixar de neste momento das alegações, abordar este aspecto do seu depoimento, concernente ao conhecimento de Constantino Sobral da existência da carta de Henrique Sommer, e ao momento em que adquiriu tal conhecimento.

E que, srs. Juizes, Constantino Sobral, logo imediatamente após ter produzido a afirmação que eu li a V. Exas. — que sabia que Henrique Sommer havia deixado uma carta onde estavam mencionadas umas disposições dele além do testamento — Constantino Sobral viria logo a seguir dizer exactamente o contrário.

E assim, no mesmo passo dos autos, no mesmo momento, procura modificar a afirmação que já produziu, acrescentando que «recordando-se melhor, só ouviu falar em tal carta já quando os irmãos estavam desavindos».

Como pôde o sr. Constantino Sobral afirmar sucessivamente, no mesmo passo dos autos, que ouvira falar na carta de Henrique Sommer, primeiro, pouco tempo depois da morte dele, ou seja em 1944; e logo de seguida, só a ouvir referir já depois de os irmãos estarem desavindos, ou seja em 1957?

V. Exas. verão, pelo que vou dizer, que Constantino Sobral não prestou apenas duas declarações contrárias nos autos, sobre o mesmo ponto. Apresentou três versões absolutamente distintas. E três versões em que a possível veracidade de qualquer delas é contrariada por outros elementos constantes do processo.

Após ter feito a demonstração do que afirmara a respeito do testemunho de Constantino Sobral, pondo em relevo algumas contradições frontais que no seu entender o invalidam completamente, o dr. Palma Carlos passou a apreciar as declarações de Henrique Champalimaud:

QUEM MUITO MENTE NUNCA ACERTA...

Mas a conjugação do depoimento de Sobral com as declarações de Henrique Champalimaud, conduzirão ainda com maior clareza à conclusão de que ambos mentiram.

O próprio Henrique Champalimaud logo na Polícia Judiciária, na acareação de 4/8/1959, disse ter visto a carta uns seis meses antes (ou seja em princípios de 1959), por intermédio de Carlos, não lhe tendo esse documento oferecido qualquer dúvida «quanto à sua autenticidade».

Entretanto acrescentou Henrique Champalimaud:

«Também tive conhecimento verbal da mesma carta por intermédio do arguido, pouco tempo depois da morte de Henrique Sommer, e como justificação do facto de não aparecerem no activo da Herança a darem ao inventário quaisquer títulos da Empresa de Cimentos de Leiria».

Foi este mesmo facto, aliás que Henrique Champalimaud confirmou na audiência de julgamento de 6/7/1970, nos termos seguintes:

«Um dia António Champalimaud chamou o declarante ao seu gabinete, onde se encontrava o sr. dr. Octávio de Brito, e mostrando-lhe de longe um mapa do inventário, ou um mapa de estudo, lhe disse:

«... Estão aqui referidas neste mapa de inventário acções da Empresa de Cimentos de Leiria, mas elas nos pertencem, pertencem às tias, o tio Henrique já lhas havia dado em vida, há uma carta...»

«Mencionaram-se para não levantar problemas com o Fisco, pois o tio Henrique era muito conhecido como sendo um dos principais accionistas da Empresa de Cimentos de Leiria».

O declarante, surpreso com esta declaração, olhou para o sr. Octávio de Brito, e este naturalmente respondeu-lhe que era conveniente, na realidade, mencionarem acções no inventário» — HENRIQUE CHAMPALIMAUD.

Esta conversa de António Champalimaud com Henrique Champalimaud, como se vê, situou-a Henrique Champalimaud (na acareação de 4-8-59) pouco tempo depois da morte de Henrique Sommer, e antes da apresentação da relação de bens no inventário.

Henrique Champalimaud informou, mesmo, na mesma acareação, que «as acções em causa não foram relacionadas no processo de inventário dado que o arguido lhe declarou, verbalmente, que o falecido Araújo Sommer deixaria as acções às suas irmãs».

Estas afirmações de Henrique Champalimaud coordenam-se perfeitamente, adentro dos factos ocorridos; e delas resulta, também, que Henrique Champalimaud esteve sempre perfeitamente a par da evolução, tanto do processo fiscal do imposto sucessório, como do processo de inventário.

Portanto, as conversas que

Henrique Champalimaud, na acareação de 4-8-1959, confirmou terem sido duas, são as seguintes:

a) Uma com António Champalimaud, a justificar as razões da não inclusão das acções da Empresa de Cimentos de Leiria, como activo da herança;

b) Outra com o dr. Octávio de Brito e com António Champalimaud, em que foram ditas as razões por que, não obstante as acções da Empresa de Cimentos de Leiria pertencerem às irmãs de Henrique Sommer, deviam pelo menos parcialmente ser incluídas no inventário.

E estas conversas tiveram lugar entre 26 de Junho e 1 de Setembro de 1944, porque essas são as datas em que foram tomadas as posições que Henrique Champalimaud, ali com exactidão, referiu na sua mencionada acareação.

Henrique Champalimaud, de resto — e embora referindo-se já então a uma conversa só — localizá-la-ia, em julgamento, em Agosto de 1944.

Mas o que importa agora frisar é que Henrique Champalimaud, como disse na acareação, teve, portanto, e na verdade, conhecimento da carta de Henrique Sommer «pouco tempo depois» da morte deste e teve conhecimento e esteve, portanto, conscientemente a par das hesitações e dúvidas que haviam de orientar a apresentação definitiva das relações de bens, tanto no processo da liquidação do imposto sucessório como no processo de inventário — onde, aliás, havia necessidade de serem tomadas posições coincidentes.

Mas o que espanta, neste processo, e por parte dos assistentes, é a maleabilidade com que tomam posições, com que modificam as afirmações anteriores quando tanto lhes convém, ou supõem que convém, é a facilidade com que concertam falsidades, e a impunidade com que as ditaram para os autos.

Efectivamente, em julgamento, na já citada sessão de 6-7-70, Henrique Champalimaud referindo as duas diferentes conversas, que citara no auto de acareação, como se tivesse tido lugar na mesma ocasião, quis com isso procurar minimizar o seu conhecimento da carta de Henrique Sommer que, no entanto, não teve coragem para dizer que ignorava.

Situa já essa única conversa, como disse atrás, em Agosto de 1944.

Mas lá terá pensado, ou lhe terá sido aconselhado pelo mano Carlos, que tal teria inconvenientes, porque contradizia a ignorância que os manos se arrogavam da tramitação do inventário.

E, vai daí, dizendo rectificar o que afirmara e sem se lembrar que a conversa que referira só tem sentido localizada antes da apresentação das relações de bens: — as acções «mencionaram-se» e não as acções «mencionaram-se» — afirma que a conversa com o seu irmão António só tivera lugar depois da vinda que António empreendera a Moçambique, para onde partira em Outubro de 1944, e de onde só regressou em Abril do ano imediato, em 10 de Abril de 1945.

E porque é que a conversa só tinha sentido, nos termos em que ele expressou, localizada antes da apresentação da relação de bens no processo de liquidação do imposto sucessório?

V. Exas. ouviram-me, há pouco, ler e até sublinhar o que consta efectivamente dessas declarações de folhas 9641.

Henrique disse que «as acções mencionam-se para não levantar problemas com o fisco». Henrique Champalimaud não vem dizer as acções «mencionaram-se» para não levantar problemas com o fisco; Henrique Champalimaud diz «as acções mencionam-se». Está a dar uma explicação em relação a um acto que se vai praticar,

Continua na página seguinte

HERANÇA SOMMER

Continuação da pág. anterior

em relação a um facto que ainda tem de ocorrer.

Portanto, quando vem dizer que a conversa só teve lugar depois do regresso de António de Moçambique, é evidente que Henrique Champalimaud faltou à verdade.

Evidentemente, é inquirido para esclarecer a razão destas divergências.

E no esclarecimento que pretende dar, Henrique Champalimaud mentiu, com um descaramento impressionante, de acordo com o que se vê a fls. 12.204 verso dos autos, na sessão de julgamento de 22-1-71; mentiu ao dizer que foi depois do regresso de António Champalimaud de Moçambique, a primeira vez em que ouviu falar de uma carta tradutora de possíveis vontades de seu tio Henrique, pois até então nunca ninguém em tal lhe falara. E pretextou que à data da acção estava em estado de esgotamento físico e mental e consequentemente só assim se explicava ter produzido afirmação contrária, ao ter localizado as conversas ou a conversa que tinha referido, em Agosto de 1944.

Mas o sr. Henrique Champalimaud também estava em estado de esgotamento físico e mental quando em 6 de Julho de 1970 localizava a conversa com António e o dr. Octávio de Brito em Agosto de 1944?

E que era já a segunda vez que o sr. Henrique Champalimaud localizava a conversa efectivamente em Agosto de 1944!

Depois de em 6 de Julho ter efectivamente localizado a conversa em Agosto de 1944, de harmonia com a localização que já tinha dado na Polícia Judiciária, na sessão seguinte Henrique Champalimaud vem dizer: não, não foi efectivamente em Agosto de 1944, foi durante o mês de Outubro de 1944, mas sempre em data posterior a 23 de Outubro.

Mas quando Henrique Champalimaud vem localizar, como se vê desse auto, a conversa depois de Outubro, depois de 23 de Outubro, é evidente que a conversa também não podia ter tido lugar nessa altura, porque em 23 de Outubro António Champalimaud tinha exactamente partido para Moçambique.

Portanto, Henrique Champalimaud convenceu-se, ou foi-lhe alertada a atenção para o facto de, mantendo a afirmação de que a conversa se operara em Agosto de 1944, isso implicava o conhecimento por parte dele da tramitação do inventário, portanto Henrique Champalimaud tinha logo, na seguinte sessão, de vir indicar uma nova data.

E porque é que ele indicou 23 de Outubro, esquecendo-se então que nessa altura não estava cá seu irmão António? Porque era precisamente quando o inventário estava terminado, quando as custas de inventário estavam pagas, quando ele tinha já pago as custas do inventário.

Portanto Henrique Champalimaud, só a partir desse momento, é que podia localizar uma conversa. Mas mentia mais uma vez, como digo, mentia mais uma vez porque não podia ter tido com António Champalimaud, a partir de 23 de Outubro de 1944, uma conversa, na medida em que António Champalimaud não se encontrava aqui no continente.

E por isso mesmo, e em momento posterior, acaba por apresentar a terceira versão, que eu referi a V. Ex.^a, de que a conversa então já tinha tido lugar a partir de Abril de 1945...

E então era em Abril de 1945 que o sr. Henrique Champalimaud tinha conhecimento de que se iam mencionar no processo do inventário acções da Empresa de Cimentos de Leiria? Num processo de inventário que já estava ultimado há

imensos meses?

Mas se Henrique Champalimaud é um esgotado físico e mental, que crédito pode merecer qualquer uma das coisas, das muitas coisas que ele afirmou?

Que crédito pode merecer a mais ínfima das considerações, ou das afirmações que produziu perante V. Exas.?

Mas há mais.

Ele também estava debilitado quando em 20 de Dezembro de 1965 a fls. 7524 verso, confessando na Polícia Judiciária a sua participação na «liquidação do activo e passivo do espólio deixado por Henrique Sommer» e que participara na elaboração do «dossier» Herança juntamente com o Sobral, trocando a tal respeito impressões com António, também estava esgotado quando acrescentava que «foi numa dessas trocas de impressões que o mesmo lhe declarou, ao mencionar-lhe uma determinada relação de acções dadas ao inventário, que aquelas só eram dadas ao inventário para efeitos fiscais visto as mesmas serem das tias, que, para tais efeitos, o irmão António disse ainda que as acções eram por empréstimo dadas ao inventário, findo o que regressariam à posse das tias».

Se as acções regressariam à posse das tias após o inventário, e se este se ultimara em Outubro de 1944, tendo sido até Henrique quem pagou as custas finais dele, já na ausência de António em Moçambique, como é que podia ser dito a Henrique, só depois de Abril de 1945, que as acções regressariam à posse das tias depois de findo o inventário se Henrique estava farto de saber que a tal data o inventário já estava mais que findo?

E que, efectivamente, tal como disse em relação a Constantino Sobral, em relação a Henrique Champalimaud só se pode aplicar o provérbio: «Quem muito mente, nunca acerta».

Nesta audiência de julgamento, com desrespeito pela verdade, com desrespeito por V. Exas., Henrique Champalimaud — tal como sucedeu efectivamente com Carlos Champalimaud — inventou à vontade tudo quanto lhe parecia útil, «rectificando» tudo quanto lhe convinha, com vista a tapar as sucessivas e crescentes brechas da fantasmagórica acusação que tinham conseguido ver recebida contra seu irmão António, e cujas brechas tentavam colmar com novas invenções de cada vez que efectivamente se tornava difícil um pequeno por menor dos autos.

E a concluir, rematou o dr. Palma Carlos:

Isto acredita-se?

Ambos mentiram — e mentiram suamente, srs. juizes! É o termo adequado pelas condições em que o fizeram!

Henrique, por ideia sua ou por sugestão de Carlos inventou essa conversa quando ouvido no julgamento, e fugiu depois a ser confundido, esquivando-se ao pedido de esclarecimentos, sobre a matéria dela, pela defesa. Foi a partir deste momento que Henrique não ficou em condições de prosseguir na prestação de declarações nessa audiência.

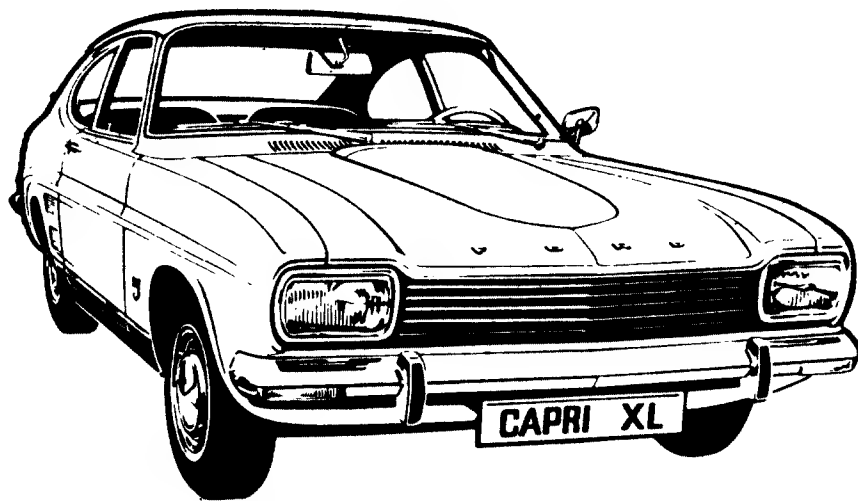
Sobral, por sua vez, agarrou nessa afirmação desgarrada de Henrique, e quis dar-lhe, com a má-fé que caracterizou todo o seu depoimento, um juízo de verosimilhança.

E então, como Henrique tinha produzido a afirmação; Sobral vem dar-lhe um alídice qualquer: «Sim, senhor, é verdade, o Henrique referiu a V. Exas. que António tinha dito que as acções eram dos herdeiros e as tias só tinham os dividendos», e não havendo mais nenhuma prova em que se alicerçar, lá estava Constantino Sobral para tapar as brechas!

É em afirmações cuja falsidade é patente através de análises como aquela que acabo de fazer, que se pretendeu convencer

Continua na pag. 23

NOVA GAMA CAPRI 1973



EM EXPOSIÇÃO
EM CONJUNTO
COM
OS DEMAIS
MODELOS

FORD

NA



Ford à frente!

AUTOSOL CONCESSIONÁRIOS
FORD

AV. FREDERICO ULRICH — CASCAIS — TELEF. 280 531

AV. D. FRANCISCO DE ALMEIDA, 1 — SINTRA — TELEF. 980 096

HORA-SR0173



um problema resolvido...

...a partir de agora, perto do Marquês de Pombal e junto do parque automóvel Castil.

SIR, um self-service cómodo e moderno com facilidades de acesso e de estacionamento.

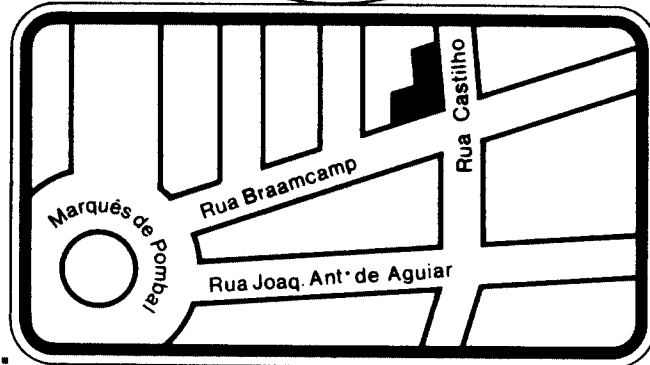
SIR alia a superioridade e variedade dos seus pratos à rapidez do seu serviço.

SIR põe igualmente ao seu dispor um esmerado serviço de cafetaria.

SIR, um problema resolvido!



o restaurante onde comer bem não leva tempo



**FORTIS
OTIS**

**FORNECEU
E
INSTALOU
ESCADA ROLANTE
ELEVADOR
MONTA PRATOS**

PRIMEIRA MARCA MUNDIAL

**FORTIS ASCENSORES, S. A. R. L.
R. Centro Cultural, 5-2.º — LISBOA**

3K

**PRESENTE COM
280 CADEIRAS
ref. 254**

**S. E. de C.
BABCOCK
& WILCOX**

**TRATAMENTO DE AGUAS
MAIS DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA**

**EQUIPMEANTO PARA RESTAURANTES,
HOTÉIS, HOSPITAIS E INDÚSTRIA**

RESTAURADORES, 78-1.º — LISBOA

SELF SERVICE

SOC. COM. BRAZ & BRAZ, S.A.R.L.

**CASA FUNDADA EM 1777
Trav. Nova de S. Domingos, 34 — LISBOA**

**PORCELANAS ☆ CRISTAIS ☆ TALHERES ☆ CUTELARIAS
E BATERIAS DE COZINHA
PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA**

REPRESENTANTES DE:

ERCUIS

**«ORFÈVRERIE D'HOTEL ET COUVERTS»
(METAL FORTEMENTE PRATEADO)**

FIRE KING

(VIDRO AMERICANO P/ MESA E FORNO)

**Colaborou no fornecimento do equipamento do «self-service»
e restaurante**

DISTRIBUIDORES DE:

DURALEX

**(VIDRO FRANCÊS
RESISTENTE AO CHOQUE
E ALTAS TEMPERATURAS)**

Sir



O balcão do novo self-service



Aspecto geral do elegante self-service da Rua Braancamp



Recanto do Sir



**MELO
QUEIROZ,
LDA.**

**PRAÇA DE S. PAULO, 19-2.º
TELEGR. «TECHNICI-LISBOA»
TELEFONE 321815
CAIXA POSTAL 2356
LISBOA — PORTUGAL**

Estudos e Orçamentos de:

**Ventilação, Ar Condicionado, Aquecimen-
to, Centrais Térmicas e de Produção de
Águas Quentes Sanitárias. Refrigeração
Comercial e Industrial. Cozinhas Colectivas
e Lavandarias Industriais.**

**Teve o prazer de fornecer e montar no
Restaurante SIR, as instalações de águas
quentes e frias, e os módulos frigoríficos
e congeladores.**



1930-1973

A UNIÃO

**Rua Luz Soriano, 23-A — LISBOA
Telefones 33084 / 51617**

**FORNECEU E MONTOU
OS**

VIDROS e ESPELHOS

RESTAURANTE

Sir



**PRESENTE
NO
EQUIPAMENTO**

**Lojas: R. IVENS, 58-64 — T. 270166/7/8/9
AVENIDA DA IGREJA, 4-F — TEL. 712895**



Elevadores Schindler

R. da Madalena, 85-2.º

Lisboa - 2

A poluição no Seixal

Está marcado para esta noite às 21 e 30, na Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense, um colóquio sobre «a poluição», que terá como moderador o eng. Correia da Cunha e em que participam Luís Filipe Costa e José Manuel Nunes. Esta conversa integra-se nas comemorações dos 125 anos de existência da colectividade. Dentro do mesmo espírito, deveria ter-se realizado ontem, um

colóquio sobre «A informação», com a participação de José Carlos de Vasconcelos, Fernando Assis Pacheco, João Paulo Guerra e José Nuno Martins. Contudo, as esperanças da assistência que contava com pessoas vindas do Montijo e Setúbal, saíram goradas porque nenhum dos convidados compareceu. Por tal motivo, limitaram-se a ler o jornal e a ver os livros em exposição.

Rarefacção iónica

No Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, em Sacavém, o dr. J. E. Allen, da Universidade de Oxford, proferiu esta tarde uma palestra sobre «Ondas de rarefacção iónica».

O dr. Allen, que apresenta trabalhos sobre ondas de rarefacção em gases ionizados, encontra-se de visita a Portugal, a convite da Junta de Energia Nuclear.

Traineiras francesas no mar dos Açores

PONTA DELGADA, 26 (L) — Está prevista para os princípios de Maio a chegada ao aeroporto de Ponta Delgada de dois aviões que efectuarão, no mar dos Açores, pesquisas de cardumes de peixe, com vista a uma campanha intensiva de pesca a desenvolver por 250

traineiras francesas.

Essas traineiras, que realizarão a sua faina nos meses de Junho e Julho, deverão estacionar em Ponta Delgada, para efeitos de abastecimentos de combustível e de viveres, assim como para descanso das suas tripulações.

Industriais e exportadores reúnem-se com um funcionário da C.E.E.

Decorre esta tarde na sede da Associação Industrial Portuguesa uma reunião em que participam as empresas associadas e representantes de vários departamentos públicos na qual está presente o sr. Claude Jacquesmart, da Comissão do Mercado Comum, que se encontra em Portugal a convite da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa e da A. I. P.

O encontro destina-se a de-

bater e esclarecer alguns pontos relacionados com a aplicação do regime de regras de origem no âmbito do acordo em vigor entre Portugal e a C. E. E. As matérias tratadas revestem-se de especial interesse para os exportadores portugueses que se mostram interessados num contacto directo com as autoridades da C. E. E. O sr. Jacquesmart ocupa o cargo de conselheiro principal da Gestão da União Aduaneira daquele organismo europeu.

Aveiro: sim à gasolina não ao gasóleo

A CÂMARA Municipal de Aveiro decidiu, no decorrer da sua reunião mensal, que a partir de Janeiro do próximo ano apenas os automobilistas poderão abastecer-se dentro da própria cidade.

Com efeito, tomadas com base a exposição feita pelos concessionários das bombas de gasolina da cidade, o Município reviu a sua posição anterior, decidindo por outro lado que apenas serão retirados os postos de abastecimento de gasóleo. Para tanto teve em consideração o facto de estas bombas de combustível provocarem, com os seus derrames,

grandes estragos no pavimento das ruas e, ainda, porque os carros pesados, ao abastecerem-se ocasionam grandes estragos nas ruas.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA

Para ampliação do Aquário Vasco da Gama, a Câmara Municipal de Oeiras deliberou doar ao Estado uma parcela de terreno no Dafundo.

CARROS DE MÃO

leves para fábricas e armazéns

CASA CHAVES
CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 725163



Necrologia

SUFRÁGIO

Maria do Céu de Sousa Pinto

Passando amanhã, dia 27, o 30.º dia do seu falecimento, seus filhos mandam rezar missa sufragando a sua alma às 12 30 h na Igreja da Nossa Senhora de Fátima.

Professores de educação física

Promovido pela Direcção-Geral da Educação Física e Desportos, efectua-se hoje e amanhã um encontro de professores de Educação Física, destinado à discussão dos seguintes temas: «Expansão da Educação Física no Ensino Primário e sua região».

«Expansão da Educação Física no Ciclo Preparatório e no Ensino Secundário e coordenação com as actividades a desenvolver por outras entidades públicas e privadas» e «Formação de professores e instrutores de Educação Física».

FALECEU UM PIONEIRO DA AVIAÇÃO MILITAR

Faleceu o prof. eng. Viriato Noronha de Castro Cabrita, de 76 anos, natural de Santarém. Em 1907, entrou para o Colégio Militar onde completou o curso, após o que ingressou na Escola de Guerra, na arma de Cavalaria. Combatente em França, durante a Primeira Guerra Mundial, tirou aí o «brevet» de piloto aviador, tornando-se depois um dos pioneiros da aviação militar portuguesa, vendo-se forçado a reformar-se depois de um acidente grave. Formado em

Engenharia Civil pelo I. S. T., viria a dedicar-se posteriormente àquela actividade, efectuando o doutoramento e realizando concurso para professor catedrático, cargo em que foi aprovado por mérito absoluto. Prestou serviços na hidrállica agrícola, tanto no continente como em África e foi presidente interino do Conselho Superior de Obras Públicas, durante três anos, e vogal do Conselho Ultramarino.

INDÚSTRIAS TÉRMICAS NUNES CORREIA, S. A. R. L.

LISBOA—PORTO

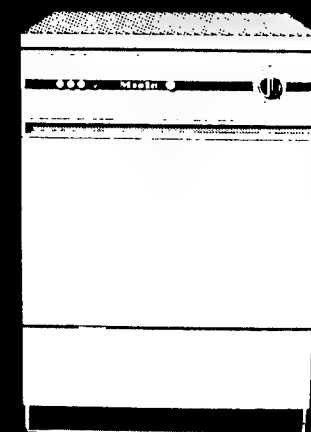
Projectaram e instalaram o
Ar Condicionado



nos Restaurantes



Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



“Unibody”
—um novo sistema de fabrico da MIELE!
Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente oficial:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48 A

Telef. 58958

LISBOA

auto-alarme

GANSO

evita o roubo do carro e dos acessórios

1 ano de garantia assistência ilimitada

montagem

GRATIS
(só buzinas)



350\$00

à venda nas casas da especialidade

PÓVOA DE SANTA IRIA:

COVA DA PIEDADE:

ALGÉS:

VENDA NOVA-AMADORA:

LISBOA:

Garagem Bela Vista — Estrada Nacional 10, n.º 62

Auto Rápida das Barrocas, Lda. — Est. das Barrocas, 57-B

Auto Vapoi, Lda. — Av. Comb. da Grande Guerra, 54-A

Auto Paula Pinto — Rua Florbela Espanca, 10

Cilima — Avenida da Liberdade, 140

BAPAL - R. Capitão Ramires, 6B LISBOA

DL/NACIONAL

Navio de guerra à venda

Perante o Conselho Administrativo da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, será posto a concurso para venda, no dia 2 de Maio, às 14.30, o navio da Armada «Cacheu», que poderá ser visto pelos interessados na Doca da Marinha, todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 12 às 16 horas.

A base de licitação é de: 48. 200\$00.

MERCADO DA PRIMAVERA MOEDAS
Visite o nosso stand
Tel. 321677 LISBOA

NA TERRA DE PEDRO ÁLVARES CABRAL

ROMAGEM LUSO-BRASILEIRA À VILA DE BELMONTE

BELMONTE, 26 — Esta histórica vila da Cova da Beira, berço do navegador Pedro Álvares Cabral, esteve, hoje, em festa, ao receber a visita de numerosas personalidades, oficiais e particulares, que aqui se deslocaram em romagem significativa, no dia do aniversário da primeira missa de acção de graças pela descoberta das terras de Santa Cruz, mandada celebrar, em Porto Seguro, por determinação do grande navegador.

Estas comemorações lu-

so-brasileiras inserem-se numa feliz iniciativa da TAP que, com a colaboração da Casa das Beiras, se organizam há onze anos consecutivos.

A embaixada luso-brasileira, que pernitoou no Hotel de Turismo da Guarda, chegou aqui em comboio especial às 10 horas. Belmonte apresentava um aspecto festivo. Os romeiros, depois dos cumprimentos, seguiram em extenso cortejo automóvel para os Paços do Concelho, em cujo salão se

realizou uma sessão solene, tendo usado da palavra, entre outros, o presidente da edilidade de Belmonte, o embaixador do Brasil, os presidentes do conselho de administração da TAP, da Casa das Beiras e da comissão cultural do Elos Clube.

Terminada a sessão, procedeu-se à deposição de flores no monumento do descobridor do Brasil. Os romeiros voltaram novamente ao edifício dos Paços do Concelho de onde saiu o já tradicional cortejo em direcção ao castelo, presidido

pelo bispo da Guarda.

No terreiro do castelo, foi celebrada missa campal durante a qual o prelado pronunciou uma alocução alusiva ao significado da romagem.

As comemorações terminaram com um almoço volante na Casa do Povo de Belmonte, oferecido pela Câmara Municipal, e que foi abrilhantado pela exibição de ranchos folclóricos. Iniciada a viagem de regresso, preve-se que a chegada a Santa Apolónia seja por volta das 23 horas.

Recolha de sangue

A unidade móvel do Instituto Nacional de Sangue, no prosseguimento da sua actividade, estará a partir de hoje e até 4 de Maio, em Venda Nova, todos os dias das 10 e 30 às 13 e das 16 e 30 às 20, com uma equipa médica e de enfermagem, para colheita de sangue.

Todas as pessoas da área que desejarem fazer a sua doação de sangue e cujas idades, deverão estar compreendidas entre os 18 e os 65 anos, serão previamente examinadas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Beiral das Andorinhas» Chaves Neto, Ld.ª R. Pedro Álvares Cabral, 15 MONTEGORDO ALGARVE

MONUMENTAL

LIQUIDAÇÃO

PARA ENTREGA URGENTE DAS AMPLAS INSTALAÇÕES DA AVENIDA DO BRASIL, A UM IMPORTANTE

GRUPO RETALHISTA

LIQUIDA-SE O STOCK TOTAL

COMPOSTO DE MILHARES DE APARELHOS ELECTRODOMÉSTICOS, TAIS COMO:

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FRIGORIFICOS, TELEVISORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, ASPIRADORES, FOGÕES, ESQUENTADORES, MAQUINAS DE COZINHA, CANDEIROS, MOBILIAS COMPLETAS E PEÇAS SOLTAS, ESTOFOS, ETC., ETC. E AINDA PARA RESTAURANTES E SIMILARES, MAQUINAS E UTENSILIOS, PARA CAFÉS, RESTAURANTES, CHARCUTARIAS, TAIS COMO:

FOGÕES INDUSTRIAIS, FRITADEIRAS, CARROS DE SERVIÇO, FRIGORIFICOS, VITRINES FRIGORIFICAS, ETC.

**PREÇOS ABAIXO DO CUSTO !
CORRA ! CHEGUE PRIMEIRO !**

**ESTA LIQUIDAÇÃO EFECTUA-SE NA
AV. DO BRASIL, 40-A e 40-B**

(PRÓXIMO DO CAMPO GRANDE)

Veja só isto:

MAQUINA DE LAVAR LOIÇA 2 495\$00

ULTIMAS UNIDADES, QUASE A ESGOTAREM-SE !!

A MORTE DE EDGAR

Deixou o nosso convívio o «hoquista silencioso». Morreu, aos 48 anos, vitimado por doença impiedosa.

Edgar Bragança Soares era o mais «internacional» dos hoquistas portugueses. À frente de Vaz Guedes, de Jesus Correia e de António Livramento. As «quinas» vestiram-lhe o peito por 181 vezes. Mais do que a qualquer outro desportista lusitano.

Nascido em Sintra, apenas conhecera duas camisolas na sua vida ao serviço da modalidade com patins: a do Hóquei Clube da sua terra e a da selecção nacional. Ao serviço desta, de 1949 a 1960, marcou 48 golos. Poucos para quem tanto jogou. Muitos para a posição que ocu-

pava: primeiramente médio, mais tarde defesa, com a entrada de Cruzeiro.

Foi cinco vezes campeão do Mundo, outras tantas da Europa e a sua presença no Hóquei Clube de Sintra ficou a assinalar um período dificilmente superável na história da colectividade. Em 1950, o então Chefe de Estado, Marechal Carmona, agraciou-se com a medalha de Mérito Desportivo.

Da sede dos Bombeiros Voluntários de Sintra, o corpo de Edgar sairá hoje pelas 17 horas com destino ao cemitério de S. Marçal.

A família do grande desportista o «Diário de Lisboa» apresenta o sentimento do seu pesar.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Exonerado o eng. Eduardo Melo de Oliveira do cargo de director dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa, foi nomeado director dos Serviços de Obras.

Foi, também, nomeado o eng. Carlos Emílio Osório Leitão Buraca, chefe da Divisão de Apreciação de Processos e Política de Solos da edilidade, para o cargo de director dos Serviços de Urbanização.

Academia das Ciências

Na Academia das Ciências de Lisboa reuniu-se esta tarde a classe de Ciências para escutar uma exposição do prof. Belo de Moraes sobre «recentes aquisições na cirurgia do esófago»; o dr. Alberto Iria apresentou uma comunicação subordinada ao tema «D. António prior do Crato, no Algarve. Novos documentos para a história do seu reinado».

SENSACIONAL...

Enceradora	1000\$00
Secadores Cabelo	140\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Painéis Pressão	290\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

YOGURTE GRANDE PONTO

Tecnicamente o mais bem fabricado e o melhor para a saúde.

YOGURTE GRANDE PONTO

em troca de 50 BOIÕES OFERECE UMA LINDA BOLA DE PRAIA

Continuação da pág. 19

V. Exas. de factos inteiramente contrários à realidade.

Isto é o testemunho de Sobral, são as declarações de Henrique Champalimaud. Mas evidentemente há ainda 2 outros assistentes que também se pronunciaram com largueza sobre esta matéria que estava na base, efectivamente de certos aspectos do processo. Carlos Champalimaud e D. Maria Ana Champalimaud Jardim.

A POSIÇÃO DE CARLOS CHAMPALIMAUD

A atitude de Carlos Champalimaud, assumida quer em instrução preparatória, quer em audiência de julgamento, sobre o seu conhecimento da carta de Henrique Sommer, — é também perfeitamente denunciadora da sua litigância de má-fé.

A primeira vez que Carlos Champalimaud é perguntado sobre a data em que provinha o seu conhecimento da existência da carta de 20/10/42, foi numa acareação processada em 4/8/59.

Mas, Carlos Champalimaud — o mesmo senhor que através da voz do seu ilustre advogado, nas suas alegações finais orais, tanto verberou à atitude de António Champalimaud, recusando-se a depor no auto final dos seus interrogatórios, na Polícia Judiciária, e perante o inspector Manuel Fernandes, — esse mesmo Carlos Champalimaud respondeu arrogantemente à pergunta formulada:

«Dada a forma como a pergunta está formulada não lhe responde, embora afirme que tem elementos na posse do seu advogado que podem esclarecer a pergunta feita».

Foi a resposta de Carlos Champalimaud à primeira per-

gunta que se fez nos autos sobre qual a data em que tinha tido conhecimento da carta de Henrique Sommer.

Mas que elementos teria o advogado do senhor Carlos Champalimaud para que fosse necessário recorrer à sua pessoa, para dizer quando é que Carlos Champalimaud tinha tido conhecimento da carta de seu tio?

Quem é que sabia quando é que tinha tido conhecimento da carta de seu tio?

É o senhor Carlos Champalimaud ou o advogado do Ex.º senhor Carlos Champalimaud?

Mas a acareação não findou e prosseguiria dois dias depois, em 6/8/59.

Carlos Champalimaud deve ter ido, no intervalo, consultar o seu Ex.º advogado para ficar a saber quando é que ele, Carlos Champalimaud, soubera da existência da carta.

Isso explica que, no prosseguimento da acareação, na referida data de 6/8/59, Carlos Champalimaud pudesse produzir a aliás falsíssima afirmação de que o conhecimento da carta o havia tido «uns anos antes de 1956».

«Uns anos antes» é excessivamente vago, não é nada. Desde 1944 a 1956 vão doze anos!...

Em julgamento, Carlos Champalimaud tomara novamente uma posição dúbia, assumida aliás em duas diferentes sessões: na de 12 de Junho e na de 8 de Julho de 1970.

Em 12 de Junho limitara-se a referir que sua tia D. Albana, no segundo semestre de 1956, lhe dera notícia de que havia uma carta do tio Henrique — o que até o tinha determinado

ir a casa de sua tia D. Maria Luísa, pedindo-lhe que lhe mostrasse a carta referida por D. Albana, e acrescentando:

«A tia Maria Luísa mostrou-me a carta e até lhe emprestou, restituindo-lha algum tempo depois de ter mandado tirar uma fotocópia da mesma carta».

Na sessão de julgamento de 8/7 reafirmaria que só em 1956 é que tomou conhecimento do conteúdo da carta (fls. 9646). — embora porque devesse ter sido alertado contra a circunstância de na acareação de 6/8/59, já haver afirmado que lhe havia constado, alguns anos antes de 1956, a existência da carta tendo dado às suas afirmações o seguinte remendo:

«Que posteriormente à conclusão do processo do inventário e muito tempo depois, mas em altura que não pode localizar é que casualmente sua tia Albana se lhe referiu por estas ou análogas palavras:

«Teu tio era tão nosso amigo que até depois da sua morte se preocupou com a ideia que nós ficassemos pobresinhas.»

(a fls. 9645 v.º)

Carlos Champalimaud teve a coragem de afirmar a V. Ex.ªs que interpretou tais palavras de D. Albana «pensando que tal carta visaria recomendações para que os herdeiros de seu tio auxiliassem determinadas pessoas inclusive suas tias Luísa e Albana».

Tão desastrada afirmação, nem o próprio Henrique Champalimaud a pôde suportar.

E daí que, como ontem aliás já referi a V. Ex.ªs, os autos

respeitantes à mesma sessão do julgamento de 8/7/70, dêem conta do que ocorreu em audiência a seguir ao intervalo.

«Neste momento pelo declarante foi dito que falando com seu irmão Henrique no intervalo desta sessão, este disse-lhe que em determinada altura lhe referira que seu irmão António lhe revelara que existia uma carta do seu tio Henrique na qual deixava as acções da Empresa de Cimentos de Leiria às tias Luísa e Albana. O declarante, em face da conversa havida agora com seu irmão Henrique recorda-se de, efectivamente, ele lhe ter falado nesse assunto e recorda-se também de ter abordado o seu irmão António sobre a existência da carta o qual o tranquilizou dizendo-lhe que o Henrique ou ouvia mal ou não entendia nada disso, não podendo já recordar-se com precisão da exacta maneira como o referido seu irmão António se exprimiu. Que isto se passou por cerca dos fins de 1945 ou princípios de 1946».

E portanto Carlos Champalimaud, que só tinha tido conhecimento da carta em 1956, ou uns tempos antes, sem precisar como, vem afinal, depois de ter conversado com Henrique no intervalo da sessão de julgamento, dizer que tinha tido não uma mas duas conversas: uma, em que Henrique lhe comunicara uma conversa com António; outra, que teve pessoalmente com António e em que António lhe tinha dito que não era verdade o que tinha dito ao Henrique.

Mas a Carlos Champalimaud ainda voltaremos:

5 HORAS NA POLÍCIA

Mas para além da litigância do senhor Carlos Champalimaud, a sr.ª Maria Ana Champalimaud Jardim também tomou perante o problema do conhecimento da carta de Henrique Sommer, a posição que eu vou narrar a V. Ex.ªs.

Tendo sido ouvida pelo inspector sr. dr. Manuel Fernan-

des, a fls. 7583 v.º disse ela:

«de, numa altura em que trocava impressões com sua tia Maria Luísa, esta lhe ter exibido uma carta deixada pelo irmão Henrique Sommer, e ter-lhe pedido que a lesse. Após essa leitura, a sua tia disse à declarante «se o seu irmão não nos tivesse dado ou querido dar as acções da Empresa de Cimentos de Leiria que eram do tio, eu não poderia viver como vivo». A declarante, embora tivesse lido a carta, não se apercebeu bem do que é que ela queria dizer, — é enternecedora! (comentário do dr. Palma Carlos, — embora tivesse ficado com uma ideia de que a disposição das acções a favor das tias era a vontade do tio Henrique».

Isto é já notável da parte dela!

Não obstante o que tinha afirmado na Polícia Judiciária, D. Maria Ana, em contrário, afirmaria em julgamento: «que nunca considerou que as acções da herança do tio Henrique tivessem sido dadas às tias».

E explicou:

«que prestou declarações na Polícia Judiciária durante cerca de 5 horas, tendo-lhe no final sido apresentado um resumo para assinar, pelo que admite a possibilidade de haver qualquer lapso de quem redigiu, ou de entendimento da própria declarante, pois a ideia que extrai das suas declarações nunca corresponde ao seu pensamento».

«que quem interrogou a declarante na Polícia Judiciária, quando prestou as declarações de folhas sete mil e quinhentas e oitenta e três a sete mil quinhentas e oitenta e cinco, foi o Ex.º inspector Manuel Fernandes. Foi a declarante que leu as suas declarações e depois as assinou. Que a declarante tem muita dificuldade em se exprimir, sobretudo em matérias como aquelas em que foi interrogada e a que respeitam as suas declarações prestadas na Polícia Judiciária. Que depois de ter dado ao sr. inspector cerca de cin-

co horas de trabalho para se fazer compreender, admite a possibilidade de não ter interpretado correctamente o que estava escrito, e que conforme já referi anteriormente, a folhas nove mil oitocentos e cinco, não corresponde nem corresponde ao seu pensamento:».

Pois teve o sr. inspector Manuel Fernandes tanto zelo e dedicação, tanto trabalho a coligir as informações da sr.ª D. Maria Ana a aperceber-se do que ela efectivamente tinha querido dizer, a sr.ª D. Maria Ana leu o auto assina o auto, e só anos depois é que descobre que o sr. dr. Manuel Fernandes tinha interpretado mal as suas declarações e que constava do processo que ela tinha dito o que não tinha dito.

Isto é: D. Maria Ana disse o que não disse.

Na sessão de julgamento de 2/10/70, quanto à quota de Henrique Sommer, D. Maria Ana não podendo negar o conhecimento do destino dessa quota, afirmou:

«A declarante sabia por acaso ou por necessidade de seu irmão António que a quota do tio Henrique tinha ficado para os sobrinhos e isto porque o mesmo seu irmão lhe pediu para assinar uma carta para ser representada nas assembleias, onde aliás nunca foi senão a partir de 1957, embora assinasse as actas como se estivesse presente».

Esta afirmação, na sua parte final, não é verdadeira. Da consulta de todas as actas de Sommer e C.ª Ld.ª, verifica-se que, de 1944 a 1957, nunca a declarante Maria Ana foi dada como presente em alguma acta da Sociedade, e não assinou nenhuma acta!

VASCO JARDIM DISSE QUE NADA PODIA DIZER

Vasco Jardim foi ouvido. Vasco Jardim foi até assistente nos autos, apenas em representação da mulher, nos termos do Código de Processo Penal.

Vasco Jardim deve ter-se sentido lisonjeadíssimo por V. Ex.ªs o escutarem, mas pronun-

Continua na pág. 26

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sines em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49840 para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Sines, de um 3.º troço da linha aérea a 30 kV Santiago do Cacém-Sines, com 5222 m, do poste n.º 82 ao n.º 114, em Sines.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 18 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Almada em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49818 para o estabelecimento nas freguesias de Monte da Canarica e da Caparica no concelho de Almada, da modificação da linha aérea a 15 kV para o posto de transformação 15-1-006 Areeiro, com um aumento de 26 metros no comprimento do respectivo traçado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 18 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o proc.º 8/49921, para o estabelecimento em Fonte da Vaca, freguesia do Pinhal Novo, concelho de Palmela, de uma linha aérea a 6 kV, com 413 m, do poste n.º 70 da linha S. Francisco-Pinhal Novo ao posto de transformação da Fábrica de Colas e Impermeabilizantes — FRUX em Fonte da Vaca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 17 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

ALVALADE
GRUPO C - 14 ANOS

AMANHÃ às 21,45

um filme de LUIS BUÑUEL

(o realizador de "O ENCANTO DISCRETO DA BURGUESIA" - OSCAR 1973)



um elenco excepcional

SIMONE SIGNORET * MICHEL PICCOLI
GEORGE MARCHAL * CHARLES VANEL

labirinto infernal

FILMES OCCIDENTE

DL/DESPORTOS

NOTÍCIAS E FACTOS

ANDEBOL: A Federação comunicou duas alterações ao seu calendário de jogos: Padroense-F.C. do Porto, em Juniores, foi antecipado para amanhã, às 21 e 30 no pavilhão de S. Mamede e F.C. do Porto-S. Mamede foi adiado para o dia 2 de Maio, às 22 horas, no mesmo pavilhão.

EDUCAÇÃO FÍSICA: Foi adiado «sine die», pelo M.E.N. o Encontro Nacional de Professores de Educação Física, pelo facto de não ter sido recebida qualquer tese para discussão. A pormenorização dos fundamentos da decisão consta de um comunicado divulgado pela Direcção-Geral dos Desportos, onde se diz:

1. O Ministério da Educação Nacional, Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, resolveu oportunamente organizar em Lisboa, em 16 e 17 do corrente mês, através da Direcção-Geral da Educação Física e Desportos, um encontro de professores de educação física destinado à discussão dos seguintes temas: a) Expansão da Educação Física no Ensino Primário e sua regionalização;

b) Expansão da Educação Física no Ciclo Preparatório e no Ensino Secundário e coordenação com as actividades a desenvolver por outras entidades públicas e privadas;

c) Formação de professores e instrutores de Educação Física. Aquelas datas foram entretanto alteradas para 26 e 27 do corrente mês, a pedido de muitos interessados.

2. Através dos estabelecimentos de ensino oficiais e dos órgãos de informação foram os professores de educação física convidados a apresentar as suas teses até ao dia 16 do corrente mês.

3. Os encargos com as deslocações e ajudas de custo dos professores de educação física correm por conta do Ministério da Educação Nacional, sendo facultativa a sua participação no Encontro.

TENIS DE MESA: Encerram no dia 30 deste mês as inscrições para o Torneio Internacional da Cidade de Lisboa, a que podem concorrer atletas de todo o país. Está confirmada a participação de pingue-pongistas espanhóis, franceses e ingleses e, na classe de Veteranos, podem inscrever-se todos os indivíduos do sexo masculino com mais de 35 anos, estejam ou não inscritos na Federação. Estes e outros pormenores relativos à organização do importante torneio internacional vão ser tratados no próximo dia 8 de Maio, no decorrer de um encontro entre a Direcção da Associação de Ténis de Mesa de Lisboa e os Órgãos da Informação.

Ginastas de Moçambique conquistam Lisboa

A forte equipa do Ginásio Clube de Lourenço Marques voltou a Lisboa para concorrer a várias provas de ginástica e levar consigo a maior parte dos títulos em jogo. Aconteceu isso com o grupo de oito sorridentes praticantes que a gravura mostra e já regressaram, ontem, a Moçambique e vai certamente acontecer com as três ginastas mais velhas que ainda cá ficaram, a fim de participar na Taça de Portugal, marcada para domingo.

Deste octeto de ginastas (sete raparigas e um rapaz) fazem parte Ana Paula Pinto (a loirinha da ponta-esquerda), campeã absoluta na categoria de juvenis femininos e campeã nacional em trave olímpica, paralelas assimétricas e saltos de cavalo; Maria Cristina Tavares, campeã nacional de movimentos livres, da mesma categoria e terceira na classificação geral; Dulce Gouveia, segunda em saltos de cavalo e quarta na geral; Maria Elisabete Baptista, quinta na geral e João Alexandre Mesquita, campeão juvenil masculino em movimentos livres e argolas, segundo nas paralelas e terceiro na geral e ainda três moças (Natália Costa da Silva — na ponta direita do banco — Sofia Pinto Teixeira e Maria Paula Pegado) de 11 e 12 anos, sem idade para entrarem em competições.

Estas três deslocações a expensas próprias para ambien-



tação e para algumas exibições, como sejam o Sarau do Lisboa Ginásio e um festival no Laranjeiro.

As quatro primeiras formaram a equipa do Ginásio de Lourenço Marques que ganhou o campeonato nacional de juvenis femininos, por equipas, com mais 12,65 pontos que o Lisboa Ginásio.

O grupo moçambicano che-

gou a Lisboa no dia 8 e o regresso dos seus últimos componentes está previsto para o dia 30. A vinda a Lisboa, desta vez, já foi relativamente fácil para a colectividade que mais tem fomentado a ginástica desportiva em Lourenço Marques, pois o Governo Geral atribuiu um subsídio que deu para cobrir metade das despesas de deslocação das ginastas que participa-

ram em provas oficiais. Os pais pagaram o restante.

Para a Taça de Portugal ficaram, ainda, a juvenil Ana Paula Pinto as seniores Eurydia Correia, e Chintia Túbio e a junior Ana Catarina Patrício, todas já muito conhecidas por anteriores participações — e triunfos — em reuniões oficiais e particulares de ginástica em Portugal. Acompanha-as o seu treinador, mestre Rolando Costa.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 34 DE 29/4/1973

Bondiazinho, x12 1x2 x21 22x1; Brado Africano Desporto, 121 2x1 x11 x121; Brado Africano Ronga, 1x1 212 x1x x1x1; Cidade 73, 2x2 1x2 221 21xx; Domingo Alegre, 12x 111 211 2111; Passatempo, x21 1x2 1x1 22x2; Revista Desportiva, x11 2x1 111 2xx1; Roteiro Sonoro, x12 112 121 21x2; Terceiro Programa, 2xx 1x2 1x1 x1x1; 20 Ponto D, 11x 1x1 11x 2111; O Alcoa, x12 211 1xx 211x; O Algarve, 111 211 11x x121; Beira Baixa, x21 211 111 2121; Boletim Desportivo, 121 x12 11x x1x1; Cardeal Saraiva, x11 211 211 2x11; Cavaleiros do Ritmo, 1x1 2x1 111 x1x1; Comércio de Portimão, 111 211 1x1 2x21; Correio dos Açores, 121 2x1 11x 2x21; A Defesa, x11 2x1 11x 2x21; Desportivo das Beiras, 111 2xx 112 2xx2; O Distrito de Setúbal, 1xx 21x 11x xx21; Ecós do Desporto, 1x1 211 x1x x12x; Epoca, 1xx 211 x1x 212x; Estrela da Manhã, 111 2x1 111 2x2x; Eu Sei Tudo, 121 2xx x11 1xxx; Folha do Domingo, 121 xx1 x11 x111; Imagens Piedenses, x2x 211 x11 211x; O Jornal de Felgueiras, 1x1 211 111 x1x1; O Jornal da Lixa, 121 21x x12 2111; Jornal

de Viseu, 221 xxx 111 2x21; Açores, 12x 21x x11 2xx2; Auto Rádio, 11x 2x1 111 2x21; Brados do Alentejo, 12x 21x 211 2221; Centro Desportivo, 1x1 211 111 2x21; O Comércio de Leixões, 1x1 211 x1x 2121; O Comércio do Porto, 1x1 211 111 x12x; O Concelho de Estarreja, x1x x1x x11 2x21; Correio do Minho, 1x1 x11 111 2xx1; Correio do Vouga, 11x 211 111 xx22; As 10 espere por nós, 1x1 212 x22 222x; Diário de Coimbra, 111 211 111 x1x1; Diário do Minho, 111 211 111 xx21; Ecos de Cacia, 121 211 x11 1x21; Estúdio 64, 111 x11 111 11x1; Dos fracos não reza a história, x21 2x2 2xx xxxx; Gazeta das Caldas, 1x1 211 111 212x; A Ilha, x11 211 x12 xx2x; Jornal das Aves, 12x x11 xx1 2x21; Jornal da Beira, x21 2xx 111 2x21; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; Jornal de Notícias, 1xx 211 111 2xx1; Jornal de Sintra, 12x 211 x11 21x1; Litoral, 121 2x1 x11 212x; Manchete Desportiva, 121 2x1 111 2121; Maria da Fonte, 1x1 21x x11 2122; Miscelânea Musical, 1xx 211 11x xx11; Mostra do Êxito, 1x2 112 1x1 111x; Mo-saico, 111 211 11x 1x21; Mun-do Desportivo, 1x1 x2x 111

212x; Música e Desporto, xx1 211 1x1 1xx1; O Norte Desportivo, 1x1 211 111 2x2x; Notícias de Chaves, 111 2xx 111 2x21; Notícias do Douro, 111 x11 x12 xx21; Notícias de Felgueiras, 1x1 x11 x1x x121; A Ordem, 1x1 2x1 x21 1x22; Peça que não maça, xxx 211 111 xx2x; Penalti, 111 111 111 2x2x; Placard Desportivo, 11x 2x1 111 xx11; Placard Desportivo Açores, 122 x11 111 2122; Povo Algarvio, 1x1 2xx 1x1 x221; Póvoa de Lanhoso, 1x1 2x1 x21 1x22; Presença Coimbrã, 12x 2x1 111 222x; Programa da Manhã, 1x1 211 x21 211x; Programa Sem Nome, xxx 2x1 12x x121; Quadrante Desportivo, 12x 211 x12 2221; Quadrante Norte, 121 2x1 11x 2121; A Rabeca, 1xx 211 x11 2xx1; Rádio Altitude, 121 211 111 2121; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Reconstituição, 111 211 x11 x121; Repórter do Dia Angola, 1x1 211 x11 1121; Resenha Desportiva, 121 x1x 11x 2x21; Revista de Som, 211 x1x 1xx 1x12; Só Rádio, x2x x1x 111 2111; O Sorriso da hora do almoço, 1x1 111 1x1 21x1; O Telegrafo, 12x 21x 21x x121; O Templário, 111 211 111 xxxx; Terra Alta, 11x 212 x11 2x11;

A Voz Desportiva, 12x 2x1 11x 2121; A Voz do Domingo, 112 112 x1x 2221; A Nossa Chave, 1x1 x11 111 xx2x; Notícias do Totobola, 1x1 2x1 11x xx21; Último Palpite, x21 211 x1x

x221; O Apostolado, 11x x11 x1x 212x; República, 21x 211 111 xx2x; Voz de Lamego, 121 2xx 111 1x21; A Voz dos Ridículos, 11x x1x 11x 2x21; Notícias de Évora, 1x1 21x 11x

21x1; O Primeiro de Janeiro, x2x x1x 111 xx2x; Rádio Sports, 1x1 2x1 11x x22x; Clube do Ar, 1x1 211 111 2111; Ritmo e Amizade, x11 xxx x11 2xx2; Diário do Porto, 1x1 212 111 22x2.

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. FAMALICÃO-SANJOANENSE	78	21	4	9	2	1	
2. PENAFIEL-VARZIM	31	39	33	4	4	4	
3. LAMAS-VILANOVENSE	67	30	6	8	3	1	
4. OLIVEIRENSE-ACADÉMICA	13	19	71	2	2	8	
5. NAZARENOS-ALMADA	69	33	1	8	3	1	
6. ORIENTAL-UNIAO LEIRIA	68	22	13	8	2	2	
7. TORRES NOVAS-SINTRENSE	63	35	5	7	4	1	
8. PENICHE-TRAMAGAL	84	10	9	10	1	1	
9. COVA PIEDADE-SESIMBRA	69	28	6	8	3	1	
10. LANEROSI-INTER	13	32	58	1	4	7	
11. ROMA-FIORENTINA	46	46	11	5	5	2	
12. TERNANA-JUVENTUS	17	26	60	2	3	7	
13. TORINO-LÁZIO	65	26	12	8	3	1	

a) Nos termos do Art.º 10.º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

1X1 211 111 21 ou X 21

DL/DESPORTOS

REAL MADRID, 0-AJAX, 1

UM BOM-BOM PARA O AJAX

Verdade, que o jogo da primeira mão, disputado há quinze dias em Amsterdão, nos havia dado a promessa de um jogo espectacular em Chamartin: a diferença de golos era mínima e todos pensavam ser o Real capaz de anular a diferença.

Verdade, que o valor dos actuais campeões europeus nunca foi esquecido, quando se aventou a hipótese dos espanhóis eliminarem os «meninos de ouro» de Kovacs: até porque, no prato da balança, pesava igualmente a reconhecida «fúria» madrilenha, quando está em jogo o seu prestígio internacional.

Verdade, ainda, a consideração que tem de ser levada em conta pelo «peso» do ambiente de Chamartin, com cem mil «furiosos» a puxarem pela sua equipa.

Mas, a grande verdade que Madrid ontem à noite ofereceu à Europa, é a de que o Ajax tem uma categoria verdadeiramente ímpar e é uma equipa que sabe jogar conforme as circunstâncias...

Há 15 dias, víamos um Ajax pleno de força, combatendo contra tudo e contra todos na conquista de um resultado que o tranquilizasse (relativamente) para o embate da 2.ª mão; víamos como a turma reagiu ao solitário (mas perigosíssimo) tento espanhol, bem como a forma algo preocupante como saiu do seu próprio relvado.

Ontem, vimos um Ajax completamente diferente, jogando por jogar contra um adversário de renome e tradições, e aspirando a deitá-lo para fora do torneio. No relvado de Chamartin, ficou a ideia de uma equipa de rapazes brincalhões, que jogam por puro divertimento e sem qualquer ideia preconcebida: afinal, a antítese do que o prélio da 1.ª mão nos havia ofertado.

Bastaria ao Ajax o empate por qualquer número de golos. E, a partir deste princípio, os seus jogadores pensaram mais em recrear-se e deixar correr o tempo, do que propriamente em construir jogadas de golo feito. Claro está, que de vez em quando (e logo nos primeiros minutos) ensaiaram a muralha defensiva contrária, para avaliarem até que ponto a conseguiram forçar em caso de necessidade. E, em dois desses lances, só não nasceu o golo por manifesta felicidade madrilenha.

«Apalrado» o adversário, restou ao Ajax fazer o seu jogo rendilhado, bonito, despreocupado: mais parecia estar no seu estádio, perante o seu público, do que numa atmosfera pesada como era aquela de Chamartin. Aos poucos, os jogadores holandeses davam o sinal da sua real categoria: abeiravam-se da extrema defesa madrilenha (com espantosa facilidade) e aí semeavam o pânico. Ao contrário, os avançados de branco tentavam tudo para penetrar na grande área adversária: quer fosse em jeito ou em força.

Também o Real dispôs de algumas situações de golo: no entanto, os disparos dos seus avançados pecavam por falta de direcção ou excesso de altura. E, quando um ou outro tomava a direcção do alvo, lá estava um guarda-ato e oportuníssimo a negar o desejo de cem mil espectadores.

Qualquer empate servia ao Ajax. Até mesmo um 0-0. Mas, ao tomarem conta do perigo que corriam jogando para o nulo, os homens de Amsterdão resolveram precaver-se de qualquer surpresa: e aos seis minutos da segunda parte arrumam a questão com um golo (algo feliz) de Krol.

A partir daqui, foi o reconhecimento de que tinha de ser o Ajax a qualificar-se para a final. Certo que os espanhóis

nunca baixaram os braços, lutando até ao último minuto; mas a verdade é que em todas as circunstâncias o Ajax foi dono e senhor da bola, ou seja do jogo.

Um doce bombom para o Ajax, este jogo em Chamartin: mais fácil, até, do que aquele da 1.ª mão disputado no seu estádio, e perante os seus associados. E uma exibição de alto quilate para a turma que vai para mais uma final, com todos os votos de favoritismo a seu favor.

No entanto, e perante notícias vindas a público sobre o regresso do seu «patrão» à pátria, uma pergunta fica no ar: será que este Ajax, sem Kovacs, vai continuar igual?

Só o tempo dará resposta à interrogação.

As equipas alinharam: REAL MADRID: Garcia Remon, José Luis, Benito, Tourino, Grande, Zoco, Amancio, Gonzalez, Pirri, Velazquez e Aquilar.

AJAX: Stuy, Suurbier, Hulshoff, Krol, Blankenburg, A. Muhren, Hann, Neeskend, Rep, G. Muhren e Crujff.

Dirigiu o encontro o belga Vital Loreaux.

JUVENTUS APURADO FINALISTA

O Juventus (de Turim) qualificou-se para a final da taça

europeia de futebol ao obrigar ontem à noite o Derby County, da Inglaterra, a ceder um empate sem golos, num desafio emotivo em que o Derby perdeu a marcação de uma grande penalidade.

Apesar de ter sofrido grande pressão, pode dizer-se que o Juventus alcançou por mérito próprio o direito de estar presente na final da Taça Europeia com o Ajax de Amsterdão, o outro finalista.

Desde o início do jogo que o Juventus se aglomerou, com êxito, nas zonas vizinhas à sua baliza, frustrando por completo e com autoridade os avançados do Derby de rompem aquela barreira humana.

Todavia, aos 57 minutos, o Derby County teve oportunidade de abrir o activo, quando o italiano Spinossi derrubou Hector na grande área: mas Alan Hinton, encarregado da marcação do castigo máximo, tanto quis colocar a bola que acabou por chutar muito ao lado do poste.

Nove minutos depois, o Derby viu-se privado do concurso do seu perigoso rematador Roger Davies, expulso pelo árbitro por ter agredido Morini com um soco.

O A. C. Milan venceu o Sparta de Praga por 1-0, num desafio de futebol da segunda mão das meias finais da Taça Europeia dos Vencedores das Taças, disputado ontem à noite em Praga.

O Milan qualificou-se para a final com um agregado de 2-0. O golo solitário foi obtido aos 74 minutos por Chiarugi. Assistiram ao encontro 37.000 pessoas.

Entretanto, em Split, o Leeds United da Inglaterra empatou a zero golos com o Hadjuk (de Split), em jogo a contar para a segunda mão das meias finais da Taça das Taças.

Assistiram 30.000 pessoas, a um desafio bem disputado em que o Leeds não cedeu um palmo de terreno ao adversário.

Vencedor do jogo da primeira mão por 1-0 o Leeds ficou pois apurado para a final.

TAÇA U.E.F.A.

O Tottenham Hotspur, ainda detentor da Taça UEFA, ganhou por 2-1 ao Liverpool, no seu campo.

No primeiro tempo o resultado era de 0-0.

Os 2-2 no agregado das duas mãos dão no entanto ao Liverpool a qualificação para

a final porque, em caso de empate, os golos marcados fora contam a dobrar.

No outro jogo, o F. C. Twente, da Holanda, foi derrotado 1-2 pelo Borussia de Mönchengladbach (Al. Federal), em jogo a contar para a Taça da UEFA.

O Borussia qualificou-se para a final com um total de 5-1 na meia final.

"VUELTA:" COMEÇA HOJE

A localidade de Calpe, junto ao Mediterrâneo será o ponto de partida para a «28.ª Volta à Espanha» que começa hoje com um contra-relógio individual de 6 quilómetros, terminando em 13 de Maio em San Sebastian.

Segundo todos os prognósticos, a «Vuelta» — 1973 será dominada pelo duelo entre Eddy Merckx, que participa pela primeira vez nesta prova e o espanhol Luís Ocaña, vencedor em 1970.

A presença do campeão belga vem dar à «Vuelta» deste ano um interesse que lhe vinha faltando há já muito tempo. A competição entre os dois grandes corredores é aguardada com grande expectativa pelos adeptos espanhóis e pelo público em geral.

O percurso pode considerar-se mais fácil em relação ao ano anterior, com menos montanhas, englobando apenas 7 subidas de primeira categoria, contra 11 em 1972.

A «volta» comporta 18 etapas, num total de 3098 quilómetros. O traçado é favorável aos roladores nas primeiras tiradas, tornando-se um pouco mais difícil na fase final, ao entrar-se no país Basco.

De Calpe, os concorrentes dirigem-se para o centro de Espanha, regressando mais tarde ao litoral, para acompanharem a costa do Mediterrâneo até Ampuriabrava (Corona). A caviana atravessa seguidamen-

te as províncias de Aragão e de Navarra, subindo até ao país Basco, termo da prova.

Num tal percurso, Eddy Merckx deverá impor-se, tanto mais que dispõe de uma equipa bem unida. Tentará assegurar o primeiro lugar logo no contra-relógio preliminar de Calpe mas terá de prestar atenção a Ocaña, ao seu compatriota Van Springel, ao português Joaquim Agostinho, ao francês Roger Pingeon, vencedor da «Vuelta» em 1969, e aos espanhóis da «Kas» Domingo Perurena, Gonzalés Linares e outros, que procurarão aproveitar a vigilância entre os dois favoritos para tentarem a sua sorte.

Estão inscritos 80 corredores, distribuídos por 8 equipas: três espanholas (Kas, La Casera, Monte Verde), duas francesas (Bic, Peugeot-BP), uma belga (Rokado), uma italiana (Molteni) e uma portuguesa (Coelima-Bentica).

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO EXTRAORDINÁRIO-29/4/1973

Bondiazinho, 212 111 x22 212; Revista Desportiva, 1xx x12 xx1 11x; Açores, 212 x21 121 222; O Algarve, 112 111 2x1 112; Auto Rádio, 1x2 111 22x xx1; Beira Baixa, 212 221 221 222; Cardeal Saraiva, 112 111 1x1 21x; Cavalcada do Ritmo, x11 x11 1x1 211; Centro Desportivo, x11 x21 121 211; O Comércio de Leixões, 11x 221 x21 211; Comércio de Portimão, 111 211 x21 21x; O Comércio do Porto, 212 121 1x1 212; O Concelho de Estarreja, 212 x21 12x 211; Correio dos Açores, 21x 221 121 2x1; Correio do Vouga, 112 111 111 211; A Defesa, x11 x21 11x 211; Desportivo das Beiras, 112 2x1 x21 21x; As 10 espere por nós, x1x 1x1 1xx 1xx; Diário do Minho, 112 121 221 x11; O Distrito de Setúbal, 21x 111 x21

212; Eco de Estremoz, x12 111 121 211; Ecos de Cacia, 212 111 221 212; Ecos do Desporto, 212 2x1 12x 2x2; Estrela da Manhã, 111 1x1 x21 x11; Estúdio 64, 12x 112 1x1 12x; Eu Sei Tudo, 212 x21 221 x1x; Folha do Domingo, 2x2 11x 12x 2x2; Dos fracos não reza a história, 1x2 2x1 1xx x12; Gazeta das Caldas, 212 221 12x 2xx; A Ilha, 112 221 x2x 221; Imagens Piedenses, 1xx 2x1 121 111; Jornal das Aves, 2x2 112 x21 21x; O Jornal das Felgueiras, 11x 221 121 2x1; Jornal da Graça, 111 111 111 111; O Jornal da Lixa, 112 x11 121 221; Jornal de Notícias, 11x 221 x2x x11; Linhas de Elvas, 112 221 x21 221; Litoral, 2x2 221 121 22x; Manchete Desportiva, 212 221 221 211; Maria da Fonte, 112 221 12x 21x; O Norte Desportivo, 112 x11 x22 x12; Notícias de Felgueiras,

x1x 2x1 11x 2x1; Notícias de Gouveia, 11x 2x1 221 211; Peça que não maça, x12 2x1 122 211; Penalti, 112 221 1x2 211; Placard Desportivo, xx1 111 x2x xx1; Placard Desportivo Açores, 212 11x 212 212; Povo Algarvio, x1x 111 121 1x1; Presença Coimbrã, 11x 221 121 211; Programa sem nome, 211 111 111 111; Quadrante Desportivo, 212 221 121 22x; Quadrante Norte, 212 211 12x 111; Rádio Altitude, 212 121 121 211; Rádio Placard, 111 111 111 111; Reconquista, 112 111 221 2x2; Repórter do Dia Angola, 11x 2x1 x21 2x1; Resenha Desportiva, 21x 221 121 121 x11; Revista de Som, 112 1x1 121 x11; O Sorriso da hora do almoço, 222 1xx 1xx 111; A Voz do Domingo, 112 2x1 12x x1x; O Primeiro de Janeiro, x12 221 121 21x; Clube do Ar, 11x 111 1x1 211; Ritmo e Amizado,

x12 xx1 xxx 211; Diário do Porto, 112 221 1x1 111; Notícias

de Evora, 112 x21 x21 21x; Voz de Lamego, 112 111 121 211;

A Voz dos Ridículos, 112 2 221 xx1.

	R E S U L T A D O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. CAGLIARI-SETÚBAL	34	11	22	6	2	4	
2. AJAX-BOAVISTA	57	8	2	10	1	1	
3. ESTRELA VERMELHA-BENFICA	9	16	42	1	3	8	
4. GUIMARAES-ACADÉMICA	27	11	29	5	2	5	
5. BOAVISTA-ACADÉMICA	26	14	27	5	2	5	
6. AJAX-GUIMARAES	61	3	3	10	1	1	
7. ESTRELA VERMELHA-CAGLIARI	40	16	11	7	3	2	
8. SETÚBAL-BENFICA	10	10	47	2	2	8	
9. GUIMARAES-BOAVISTA	45	17	5	8	3	1	
10. CAGLIARI-BENFICA	11	13	43	2	2	8	
11. AJAX-ACADÉMICA	45	14	3	8	3	1	
12. ESTRELA VERMELHA-SETÚBAL	38	15	13	7	3	2	

a) Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

112 221 121 211

O caso herança Sommer

Continuação da pág. 23

ciou-se apenas para dizer que nada podia dizer.

Entretanto, explicou isto que não deixa de ter um certo interesse:

«Que o declarante tinha boas relações com D. Albana e D. Maria Luísa, tias de sua mulher, a casa de quem às vezes ia, sendo certo que também as mesmas iam a casa do declarante. Eram portanto normais relações de família, até com bastante intimidade, especialmente no que toca a sua mulher. Nas conversas que em consequência dessas recíprocas visitas havia, nunca foram abordados, que se recorde, na presença do declarante, assuntos respeitantes ao modo como foi partilhada a herança de Henrique Sommer.

Nunca nessas conversas, também alguma vez ouviu referir algo respeitante ao conteúdo da carta de Henrique Sommer de Outubro de 1942, a que neste julgamento se tem feito alusão. Nunca tinha ouvido falar a qualquer pessoa na existência de tal carta, e só em data que não pode precisar, mas já quando havia litígios, seu cunhado Carlos deu-lhe notícia dela, mostrando-lhe uma cópia.

Seu cunhado Carlos, segundo crê, exibiu-lhe a aludida carta para que de algum modo o declarante tomasse conhecimento de como as coisas respeitantes aos processos se estavam passando.

Mas se Vasco Jardim casou em 29-12-1951, se era pacífica a aceitação do conteúdo da carta de Henrique Sommer, e a apropriação — e propriedade

das acções por D. Maria Luísa e D. Albana, porque é que se havia de falar perante o sr. Vasco Jardim de uma questão que não existia?

Se efectivamente havia um acatamento e uma aceitação completa e perfeita das disposições de Henrique Sommer, porque é que o sr. Vasco Jardim estranha que não se falasse nisso? Pois se era um problema que não existia!

O sr. Vasco Jardim só ouvia falar quando o sr. Carlos Champalimaud, embrenhado em conflitos, e resolvendo trazer a estes o problema da herança das acções de Henrique de Araújo Sommer, na medida em que percebeu que deixaria de ser herdeiro da sra. D. Albana, começou a mostrar tudo a todos.

Até lhe mostrou a ele aquilo que V. Exas. não tiveram a sorte de ver: a fotocópia da carta de Henrique Sommer.

A terminar, disse o advogado de defesa:

Evidentemente, eu falo destas outras declarações constantes do processo, naquele exame directo de todas as provas que me propus fazer.

Eu não desejava que no final das alegações, V. Exas. pudessem dizer: a defesa de António Champalimaud ocultou-nos umas declarações que nós temos de valorar, que estão nos autos; afinal escamoteou-nos aspectos que são importantes para a decisão; referiu-se exclusivamente aos depoimentos e às declarações favoráveis a António Champalimaud, mas ocultou-nos as outras...

Portanto, eu não vou esquecer a «nobre» figura de D. Maria Isabel Brazão de Sommer,

até porque na verdade marcou aqui um flagrante contraste com a sra. D. Adelaide Themudo Sommer. Não há dúvida nenhuma que a conduta de uma e de outra não têm sequer comparação possível.

Enquanto eu já me referi à impressão que nos deixou D. Adelaide Themudo Sommer, com a sua elevação, o seu apuro e a sua dignidade, com a autenticidade do seu testemunho, comprova-se à saciedade que D. Maria Isabel Brazão de Sommer veio aqui enganar V. Exas.

Ela teve nos autos indiscutivelmente um papel apaixonado: apaixonado a favor dos assistentes, apaixonado contra António, apaixonado até contra sua filha, D. Maria Helena, que figurando como ofendida nestes autos, tem declarado insistentemente que não foi ofendida com nada e que concorda com António Champalimaud, que na situação deste agiria da mesma maneira, porque bem conheceu e bem sabia qual a vontade de Henrique Sommer e respeitava-a como António Champalimaud a acatou e respeitou.

Nesta altura, após intervenção do Presidente do Tribunal e do breve diálogo que se seguiu sobre o momento conveniente para interromper as alegações, decidiu aquele magistrado que, em virtude de haver hoje de manhã julgamento no Tribunal Plenário — de que o dr. Bernardino de Sousa é Juiz assessor — e em que participam também como advogados os drs. Manuel João da Palma Carlos e Francisco Salgado Zenha, a sessão de hoje ter o início às 16 horas.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Eurovisão
VARIEDADES

Programa com Tony Bremett transmitido directamente de Montreux

2.º Programa (22.00)

Foi êxito na TV

«OS ALDABRÕES»

MADEIRA SIEMENS

ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malme-
queres
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com Ana Máscolo
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Abertura e Ciclo Preparatório
TV
19.00 TV Educativa Educação Musi-
cal (crianças)
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Woobinda
20.10 Sangue na estrada
20.45 Um dia com Ana Máscolo
20.55 Presença do passado
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Desenhos animados
22.50 Variedades: «Rosa de Ouro»
23.30 Museu de Cinema
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com...
21.00 Por favor não comam os malme-
queres
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os aldrabões
22.50 Amaral Neto e fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
(Barney)
13.00 Feminino singular
13.15 Arnie
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconheci-
do
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa. (Física Moderna)
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV palco
20.10 Cartaz TV
20.25 (Rodin (Exposição))
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os Homens de Shiloh
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Arnie
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os bons velhos tempos
22.45 Encontro com o Mundo.



urgência

E emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente encoberto chovia em quase todo o território excepto em Trás-os-Montes e Algarve e o vento era fraco ou moderado dos quadrantes Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11º
P. DOURADAS	3º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	13º
FARO	16º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA Máxima 18,6º

MONTALEGRE Mínima 0,3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14,5º
Atmosfera 13,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.46	3,0 m
23.09	3,2 m

Dia 27

11.53	3,1 m	5.12	1,5 m
		17.35	1,5 m

DIA 28

0.11	3,3 m	6.10	1,3 m
12.48	3,3 m	18.31	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente encoberto passando a pouco nublado a partir do começo da noite; períodos de chuva; vento moderado dos quadrantes do Sul fixando-se no Sudoeste.

AMANHÃ

NASCE ÀS 6.45
OCASO ÀS 20.25



DIA 2 DIA 9 DIA 17 Dia 25

Campanha de HABITAÇÃO

Campanha INDUSTRIAL

Campanha de RENDIMENTO

PARA APLICAR
O SEU CAPITAL

INFORME-SE EM

J. PIMENTA, S.A.R.L.

QUELUZ - EDIFÍCIO SEDE

Av. António Enes, 25 - Telef. 95 20 21/5

LISBOA

Pr. Marquês de Pombal, 15 - Telef. 4 58 43 - 4 78 43



RECÓD

EMISSORA 1.º PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da Melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: Joe Cocker
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Zarzuelas
20.00 Diário sonoro
20.20 O conjunto Birtha
20.30 24.º episódio do folhetim «A Passagem»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só música
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.10 Guitaradas pelo conjunto de Jaime Santos
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir
17.47 Música de piano
18.00 Música portuguesa
19.00 (Jornal do serviço de noticiários)
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de câmara
21.00 Árias de ópera pelo soprano Rita Streich
21.20 Tempo literário
21.45 Abertura «No Reino da Natureza» (Dvorak)

22.00 Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho)
22.37 Sinfonia simples (Britten)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Diálogo
21.08 Será musical
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiário — programa à gô-gô (cont.)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Só-rádio

21.35 Canções que foram êxito
21.45 O arauto da verdade
22.02 Variedades
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.00 (jornal do serviço de noticiários e reportagens da Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE R. DE PORTUGAL

Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 2.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR

Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA

Das 14.30 às 19.30

● cinemas ●

■ LISBOA

TURNO 1-1
TODA A NOITE

AJUDA
Dilema, Rua Aliança Ope-
rária, 49-A (Telef. 636620).

ALCANTARA
Vieira da Rosa, R. Prior do
Crato, 74 (Telef. 660137).

ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98
(Telef. 863224)

ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro, Av. Almi-
rante Reis, 121-B (Telef.
45751)

ALVALADE
Sanez, Av. da Igreja, 31-C
(Telef. 717505)

AREIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B
(Telef. 731478)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque
de Saldanha, 14 (Telef.
41845)

BAIXA
Valadas, Rua da Madalena,
235 (Telef. 872060)

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolo-
meu Dias, 63-A (Telef.
611454)

BENFICA
Ribeiro, Estrada da Luz, 199
(Telef. 780969)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição, Calçada D. Gas-
tão, 30 (Telef. 381279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de
Ourique, 131 (Telef.
686640); Urbano de Freitas,
Rua Silva Carvalho, 1-9 (Te-
lef. 662838)

CONDE REDONDO
Saluz, Rua Luciano Cordero-
ro, 73 (Telef. 42239)

JANELAS VERDES
Pinheiro, Rua Presidente
Arriaga, 16 (Telef. 691054)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77
(Telef. 790480)

MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua
Braumcamp, 52-C (Telef.
43409)

OLIVAS
Antunes Rosas, Praça da Ci-
dade do Luso, Lote 199 (Oli-
vais-Sul) (Telef. 313610)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimen-
to Costa, 16-A (Telef.
728395)

S. BENTO
Confiança, Praça das Flo-
res, 59 (Telef. 690401)

S. PAULO
Africana, Rua Bernardino
Costa, 45 (Telef. 369120)

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da
Mata, 160 (Telef. 761035)

TURNO 1-2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCANTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30
(Telef. 630704)

ALTO DO PINA
Ibérica, Rua Barão de Sabro-
sa, 235-A (Telef. 728277)

ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de
Janeiro, 4-C (Telef. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo
Jorge, (às Galinheiras) (Te-
lef. 790969)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de
Tomar, 20 (Telef. 44995)

BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa,
94 (Telef. 321534)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte 11
(Telef. 311216)

BAIXA
Brites Moita, Praça da Ale-
gria, 27 (Telef. 321149). Cor-
tez, Rua de S. Nicolau 93
(Telef. 325378).

BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira,
326 (Telef. 638193); Belém,
Rua Tristão Vaz, 10-A (à En-
costa do Restelo) (Telef.
638193)

BENFICA

Santa Cruz, Av. Gomes Pe-
reira, 34-A (Telef. 704828)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua Maria Pia, 358-A
(Telef. 686176)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide,
54-A (Telef. 684424). Rua Ma-
ria Pia, 358-A (Telef.
686176)

ENTRECAMPÓS
S. Miguel, Praça Francisco
Moraes, 1 (Telef. 771469)

ESTEFÂNIA
S. Jorge, Avenida Rovisco
Pais, 32-A e 32-B (Telef.
534027)

ESTRELA
Tagus, Praceta da Rua Pos-
sodónio da Silva, 162-A (Te-
lef. 669485); Rodrigues e Ai-
res, Rua da Lapa, 54 (Telef.
662246)

GRAÇA
Branquinho, Rua de Sapado-
res 87 (Telef. 842725)

INTENDENTE
Intendente, Largo Pina Mani-
que, 50-51 (Telef. 47838)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D.
Amélia, 34-B (Telef. 794174)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie,
15-A (Telef. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Gran-
jo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribe-
iro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão
Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro P. Resi-
dencial dr. Augusto de Cas-
tro-Lote 10 (Telef. 2430691)

PARADE
Grincho Av. da República,
87 (Telef. 2471204)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Suíça Cruzeiro (Telef. 260087)

CASCAIS
Cordeiro Av. Com. G. Guer-
ra, 40 (Telef. 281419); Nova
Est. de Alvide, Fontainhas
(Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P. 28 de Maio, 3-A
(Telef. 935518); Carmelo R.
Elias Garcia, lote 28 (Telef.
933303); S. Jorge R. Pedro
del Negro, 5 Reboleira (Telef.
938703); Helenica R. Elias
Garcia, 2 (Telef. 933613)

DAMAIA
Lemos R. de Goa, 21-A (Telef.
971121)

QUELUZ
Zeller R. da República, 93
(Telef. 950045); Correia L. do
Mercado, 3 (Telef. 950906)

CACÉM
Garcia Av. dos Missio-
nários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Quilma Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Marras L. Afonso Albu-
querque (Telef. 980058)

COLARES
Colares Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos
Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Cristo Rei Av. do Cristo Rei,
31-A (Telef. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 174
(Telef. 224302)

BARREIRO

Picarra Av. do Bocage (Tel.
2074771)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barro-
cas, 50-A (Telef. 2760182)

MOITA
Silva Rocha P. da Repúbli-
ca 16 (Telef. 239029)

MONTEJO
Graldes R. Almirante Reis,
45 (Telef. 230008)

SESIMBRA
Leão Av. Salazar (Tel.
229471)

SETÚBAL
Higiene R. Frei Agostinho
da Cruz (Telef. 22408); Portu-
gal R. Camilo Castelo Bran-
co (Telef. 23211)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51
(Telef. 2218580)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavero, R. da Restau-
ração, 53. Constituição (da)
R. da Constituição, 93. Fer-
reira de Carvalho, R. do Bon-
jardim, 354. Oriental, R. do
Bonjardim, 727. Padrão,
Largo do Padrão, 342. Ra-
mos, Pr. Exerc. Libertador,
91.

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda., R. de Ce-
dofeita, 125. Lidador (da)
R. do Lidador, 171. Parente,
Rua das Flores, 114. Sousa
Soares, R. de Santa Cate-
rina, 141. Vitória, R. de S. R.
da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil,
70 (Telef. 26046); Santa Cruz,
Rua das Padeiras, 94 (Telef.
23569); Higiene, Rua Fernan-
des Tomaz, 41 (Telef. 22634)

LEIA

motor

CINEMA CASTIL (Telef. 530194)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo C - 14 anos)
Colorido. «OS CLOWNS» de Fellini
(Estacionamento Parque Castil)

MONUMENTAL (Telef. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«GETAWAY» (Tiro de escape) Steve
McQueen, Ali MacGraw - um filme de
Sam Pechinplan - Color

SATÉLITE (Telef. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 2.ª semana
Um filme de António Pedro Vascon-
celos «PERDIDO POR CEM...» com
José Cunha, Marta Leitão, Ana Ma-
ria Lucas e Nuno Martins.
Amanhã e sábado sessões especiais
às 24.15

APOLLO 70 (Telef. 763319)
15.15-18.30-21.45 4.ª Semana
(Grupo B - 10 anos) Technicolor
Jerry Lewis «O HOMEM DAS MU-
LHERES» Hoje às 24.00 Clássicos à
Meia Noite (Grupo D - 18 anos)
«O COMEDIANTE» de Tony Richar-
dson

MUNDIAL (Telef. 538743)
18.30 e 21.45
(M. 18 anos). Michael Reardon, Isa
Miranda e Barbara Bouchet num
insólito e empolgante espetáculo!
«NOVA YORQUE CLANDESTINA»
Um filme em Technicolor de Pietro
Zuffi. (Metro: Estação Picoas)

AVIZ (Telef. 47163)
15.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo B (10 anos).
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME RI-
NITA» Terence Hill e Bud Spencer.

RESTELO (Telef. 610375)
21.30
(Grupo D 18 anos)
Em panavision e technicolor em
«ZAPATA» com Jaime Fernandez
e Patricia Azpillaga

CINEMA LONDRES (Telef. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
5.ª Semana. (Grupo D-18 anos). Co-
lorido. As seduções libertinas e o
amor conjugal o filme de Eric Rohmer
«AMOR ÀS 3 DA TARDE» (Snak-
-bar, Pub Flag. O melhor encontro
gastronómico.

EUROPA (Telef. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana. Um filme de Joseph
Losey «O ASSASSINATO DE TRO-
TSKY», com Richard Burton, Romy
Schneider e Alain Delon. Technicolor.

IMPERIO (Telef. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo B 10 anos) 1.ª semana
William Holden - Alec Guinness em
«A PONTE DO RIO KWAY» um fil-
me de David Lean. Technicolor - Ci-
nemoscope.

ESTÚDIO (Telef. 5551345)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Color - Um filme de Jan Kadar «MU-
LHER À DERIVA» Com Rade Marcovic
e Milena Bravic
(Metropolitano - Alameda)

ODEON (Telef. 326283)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 6.ª Semana
Uma sensacional e explosiva novi-
dade espectacular como nunca se
viu igual «O INVENCÍVEL» Com
Bruce Lee - Um fenómeno de judo e
karate

VOX
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª semana. (Grupo D 18 anos). East-
mancolor. Um filme de Claude
Chabrol «A CASA DOS DESEJOS»
Jean Paul Belmond, Mia Farrow

ALVALADE (Telef. 717480)
15.15 e 21.45 - 3.ª Semana
Grupo A 6 anos. «OS MALUCOS
DO ESTÁDIO» c/ Les Charlots, Paul
Preboist e Martine Kelly. East-
mancolor.

CONDES (Telef. 322523/326710)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
A alegria, a melodia, o luxo de Viena
e de Johann Strauss «A GRANDE
VALSA» Com Horst Bucholz, Mary
Costa e Nigel Patrick - Panavision-
Metrolcolor

EDEN (Telef. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
5.ª Semana. Cantinflas em «DOM
QUIXOTE» (Cavalga de novo)

S. JORGE (Telef. 54151)
15.15-18.15-21.30 - 2.ª Semana
Grupo D 18 anos. A sensacional
comédia. «PARIS MANICÓMIO DO
AMOR». Com Marthe Keller

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A RAPARIGA DOS OLHOS VERDES».

IMPERIAL (Telef. 821933)
14.45 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«COM JEITO VAI NA PANDEGA» e
em complemento «UM BELÍSSIMO
NOVEMBRO»
(Metropolitano: Arroios-P. Chile)

ROMA (Telef. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRI-
NITA» Terence Hill e Bud Spencer.

POLITEAMA (Telef. 326303)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo B 10 anos)
Terence Hill e Bud Spencer «CON-
TINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA»
Gargalhada e um arraijal de pancada-
ria... o melhor estilo vale tudo
ATENÇÃO: Nas «matinéas as cri-
anças recebem uma estrela de Sher-
riff» Trinitá2

BERNA (Telef. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo C 14 anos.
Technicolor. Paravision A ultima
palavra sobre o amor «SEGUIE-ME
QUERIDO». Topol, Mia Farrow

ROYAL (Telef. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«MEMÓRIAS DE UMA ALCOVITEIRA»
e em complemento «007 MISSÃO
EM LISBOA»

TIVOLI (Telef. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo A (6 anos)
Technicolor. Walt Disney apresenta
«ALICE NO PAÍS DAS FADAS»

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C 14 anos «A ALIANÇA» Anna
Karina Jean Claude Carriere
Amanhã e sábado às 00.30 - Cinema
Fora de Horas «CONTINUARAM A
CHAMAR-ME TRINITA»
(Grupo B - 10 anos)

outros aspectos da cultura

LISBOA/Teatros

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, nuncal Somos britâ-
nicos»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Sua Excelência, o pendura»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo da Páscoa»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a Corista»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Amantes desconhecidos»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Zapata»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Amor, a maior riqueza»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«A maior proeza do Oeste»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A volta de Jesse James»

MAYER
21.00 (18 anos)
«007 ao serviço de Sua Ma-
jestade»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O longo dia do ódio»

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
21.30 (18 anos)
«O que se pode fazer com 7
mulheres»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (14 anos)
«Entre duas margens»

PARADE
Royal-Cine
21.15 (17 anos)
«Ned Kelly»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«A rapariga dos olhos verdes»

Palácio
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Em nome do povo italiano»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Os jovens guerreiros»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Distraído»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«O Recado»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«Pedro, o louco»

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Que gatinha renhãunhã»

Academia
21.15 (18 anos)
«O último a rir»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O tesouro dos Incas»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O malandro de bata branca»

PORTO/Teatros

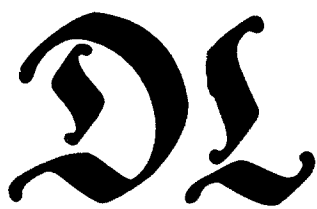
SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«O regresso do pirata negro
e «Ringo e Gringo»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICAS A.R.L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º E-4.º
TELEF. 654531/2 3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

AINDA HÁ PEÕES EM LISBOA

Fala-se muito de automóveis, de trânsito, de estacionamento (proibidos ou não, pagos os gratuitos), de poluição dos escapes, de porque torna e porque deixa.

Em Lisboa um antigo presidente da Câmara ganhou notória popularidade porque executou cruzamentos desnivelados (sobretudo viadutos) para os automóveis.

Ora a verdade é que ainda há peões em Lisboa. São

muitos. Dizem-nos mesmo as estatísticas que são a grande maioria. Apesar do risco permanente em que andam (veja-se por exemplo a saída da estação do Metro em Entrecampos, onde havia um túnel para peões), ainda há peões em Lisboa. Em Entrecampos destruíram-lhes um túnel para construir dois túneis para os automóveis.

M. de A.

Um jesuíta português na expedição transatlântica

Continuação da pag. 1

o comportamento humano.

Os participantes, todos de nacionalidades diferentes, com a excepção de dois norteamericanos, um branco e um preto, devem partir das ilhas Canárias dentro dos próximos dez dias, conforme as corren-

tes e as condições meteorológicas.

Foi atribuída a cada participante uma missão específica, mas, enquanto sublinha que o grupo será democraticamente organizado, Genoves admite que as funções principais foram atribuídas às mulheres.

LIVROS ESPANHÓIS

10 000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS

★

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

Automóvel Club de Portugal

IMPOSTO SOBRE AUTOMÓVEIS

A Direcção lembra aos Sócios do Club e a todos os automobilistas que termina na próxima 2.ª feira, dia 30, o prazo para aquisição dos distícos relativos ao novo imposto, para os automóveis em circulação.

A utilização de qualquer automóvel, a partir de 1 de Maio, sem o pagamento do imposto, quando devido, ou sem a aposição do respectivo distíco, é punida com multa igual ao dobro do valor do imposto.

Plenário Criminal

Estudantes acusados de ligação com o P.C.P.

Actividades conspirativas e de agitação política nas escolas superiores de Lisboa são a principal acusação que a Direcção-Geral de Segurança e o Ministério Público lançam contra os dois estudantes que esta manhã se sentaram no banco dos réus da Boa-Hora.

Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho, de 18 anos, e João Pedro Lemos Santos Silva, de 22, seriam, segundo o Ministério Público, membros do Partido Comunista Português e da organização estudantil sua tributária, a União dos Estudantes Comunistas.

AS DUAS U. E. C. S.

É a primeira vez que respondem no Plenário Criminal réus acusados de ligações com a U. E. C., organização criada por resolução do Comité Central do P. C. P. em Novembro de 1971, dispo de autonomia orgânica, segundo a expressão do despacho de pronúncia que acolheu a acusação do agente do Ministério Público, juiz-adjunto dr. Costa Saraiva. Outra organização usava nome idêntico antes da acima referida: a União dos Estudantes Comunistas Marxistas-Leninistas, UEC (ML), que se arrogava do maiorismo como linha teórica — em oposição, portanto, à tendência ortodoxa do P. C. P.. A UEC(ML) publicava o boletim «Servir o Povo». A UEC(PC) tem editado documentos de índole inteiramente diversa.

A audiência principiou às 10 horas, sob a presidência do desembargador dr. Morgado Florindo. Os dois réus, presos na Cadeia da Direcção-Geral de Segurança, em Caxias, nomearam seus defensores os drs. Manuel João da Palma Carlos e Francisco Salgado Zenha. Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho, estudante de Belas-Artes em Lisboa,

A ACUSAÇÃO

O despacho de pronúncia produz acusações também contra um terceiro réu, a estudante de Agronomia Dália Rosa Falcato, cujas actividades se teriam processado, segundo o Ministério Público, em estreita conexão e identidade com as atribuídas aos dois outros. Libertada pela D. G. S., sob caução, em dado momento da instrução preparatória, a estudante Dália Rosa teve contra si um mandato de captura, quando o processo foi recebido pelo tribunal. Mas a captura não se efectivou pelo que a arguida não compareceu em juízo. Segundo o despacho de pronúncia, teria sido convidada a ingressar no P. C. P. por João Pedro Santos Silva, de-

envolvendo depois actividades partidárias em colaboração com Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho.

A acusação refere várias tarefas de organização das estruturas na UEC nas escolas universitárias de Lisboa, a difusão de documentos e de propaganda política, além de vários trabalhos de apoio, encontro e reuniões. Entre os documentos que teriam circulado pelos réus, enuncia o Ministério Público a «Declaração da UEC» um «comunicado clandestino e subversivo denunciando a repressão», além dos principais órgãos do P. C. P.: o «Avante!» e «O Militante». A actividade dos três réus remontaria, no âmbito da UEC, ao princípio de 1972.

FALTA EM ANGOLA PESSOAL DE ENFERMAGEM

NOVA LISBOA (Angola), 25 — (L) — Apenas durante os últimos seis anos, foram inteiramente formados pela Escola Técnica dos Serviços de Saúde e Assistência desta cidade e pela Escola de Saúlala mais de 600 profissionais de enfermagem e de Assistência sanitária — revelou o dr. Bellini Jara, director daquela primeira Escola, durante a entrega de diplomas aos 59 auxiliares de enfermagem agora diplomados.

A escola, actualmente com uma frequência de 123 alunos, deverá lançar na vida profissional, até fins de 1973, mais 14 enfermeiros do curso geral, 12 técnicos de farmácia e 13 preparadores de laboratório, tendo o diplomado desde 1966 nada menos do que 248 auxiliares de enfermagem, 13 enfermeiras-partes e puericultoras e 33 preparadores laboratoriais — importante contributo para os órgãos assistenciais do Huambo que, tal como ao longo de Angola, lutam com desesperante falta de pessoal de enfermagem, capaz de assegurar o bom funcionamento dos modernos e bem equipados hospitais angolanos.

Entretanto, no vizinho distrito de Benguela, acaba de se efectuar também a sessão de encerramento de mais um curso de enfermagem da Escola Técnica anexa ao Hospital Central, tendo sido diplomadas mais algumas dezenas de novas enfermeiras.

Nota da D. G. S.

Com o pedido de publicação, recebemos da Direcção-Geral de Segurança a seguinte nota:

Continuam em curso as diligências relacionadas com os atentados bombistas no Território Metropolitano, tendo sido

efectuado mais uma prisão e identificado um outro elemento activo da organização terrorista «Acção Revolucionária Armada» (A.R.A.) ausente em parte incerta, com última residência conhecida no Bairro da Sáfira, freguesia de S. Domingos de Rana, Cascais. Trata-se de António João Eusebio, solteiro, estudante da construção civil, natural de Corte-Gaio de Balzo, Mértola, nascido a 20 de Agosto de 1942.

Esclarece-se que o indivíduo da organização terrorista «LUAR» referido na última nota desta D.G.S. pelo nome de Joaquim Alberto Lopes Simões, foi subdiácono — tendo sido dispensado em Junho de 1969 — e não padre, sendo natural de Riachos, Torres Novas. A data em que passou à clandestinidade, residia em Vila Franca de Xira.

“A IGREJA NA IDADE MÉDIA”

A Universidade Católica vai realizar de 1 a 29 de Maio, com horários das 18 às 20 horas, às segundas terças e quintas, um curso dirigido pelo prof. J. Pérez de Urbel, sobre «A Igreja na Idade Média». O custo da propina é de 100\$00.

VIAGENS
EXCURSÕES
CRUIZES
paneuropa
Brasão, 11 Tel. 563401 Lisboa

**leninegrado
e moscovo**

16 a 23 Setembro e
30 Setembro a 7 Outubro

avião • hotéis de 1.ª classe
quartos c/ banho
todas as refeições
visitas • transfers
espectáculo de ballet

10.950\$00

Inscrições imediatas
pelos nossos telef. 56 34 01

Uma organização Exit

PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO

EM TODO O «STOCK» DE TAPETES
POR REMODELAÇÃO DO ESTABELECIMENTO



A PERSIA ANTIGA

R. da Imprensa Nacional
116 B (a Esc. Politécnica)
Lisboa 2 - Telef. 674493

NOTAS POLÍTICAS

COMENTÁRIO

O secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, profere hoje, às 21 e 30, mais um «Comentário» no início do telejornal da Radiotelevisão, o qual será também transmitido pela Emissora Nacional às 21 horas.

MINISTRO DO INTERIOR

O ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, teve ontem no seu gabinete uma reunião de trabalho com os governadores civis do continente e ilhas adjacentes, tendo sido apreciados assuntos políticos e administrativos de interesse geral e regional. Participou na reunião o secretário-geral do Ministério e director-geral de Administração Política e Civil, dr. António Pires de Lima.

SECRETÁRIO DE ESTADO DO EXÉRCITO

O brigadeiro Alberty Correia, secretário de Estado do Exército, visitou ontem o Regimento de Artilharia de Costa, em Oeiras, tendo-se deslocado também às baterias da Laje, Alcábalche e Parede.

PRESIDENTE SALAZAR

Celebram-se amanhã missas de sufrágio em memória do presidente Salazar nas igrejas do Sacramento (às 12 e 30) e da Sagrada Família (às 19 horas), dado completarem-se 45 anos sobre a data em que aquele estadista entrou para o Governo.

Pelo mesmo motivo, o Chefe do Estado descerra amanhã, às 11 horas, uma lápida no Forte de Santo António da Barra, em S. João do Estoril, onde o falecido Presidente do Conselho viveu de 1950 a 1968.

SERVIÇOS ECONÓMICOS DA I. G. A. E

Por despacho do secretário de Estado do Comércio, vai passar a exercer as funções de director interino dos Serviços Económicos da Inspeção-Geral das Actividades Económicas, o dr. Manuel Francisco dos Santos, que ocupa naquele departamento o cargo de especialista económico.

COMEMORAÇÕES DA ALIANÇA LUSO- BRITÂNICA

Chega a Lisboa, no dia 30, uma flotilha da Armada Britânica composta pelo cruzador portamiões «Glamorgan», pelas fragatas «Jaguar» e «Hardy» e pelo navio de apoio «Regent», cuja visita se integra no âmbito das comemorações do VI Centenário da Aliança Luso-Britânica.

A propósito do mesmo acontecimento, a emissora britânica BBC, através dos seus programas especiais em português, irá transmitir, a partir de 5 de Maio, oito palestras a cargo de autoridades conhecidas no campo dos estudos anglo-portugueses.

DIALOGOS CONFIDENCIAIS



Hernâni Cidade.....
Camões

SUPLEMENTO LITERÁRIO



O texto de Adolfo Casais Monteiro que a seguir publicamos continuava a série de quatro artigos que sob o título «Introdução à Literatura Brasileira» demos a público há algumas semanas. Embora parte de um estudo completo que não pôde ser concluído, pareceu-nos de utilidade manifesta trazê-lo ao conhecimento dos leitores.

O início da «Era Nacional» da literatura brasileira está, como é evidente, sujeito à mesma diversidade de interpretações, conforme vimos na Introdução, afinal anula a importância que as histórias de literatura costumam atribuir às datas e prioridades. Segundo melhor nos pareça, tanto podemos procurar demarcar o começo do romantismo em função das «condições» que propiciaram o ambiente necessário à sua eclosão; como datá-lo das primeiras «afirmações» de uma vontade de literatura nacional, ou então das primeiras manifestações realmente significativas. Pelo que ficou dito na Introdução, já o leitor sabe que o meu ponto de vista só poderia ser este último.

Ora, as afirmações características são: na poesia, o subjectivismo lírico e a poesia indianista; no romance, o de costumes nacionais e o indianista. Estes dois aspectos da poesia e estes dois aspectos da prosa novelesca nem sempre podem definir-se em termos exclusivos, pois que sob diversos aspectos se interpenetram. Pode dizer-se que nesses se ensaiam, essencialmente, dois caminhos vitais para a literatura brasileira, independentemente das características de época, e tendo-se em conta que outros elementos virão completá-los e enriquecê-los. Mas, fundamentalmente, nesses traços definidores do romantismo está já patente uma visão da natureza brasileira e um retrato do homem brasileiro.

A penetração na literatura, com força decisiva, de interesses e preocupações até então afastados ou, na melhor das hipóteses, só vagamente aludidos, interesses e preocupações directamente ligados à própria existência do homem, e as mais diversas reivindicações, desde o plano subjectivo ao do direito, constitui o



Colheita do café: uma visão romântica do pintor alemão Johann Moritz Rugendas

O ROMANTISMO BRASILEIRO

instrumento fundamental da revolução romântica em todo o mundo ocidental. Confluência de caminhos os mais diversos, representando, até, direcções contraditórias, o romantismo é todavia unificado por essa nova medida do homem, que tanto pode conduzir as afirmações egotistas do indivíduo excepcional (ou que tal se supõe), como a expressão, pela invocação de tradições históricas ou míticas, do espírito das nacionalidades, que penetram assim na literatura como elemento oposto ao universalismo abstracto que impregna o espírito clássico.

Da mesma forma que, na Europa, se identifica com a consciencialização de um «génio» nacional, que basta ir buscar aos inesgotáveis veios das tradições populares e da história local (ou da raça tida como raiz daquelas), isto é, a ressurreição do passado, na América, embora de muitas maneiras herdeira e forçosamente continuadora dessas tradições e

desse passado, o romantismo, coincidindo (e não por acaso) com a luta pela independência e os esforços pela consolidação de novas nações, precisava pelo contrário de se opor aqueles, pois tais tradições e tal passado se identificavam com o estado de que mal acabavam de se libertar, e recusá-los era natural corolário da sua jovem independência. Mas nem por isso a ideia do passado deixou de ser elemento determinante, já que as novas nações sentiam como necessária uma continuidade que, sem as humilhar, as elevasse ao mesmo plano de dignidade cultural e esta só podia ser então concebida numa base essencialmente histórica.

Assim, o romantismo brasileiro encontra no índio o mito necessário para completar o idealismo iluminista e revolucionário, muito que, aliás, lhe vinha, entre outros elementos, do enciclopedismo setecentista. O negro, como muito bem observaram António Cândido e Cavalcanti Proença, não podia, dado o seu status social de escravo, constituir elemento «nobre», e representar o papel de dignificante ascendente de uma nação. Por isso, a par dos elementos em que comunga com o romantismo europeu, o romantismo brasileiro encontrou no indianismo, não só um elemento estético, mas, simultaneamente, uma formulação da independência em relação a Portugal, uma tradição contra outra, uma dignidade histórica, apesar de mítica, para contrabalançar o peso asfixiante da tradição lusitana.

É questão secundária a da ordem em que surgem estas e outras tendências tidas como elementos mais característicos do romantismo brasileiro; o que importa é a convergência, num dado período, de intenções e possibilidades, de atitudes individualistas e objectivos nacionalistas, de circunstâncias e de vontades, que pela sua coerência e variedade deram fisionomia a uma época literária, pelo facto de terem como base um fermento comum de unidade. Com efeito, pode dizer-se que, simultaneamente, a autonomia política influi na autonomia estética, e

que esta contribui numa proporção relevante para o conteúdo cultural daquela.

Os historiadores da literatura brasileira são abundantes em enumerar figuras e obras que, umas no exclusivo plano da criação literária, outras em domínios afins, formaram a pléiade romântica. Não se consentem aqui enumerações que, sendo embora um acto de justiça prestado a muitos valores menores, ou então a actividades alheias, mas interessando a literatura, entrariam em contradição com as proporções deste trabalho. Assim, por exemplo, a excelente antologia da poesia romântica organizada por Edgar Cavaleiro para o «Panorama da Poesia Brasileira» (vv. II - O Romantismo, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1959), apresenta produções de 50 poetas, desde Maciel Monteiro, nascido em 1804, a Francisco Lobo da Costa, nascido em 1853. O primeiro foi, na opinião de alguns, o verdadeiro introdutor do romantismo no Brasil; o último, que se pode dizer inteiramente esquecido, é um romântico retardado que se mantém fiel a certas facetas do espírito romântico em plena época anti-romântica; e só no Rio Grande do Sul, de onde é natural, o seu nome e a sua poesia sobrevivem na memória de alguns.

Há outros aspectos que desde já devemos assinalar: o romantismo, pelas suas características que falam à sensibilidade comum, pelo predomínio do coração, da emotividade, de sentimentos generalizados e vagos que tocam as mais diversas camadas da população, faz, pelo que respeita aos leitores, a «Unidade literária» do país. Simultaneamente à constituição dum público generalizado surgem autores nas mais distantes regiões do país. Embora se esteja ainda longe da busca das expressões regionais, do reconhecimento das diferenças de província para província, e a literatura continue a ter os mesmos centros tradicionais, Recife, Bahia, S. Paulo e Rio de Janeiro, com o evidente predomínio deste, isto é, da «corte».

Para isto contribui também,

em primeiro lugar, o orgulho nacionalista, que tem a vitalidade de um espírito de rebeldia e independência visível na frequência de lutas internas que, durante todo o século XIX, reflectem o esforço para a estruturação duma sociedade que procura, simultaneamente, realizar-se nos diversos planos cuja soma constitui a sua própria consciência de existir como nação. O que por vezes se exprime em lutas de reivindicação das províncias contra a corte demasiado distante e alheia aos problemas de cada uma. Mas, em segundo lugar, contribuem para essa «unidade literária» sob o signo do romantismo, embora apenas se revelem claramente numa segunda fase, os ideais abolicionistas, os quais, juntamente com os ideais republicanos estes mais cedo tornados realidade, completam a fisionomia duma nação americana, antieuropeia na sua recusa de tudo quanto significava a persistência dos vestígios de sujeição colonial. O Império e a escravidão, não obstante se dever ao primeiro a definição e consolidação da própria autonomia da nação, serão combatidos e finalmente vencidos por exprimir condições retrógradas, e serem reflexo, ou, pelo menos, se identificarem com as velhas monarquias coloniais.

A história da consolidação da independência tem pois, na literatura romântica, uma das suas expressões mais vivas, e isto, só por si, talvez possa explicar a persistência de ideais literários que tinham embebido as suas raízes na própria essência do sentimento nacional. E o facto de este tão frequentemente aflorar, em fases posteriores da literatura brasileira, parece significar a que ponto, mais do que uma «escola», é o romantismo brasileiro um «valor», até hoje não inteiramente superado, que se identifica com a formação da consciência nacional... e que porventura só tenderá a desaparecer quando esta se possa sentir inteiramente liberta duma alienação que perdurará como elemento retrógrado e cuja presença seja sentir, ainda hoje o fantasma de «poderes» e

«forças» que lhe coagiriam a vontade de nação consciente da sua individualidade, mesmo quando isso não passe de ilusão subjectiva, como se revela em todos os casos de reivindicação duma «independência» que na realidade nenhum país, nenhuma cultura possuem. O «ufanismo» que ainda hoje faz um crítico possa «supor» que a evolução da literatura brasileira se processa em total independência em relação à Europa mostra um dos vários desvios em que o espírito brasileiro confunde com a efectiva autonomia um inverosímil isolamento.

Mas, para se verificar com toda a evidência a continuidade cultural que o romantismo brasileiro representa, bastará registar a persistência do catolicismo como elemento unificador, e donador comum de toda a literatura romântica. Valor supranacional, compreende-se muito bem que a religião tenha sido, como afirma António Cândido, «desde logo reputado elemento indispensável à reforma literária, não apenas por imitação aos modelos franceses, mas porque, opondo-se ao temário pagão dos neoclássicos, representava algo oposto ao passado colonial (...). Embora os poetas da primeira fase tivessem sido os mais

declaradamente religiosos, no sentido estrito, todos os românticos, com poucas excepções, manifestam um ou outro avatar do sentimento religioso, desde a devoção, até um vago espiritualismo quase panteísta» (II, p. 16/7). E não admira que ela se revele sobretudo, como diz ainda o mesmo autor, «como posição afectiva, abertura da sensibilidade para o mundo e as coisas através de um espiritualismo mais ou menos indefinido, que é propriamente a religiosidade, tão característico do Romantismo» (idem, idem).

Patriotismo, indianismo, religiosidade, sentimento da paisagem, interpenetram-se e fundem-se no romantismo brasileiro e pode dizer-se que em nenhum dos autores representativos do romantismo, mesmo nos poetas mais exarcebados da primeira fase, os próprios extremos da afirmação do eu entrem em conflito com esse fundo comum em que é evidente um conformismo que não me parece ter sido ainda posto em destaque, uma timidez, digamos assim, que limita os «voos» especificamente românticos à esfera emotiva, que se satisfaz com uma liberdade condicionada pela estrutura deixada fora de discussão das formas tradicionais da reflexão e da crença. Isto é, os românticos brasileiros não «indagam», as suas expressões restringem-se ao campo dos sentimentos que não põem em risco a unidade espiritual do cristianismo. Essa é a meu ver uma limitação que os identifica, mas que outra qualquer das suas características, com o romantismo português, ele próprio já marcado por essas mesmas limitações. Talvez um dia a história da cultura, mais do que a da literatura, venha a dar uma interpretação destas limitações paralelas, que fazem do romantismo português e brasileiro uma fase muito menos «revolucionária» do que a representada pelas suas características universalmente reconhecidas.

Aquele carácter «indefinido» da religião dos brasileiros explica talvez estas limitações. Como escreve Sérgio Buarque de Holanda em «Raízes do Brasil», «A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o reportório de ideias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades» (3.ª ed., p. 219).

O TEMPO NAS PALAVRAS

UM NOVO LIVRO DE

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

MORAES editores

SERÁ "BARRANCO DE CEGOS" UM ROMANCE DE SÍMBOLOS?

Na verdade, parece valer a pena abrir com esta pergunta: será Barranco de Cegos um romance de símbolos? Ou, por outras palavras, que no fim de contas querem interrogar o mesmo: constituirá Alves Redol um escritor (realista) que se nega a si próprio (e ao seu próprio realismo) com o uso abusivo da simbolística?

Eis, com efeito, duas perguntas que têm plena justificação em face de algumas afirmações que já foram feitas. Recordo, por exemplo, a de Alberto Ferreira, na «Seara Nova» de Julho de 1970, a propósito de **Gaibéus** (decerto, repare-se, a primeira experiência de Redol nos domínios do romance). E transcrevo esta breve consideração do lúcido ensaísta de **Real e Realidade**: «**Gaibéus** é a representação simbólica (sublinhado meu) do espírito democrático: obra do povo para o povo. E evoco, do mesmo passo, agora relativamente à obra de Redol que nos vem ocupando, duas passagens de Alexandre Pinheiro Torres no seu inteligente ensaio **Romance: O Mundo em Equação**»

a bra em que talvez mais profundamente se escreveu sobre o escritor de **A Barca dos Sete Lemes** e **Barranco de Cegos**. Primeiro esta: «**Barranco de Cegos** («se um cego guia outro cego, ambos vêm cair no barranco») é a biografia de uma personagem, mas fundamentalmente simbólica (sublinhado igualmente meu), Diogo Relvas, potentado ribatejano cuja história Redol nos relata a partir de 1891, ano da revolta republicana no Porto». E depois, esta outra: «... Aquilo que Redol nos mostra é, fundamentalmente, a luta interior e exterior de Diogo Relvas, que simboliza (sublinhado idem) tanto a ideologia conservadora de uma classe dominante como a ideologia reaccionária de uma classe decadente, contra a ideologia revolucionária das classes ascendentes».

Estas afirmações as de Alberto Ferreira e Pinheiro Torres — são, ambas, o que se pode dizer bem intencionadas. Mas estarão certas?... O curioso, para já, é que dir-se-ia afanar, neste tom geral de falarem em «símbolos» e em «simbologia romanceada», com uma outra de oposta intenção, a qual também transcrevo a título de esclarecimento.

Refiro-me à passagem de um texto de João

Maia, que o leitor curioso destas coisas poderá encontrar nas páginas da revista «Brotéria», de Dezembro de 1964. «É o que menos agrada em Redol — ali escreveu João Maia (crítico de formação a condizer com aquela publicação periódica) — o sestro de contrapor povo e possidentes (povo para uma banda e prepotentes para outra), e de erguer símbolos (sublinhado ainda, naturalmente, meu) um tanto baratos que traduzam o andar dos tempos. E aqui, em **Barranco de Cegos**, cuja primeira parte é, de facto, aberta e colorida como a lezíria, ainda destoa mais a tesura com que arremessa ódios para uma banda, pressões férreas para outra (...). O romance, de início com bons saltos psicológicos, mesmo da frialdade imperativa desse Relvas, descai na sermonenga de símbolos ambíguos...» (sublinhado idem).

Podem acusar-me de, por vezes, fazer transcrições a mais de textos alheios. Todavia — esclareço — é esta a minha maneira de operar criticamente, já que, à maneira de Goldman, se se me permite notar, prefiro raciocinar à base concreta de «hipóteses de trabalho». Porei, portanto, em questão, e em face do que para trás ficou transcrito, o saber se acaso Alves Redol tende para o tal uso da simbologia como forma e expressão narrativa, e se isso constitui uma qualidade adequada, ou um reprovável defeito.

Mas quero notar, antes de irmos adiante, uma coisa que me parece talvez importante. Pelo menos Alexandre Pinheiro Torres emprega estes termos «símbolo» e «simbolizar» num sentido particular. Repare-se que, logo após nos dizer que Diogo Relvas «simboliza» tanto esta como aquela ideologia, contra aquela outra, o ensaísta observa que Redol nos deu, «dentro do romance português, o primeiro retrato magistral de um tal tipo de personagem» (sic.). Quererei dizer, com isto, que a ideia de simbolização não tem,



Um antigo retrato de Alves Redol

pelo menos em Pinheiro Torres, esse carácter abstraccionante que é o oposto lógico da tipificação concreta, particular, realista.

Antes de mais façamos um reparo relevante. O «tipo», ou o «típico» (que, como já disse nos artigos anteriores, caracteriza o realismo de Redol) não é, de modo nenhum, a «figura média» que, por exemplo, o naturalismo pretendia instituir como retrato do homem romanesco. E não o é por uma razão, aliás bem simples. Um «termo médio» nunca representa o «termo real». O termo médio vale um arquétipo, é sempre o resultante abstracto de uma especulação mental que se encontra de todo divorciada da praxis. Bastar-nos-á pensar, para vermos isto, que a exacerbação do abstracto como disse alguém nos aparece sempre patente na confusão do «típico» com o «alegórico», ou com o «simbólico».

Poderia ficar-me em declarar com Lukács, condenado o alegórico nesta afirmação ajustada: «A alegoria moderna suprime o típico». Poderia, em contrapartida, notar com Walter Benjamin, que o conceito de «alegoria» (dado ser polissémico, aberto, avesso a um monismo interpretativo da realidade) servirá para explorar um mundo mágico como o de Kafka, ou mesmo a construção surrealista, ou

mesmo também a tragédia barroca. Com esta chave poria em causa a questão de se saber se tal como o acusaram Lukács (ou o seu conceito de «tipo») não emperra a interpretação crítica de certos sectores da literatura de ficção, ou ainda a poesia. Mas isso não nos importa agora.

Preferirei distinguir, nitidamente, a «alegoria» do «símbolo», para depois concluir se em Alves Redol se verifica, na verdade, aquela tendência simbolizante que atrás pôde insinuar-se através dos passos transcritos de escritores de diversa ideologia.

Socorro-me, naturalmente, de Walter Benjamin. Ele começa, precisamente, a segunda parte de **As origens do drama alemão** por contrapor os conceitos de «símbolo» e de «alegoria».

O «símbolo» tem um efeito comunicativo directo, dispensando o comentário, a decifração. Ele é o condensador imediato de uma ideia numa determinada forma: uma «cruz», por exemplo, identifica ou sugere-nos logo, sem mais requerimentos, o «cristianismo». Assim a «cruz» (o símbolo) tem natureza plástica — é um significante que fala. Ao contrário, porém, a «alegoria» exprime sempre alguma coisa diferente daquilo que se pretende dizer com ela, porque no mundo alegórico cada objecto se destina a re-

presentar sempre um outro: é o caso dos animais que pensam e falam sabiamente nas fábulas, representando pessoas morais.

Dito isto em duas palavras, desde logo resulta à evidência uma coisa que até seria escusada de afirmar: a natureza não alegórica dos textos de Redol. Salvo erro, não haverá em **Gaibéus**, em **A Barca dos Sete Lemes**, em **Barranco de Cegos** — em suma, num só texto de Redol — qualquer passagem cuja alusividade de um objecto se destine a representar um outro qualquer diferente. A alegoria é estranha ao processo narrativo de Redol, já que para ele, e nele, cada passagem de cada texto sempre procura ser a determinação de um grau máximo de contradições sociais concretas. Enisso é por de mais exemplar o romance **Barranco de Cegos**. Alguém viu, certamente, em Diogo Relvas o deus minaz de uma tribo agrária, restando sozinho, à margem de tudo e de todos, precisamente por força daquilo que, em concreto, ele é e faz.

Alves Redol foi, sem dúvida, uma inteligência muito mais analítica do que sintética. **Barranco de Cegos** é a constante, a veemente, expressão da prática contraditória da personagem Diogo Relvas. Está dito e redito. Ela não se define, assim, por um qualquer esquematismo apriorístico do romancista.

Num dos textos (teorizantes) que Redol escre-

veu — com os quais implicitamente (soberanamente) responderia àqueles que o viram carecente de informação dialéctica — dizia-nos o romancista: «Não me arrependo de ter procurado esta experiência (lado a lado do povo), como tantas outras que tornei carne viva dos meus livros...» Ou ainda: «Todas as manhãs começo a vida, como se nas grutas da memória nem um traço sequer me lembre a passagem do que já aconteceu. Parece iniciá-la sem sofismas, inocente, quase perplexo, assomando à beira do abismo onde se confundem monstros e estrelas amputadas».

Eis onde se encontra Redol ele-mesmo. Típico, realista — despojado de simbolizações facilitantes. Com os símbolos fica-se o escritor leucemizado no reino da abstracção. Diogo Relvas (no caso de **Barranco de Cegos**) não é uma ideia condensada em determinada forma. Se assim fosse, em vez de conseguir ser trágico (como é), Relvas saber-nos-ia somente ao vazio-vazio das aspirações. Ao contrário, porém, na complexidade concretíssima da sua tipificação, ele constitui a experiência humana (ou desumana) que, mercê de factores de decadência, significa, em múltiplos pormenores de vida, a sucessiva destruição das relações de convivência social.

FERNANDO LUSO
SOARES

UMA CARTA

Do cônego José da Costa Falcão recebeu o nosso director a seguinte carta:

«Apresento a V... respeitosos cumprimentos.

«Mostraram-me há dias uma página dum jornal, que me disseram ser do Suplemento Literário do Diário de Lisboa de 5.ª feira, 12 p.p. Nela se estampava uma caricatura em que se achincalhava a figura veneranda do Chefe da Igreja Católica, o Papa Paulo VI. Com essa caricatura me senti, como, sem dúvida, muitos outros, profundamente vexado, e não posso deixar de apresentar, por esse motivo, veemente protesto.

«Sei que nem sempre o que um jornal publica é segundo a vontade e a orientação de quem superiormente o dirige e quereria pensar que V... concorda comigo neste ponto: a perfeita liberdade de pensamento dispensa bem que se enxovalhem as ideias alheias.

«Ouso, pois, esperar que V... como pessoa de critério que é, não deixará de tomar providências eficazes para que não voltem a dar-se casos tão reprováveis como o referido.»

Particularmente visado, o «Suplemento Literário» verifica:

1.º — Que o cônego José da Costa Falcão não é seu leitor habitual, pois foi necessário dizerem-lhe o que era a «tal» página;

2.º — Que o cônego José da Costa Falcão tem do «achincalhamento» uma noção singularmente ampla, pois chama caricatura a um retrato simplificado;

3.º — Que o cônego José da Costa Falcão considera, por isso mesmo, que toda a caricatura é «achincalhamento» ou «enxovalho»;

4.º — Que o cônego José da Costa Falcão (era inevitável) pede «providências eficazes».

Que tem a responder o «Suplemento Literário»? Nada mais do que isto: não acredita, até prova em contrário, que o papa Paulo VI, culto e inteligente como é, se sentisse «achincalhado» e «enxovalhado» ao ser-lhe mostrado este seu retrato. Querá o cônego José da Costa Falcão fazer a experiência?

OPINIÕES CRÍTICAS

Vergílio Ferreira

(Análise crítica e selecção de textos por João-Palma Ferreira)

Numa colecção intitulada «Universo do Estudante», lançou a Editora Arcádia uma antologia da obra de Vergílio Ferreira precedida de um estudo crítico de João Palma-Ferreira.

Caberia perguntar se a obra complexa e rica de Vergílio Ferreira, a sua singular dimensão de ficcionista e pensador se poderá aquilatar por alguns fragmentos — ainda que muito bem escolhidos — dos seus quatro volumes de ensaios: «Do Mundo Original», «Carta ao Futuro», «Espaço do Invisível», «Invocação ao Meu Corpo», e dos seus mais importantes prefácios ou estudos: «Da Fenomenologia a Sartre» e «André Malraux», dos seus oito romances e do seu volume de contos. A resposta facilmente se poderá obter: como todas as antologias, também esta não só aguçará a curiosidade e o interesse do leitor pela obra de um dos mais importantes escritores do nosso tempo, como ainda, através do trabalho crítico de João Palma-Ferreira, o há-de esclarecer, fornecendo-lhe as chaves necessárias para, da melhor maneira, penetrar neste mundo literário e compreender a sua evolução.

Desde logo, aponta o seleccionador uma perspectiva a ter em conta, a de que, nos romances de Vergílio Ferreira, desde «Vagão J» até «Nítido Nulo» se elaborou uma espécie de regionalismo cósmico. Aqui es-

tá um universo próprio, muitas vezes de abertos espaços (até quando invisíveis), muitas vezes profundamente íntimo e, no entanto, indo de um só para muitos, espelhando setas nas dúvidas, no desespero, na angústia dos outros, de todos. Todavia, é forçoso reconstruir esse universo através das palavras, e eis o autor do estudo a chamar-nos a atenção para «essa ordem própria e pessoal para impor uma estrutura que suporte o caos das suas experiências íntimas», pois que é «do tratamento a que submete, da estrutura e escritura em que encarna esses materiais que toma inevitavelmente da realidade» (1) que resulta, bem feitas as contas, a profunda originalidade de um escritor.

Caminhando atentamente pela análise crítica que antecede a selecção de textos, o leitor preparará com uma arguta interpretação de «O Encontro», um dos contos («desiguais» lhos (2) de «Face Sangrenta» e aperceber-se-á do seu papel interveniente na obra do artista com quem vai discutir (num silêncio compacto), que vai acompanhar (acompanhando a sua própria sombra), que há-de interrogar (interrogando-se) ao longo de páginas e páginas, que se o não ferirem é porque, desgraçadamente, não está vivo. Outra nota a destacar no estudo crítico é a que refere o encurtamento ou a anulação

da distância entre a personagem-sujeito e o narrador, e o recurso quase sistemático à primeira pessoa contribui ainda sem contornos, indefinível, inatingível e invisível, um «eu» anónimo que é tudo e não é nada, e que a maior parte das vezes não passa de um reflexo do seu autor» a que aludiu Nathalie Sarraute, e de quem, em «Espaço do Invisível», o próprio Vergílio Ferreira se ocupou muito inteligentemente, constatando que «o uso da primeira pessoa contribui ainda para a destruição da personagem». Importante também para mais informado percurso pela ficção do autor de «Mudança» é a abordagem da «delimitação do espaço exterior» mais restrita em «Aparição», «Alegria Breve» e «Nítido Nulo» do que em «Onde Tudo foi Morrendo» e «Vagão J». O drama do despertar da consciência ou, segundo Nelly Novaes Coelho, no já citado estudo, «o possível ou impossível conhecimento do homem, desde suas raízes, a fim de que seu destino humano se justificasse ou se esclarecesse», o aspecto formal, a asserção de que «quase todos os romances de Vergílio Ferreira são estudos sobre o significado da reconsideração da experiência, tendo como objectivo a iluminação do presente», a referência à «invenção formal onde assenta o realismo mais fundo de «Aparição», «Alegria Breve» e «Nítido Nulo», o «contrangimento geográfico de um homem profundamente ilimitado» que, aliás, reforça essa ideia primeira de regionalismo cósmico, o pensamento filosófico de Vergílio Ferreira e a informação em que se baseia, a linguagem literária do autor em estudo, o tempo da narrativa a destacar-se no tempo da recordação, essa personagem única que se evidencia em

«Alegria Breve» (romance onde, seguindo ainda Nelly Novaes Coelho, se põe a pergunta radical posta pelos últimos romances vergilianos: «qual o factor que no plano da existência concreta permitirá a «rendição» do homem no plano da essencialidade? A acção política, actuando na dinâmica da sociedade? o gesto criador da Arte? a descoberta do próprio «eu» pelo despojamento do convencional que o mascara? a comunhão com o «outro»? a promulgação em um filho?...») as leis do espaço e do tempo, no último romance de Vergílio Ferreira «apenas surgem para não serem respeitadas», a inquietação como verdadeiro personagem de «Nítido Nulo» e ainda o aspecto de ser este livro uma notícia sobre a verdade, «a verdade original das coisas», como aí mesmo se poderá ler, são outros tantos pontos que, criteriosamente e lucidamente, João Palma-Ferreira indica para a leitura de Vergílio Ferreira. Outros,

aliás, se propõem, mediante os textos escolhidos. Assim, os grandes espectros — a morte de Deus, o decesso futuro do homem — que afligem as páginas maiores de Vergílio Ferreira, as metáforas estilísticas, as perguntas sem resposta, a simbologia animal (o cão de «Alegria Breve», o galo de «Nítido Nulo»), o milagre da pureza reencontrada na infância (Cristina em «Aparição», Lucinho em «Nítido Nulo»).

Daí que este livro seja um roteiro bem elaborado de um mundo que importa conhecer e desbravar e exemplarmente se oferece ao estudante, ao estudioso, em suma, ao leitor interessado e consciente.

1) Mário Vargas Llosa: «García Marquez; História de um Deídiclo».

2) Nelly Novaes Coelho: Vergílio Ferreira, ficcionista da condição humana em «Escritores Portugueses».

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

Tereza Batista
Cansada de Guerra

Jorge Amado

A partir de «Gabriela Cravo e Canela», a ficção de Jorge Amado transformou-se gradualmente na aplicação, mais ou menos conseguida, de uma receita. O que era ainda naquele romance uma forma transformou-se num receituário; o que era uma maneira transformou-se num maneirismo. O barroco que sempre marcara a obra de Jorge Amado degrada-se: não é agora mais do que um rococó nem sempre de boa qualidade. O lirismo que dava asas à sua prosa envelheceu, tornou-se repetitivo, arrasta as asas por um terreno demasiado conhecido.

De romancista, em cuja obra existia um sopro épico que podia certamente discutir-se mas não ignorar-se — Jorge Amado virou em contador de histórias (e, talvez, nem pretenda ser outra coisa). O que, no entanto, absolve, parcialmente, o escritor dos crimes de lesa-literatura que comete a cada passo (veja-se como a sua prosa roça o afadistado, o deslambido) é, paradoxalmente, a maneira como assume essa condição — de caras, com a tranquilidade de quem não está consciente da redução de registos que a sua prosa reflecte; como se ao contar as histórias que inventa ou reinventa, o romancista nada mais pretendesse efectivamente do que propor os esquemas em que essas histórias assentam.

Vítima da capacidade de criação que indiscutivelmente possui, o escritor viu-se, salvo erro, perante este dilema: as personagens que vai levantando ao longo das suas últimas obras vão dominando, vão devorando o criador. Não porque sejam geniais personagens de ficção mas porque o autor, para as tornar verosímeis e, ao mesmo tempo, para as tornar coerentes, diferenciadas, foi obrigado a enchê-las, a ampliá-las, a desmentá-las. O mesmo direi das situações em que essas personagens se movem — situações tornadas irreais pela incapacidade do romancista em as vincular a um autêntico contexto social.

De tal forma, que Jorge Amado já não escreve romances, reproduz lendas ou «estórias» de cordel — as personagens que nos propõe surgem-nos como ampliações monstruosas quer no bem quer no mal, assumindo-as, como já disse, na sua esquemática monstruosidade: não são homens nem mulheres, são seres monstruosos no bem e no mal, no sonho e no pesadelo, demónios e santos capazes de viver façanhas e acontecimentos que ultrapassam a nossa imaginação: as prostitutas vencem a peste (numa das melhores sequências

do livro): o capitão não é apenas um monstro de maldade e vício, é o próprio mal e o próprio vício em pessoa. Compreende-se perante isto a necessidade que o romancista sente de recorrer a um truque: a (s) História (s) que vai contar não pretendem transmitir-nos factos, não pretendem a reprodução da realidade — esta surge desfigurada pelos vários itinerários por que passam antes de chegar ao conhecimento do escritor e, posteriormente, do leitor. «Tereza Cansada de Guerra» é, como livros anteriores, o resultado de um inquérito sobre a vida, as aventuras, o que se diz de Tereza Cansada de Guerra, ou Tereza Medo Acabou, ou Tereza Favo de Mel, ou Tereza da Doce Brisa, ou Tereza de Omolu, ou Tereza da Bexiga Negra. Esse resultado — insinua o romancista — não pode deixar de aparecer deformado, sublinhado, pelas várias versões de que os factos — já por si extraordinários — foram objecto.

Posto isto, torna-se fácil descobrir as linhas de força do romance. Trata-se de uma espiral em que cada espiral é forçada por uma «Estória» que se liga à seguinte pela presença de uma ou mais personagens. Incapaz de se aperceber que quanto mais alonga a espiral mais enfraquece as espirais que a constituem, incapaz de se aperceber de que a economia pode ser, na ficção, a linha curva que mais eficazmente conduz ao objectivo desejado — Jorge Amado compraz-se na palavra que pensa dominar, sendo por ela dominada.

As personagens do seu livro, os lugares em que habitam, as «Estórias» que (re) vivem, acabam por não passar de sombras, de miragens num deserto. Despolitizada, a ficção de Jorge Amado (embora contendo uma ou outra referência de ordem social) tornou-se exangue, tornou-se inverosímil sem conseguir a verdade do autêntico fantástico. E mesmo assim, não deixou de ser um prazer a leitura de um livro como este (embora inferior aos que imediatamente o precedem como se o escritor teimasse em explorar um filão gasto, excepto na parte final em que o romance adquire grande vigor). A razão desse prazer é a seguinte: Jorge Amado conhece de facto o segredo milenar do contador de histórias; é, na realidade, um cozinheiro capaz de descobrir os ingredientes necessários para fazer de uma sopa de pedra um manjar de truz. Tropeçando constantemente no lugar-comum, no desperdício da palavra inútil, no

cliché, na repetição de efeitos, no empolamento dos sentimentos e das emoções, no abuso da descrição escabrosa, mesmo escatológica, o leitor avança pelas páginas dentro como um múdio que começou a ler histórias de «cow-boys» e não é capaz de largar as arquiconhecidas aventuras dos seus heróis predilectos. Creio que é esse o segredo que resta a Jorge Amado (sem esquecer os súbitos desvios da prosa, as imagens felizes que Amado consegue criar de vez em quando). É pouco? É muito? Ao leitor compete a resposta.

CARLOS PORTO

Poemas
no Tempo

Isabel Ary dos Santos Jardim

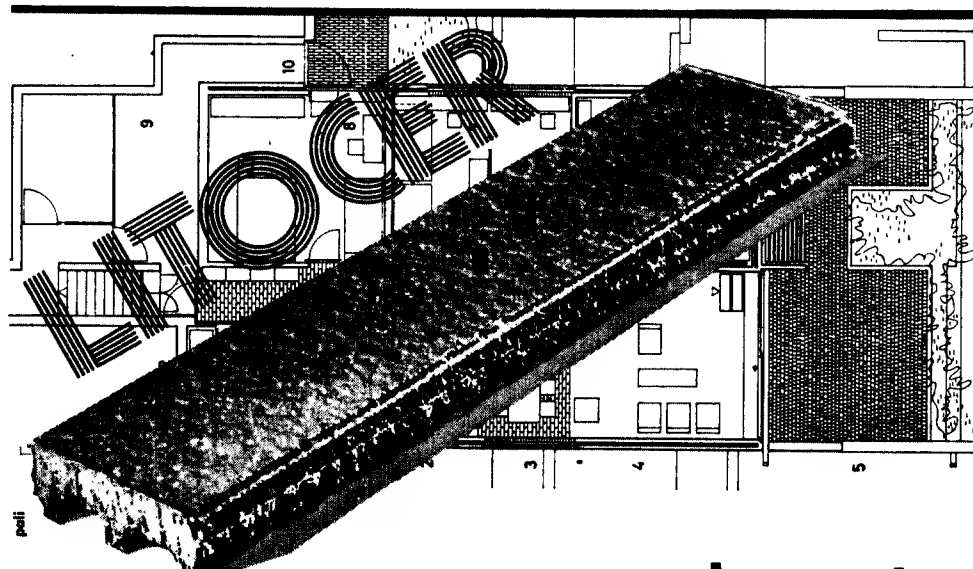
Depois de «A Circulação da Palavra», o seu livro de estreia, Isabel Jardim publica «Poemas no Tempo», volume integrado numa colecção cujos últimos lançamentos envolveram os nomes de Pedro Tamen, Ana Hatherly, os brasileiros Armindo Trevisan e Carlos Nejar, João Miguel Fernandes Jorge, António Ramos Rosa, Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena. Trata-se do «Circulo de Poesia», de Moraes Editores, que nem por se circunscrever a um número obedece a autores, escolla a rígidos critérios extra-literários, deixa de ser uma colecção de indiscutível prestígio.

Tecendo passado quase percebido à crítica, que muito compreensivelmente (ou talvez não...) tem mais que fazer do que ocupar-se de estreantes, o primeiro livro de Isabel Jardim revelava já, como na altura tive oportunidade de escrever, um rigor na utilização da palavra, uma preocupação de pesquisa ao nível da forma e uma certa ousadia na escolha dos temas que o faziam distanciar-se sensivelmente daquilo a que estamos habituados em obras de apresentação do autor. Isto, claro, atendendo a que se tratava de nome inteiramente desconhecido; mas é preciso não esquecer que Isabel Jardim aparece como poeta não aquela altura da vida em que todos mais ou menos, em Portugal, nos pretendemos como tais, mas sim, creio, já passada a meta dos trinta anos. Terá pouca importância o pormenor? Julgo que não.

E tal ideia mais se me impõe, ao acabar de ler estes «Poemas no Tempo», que evidenciam madura metitação sobre cada palavra, exaustivo trabalho de rigor na definição da forma de cada poema e inegável intenção de aventura no domínio do conteúdo, a par de uma notável contenção verbal, sobretudo nos poemas curtos, onde, no entanto, Isabel Jardim não consegue, por vezes, fugir à tentação da facilidade do recurso a processos demasiado utilizados. Mas é, sobretudo, na série de poemas dedicados a José Eduardo, nomeadamente no que começa «De ti digo o que sei a calma, o lago, a raiva de alguns peixes/vermelhos, a crista de uma onda/ mas sobretudo a tua imagem no espelho», que me parece ter Isabel Jardim encontrado o seu caminho de poeta, liberta de certas vozes (já falar em Sophia de Mello Breyner) que amliude nos parecem demasiado presentes no seu trabalho.

Produção irregular, a de Isabel Jardim? Decerto. Eivada de lugares comuns (caso do poema que começa «Vens de muito longe/ a rasgar as fronteiras/ do teu corpo», pág. 26, ou desse outro intitulado «A Flor», pág. 24), dela se retira no entanto um prenúncio de maturidade, que, a confirmar-se, dará à literatura portuguesa dos nossos dias mais uma voz a ter em conta.

TORQUATO DA LUZ

complemento
de beleza, e
resistência.(interiores, exteriores
e pavimentos.)

Os elementos cerâmicos LITOCER são duríssimos, sem absorção, insensíveis ao gelo, aos choques térmicos e resistentes aos ácidos. Apresentam-se com a superfície, à vista, esmaltada, em várias cores brilhantes e mates, lisas e em relevo, de belo efeito decorativo. A extrusão no estado plástico permite obter no verso das peças, racionais «caudas de andorinha» para uma perfeita aderência. Especialmente indicado para REVESTIMENTOS INTERIORES, EXTERIORES E PAVIMENTOS.

LITOCER

ELEMENTOS CERÂMICOS DE ALTA RESISTÊNCIA, NÃO ABSORVENTES

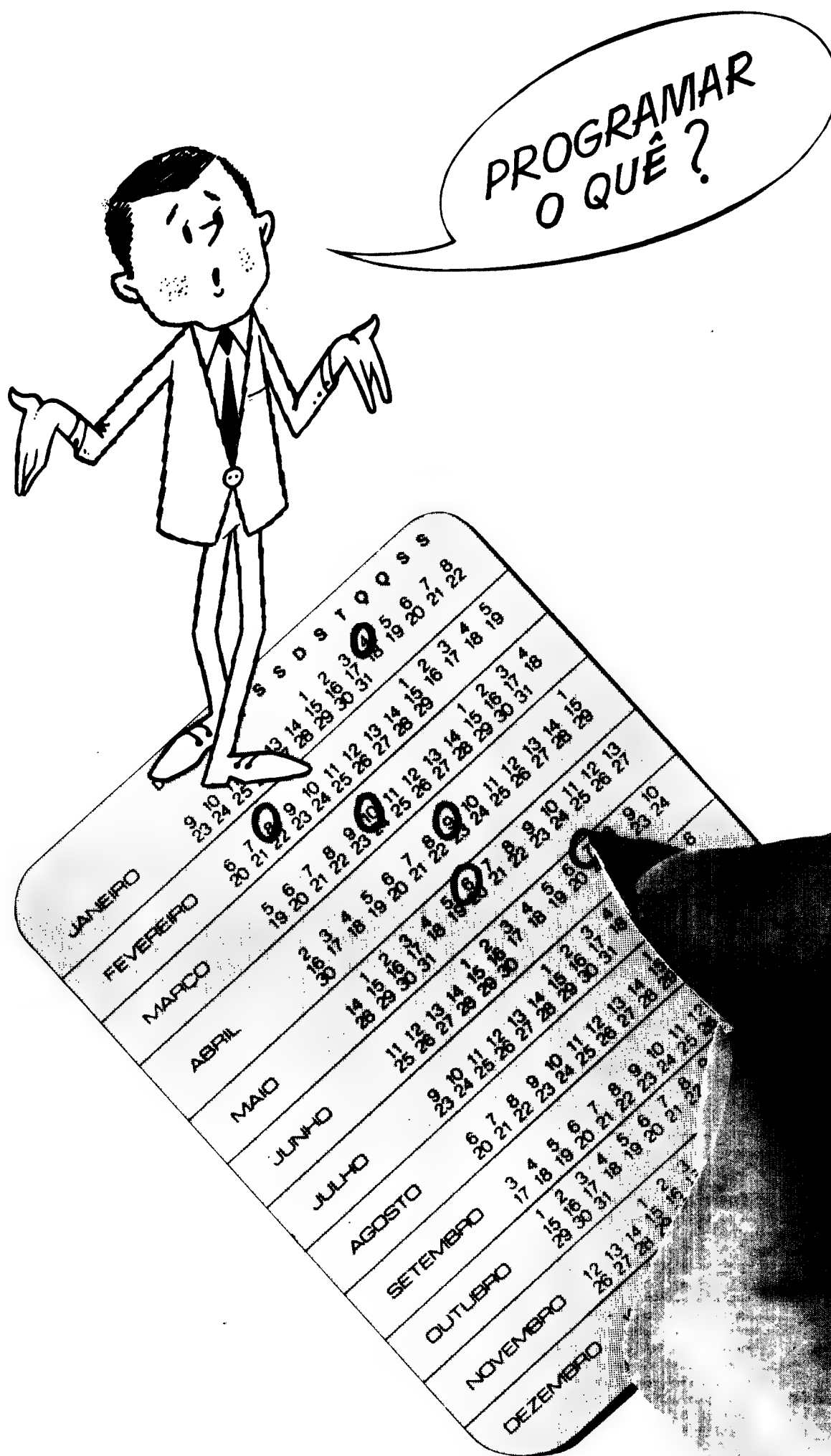
Um produto:

litocerâmica
material de gr. z.c.r.l.

Albergaria-a-Velha — Apartado, 15 — Telef. 52331-52332

BF17/73

PROGRAMAR PARA GANHAR MAIS



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · FARO · LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

BRECHT E BRECHT

A editorial Suhrkamp, na Alemanha Ocidental, publicou em dois volumes o «Arbeitsjournal» («Diário de Trabalho») de Bertolt Brecht e suscitou com esta iniciativa uma celeuma calorosa, por vezes mesmo violenta. Na Alemanha Oriental tem-se, até agora, evitado dar conhecimento ao público dessas anotações de Brecht que abrangem um período que vai de 1938 a 1955. Talvez se receie ali «conspurar» a imagem de um poeta admirado e tido como pessoa sempre extraordinária.

Entre as duas atitudes: publicar ou reter, a primeira parece-me mais certa, pois um homem do quilate artístico de um Brecht não necessita nem de camuflagem nem de mistificação. De resto — e doa a quem doer — «grande artista» não é, nem nunca foi, sinónimo de «grande homem». Para além disso, depreende-se bem, pela leitura do diário, que o autor teve em mente publicá-lo ou que lho publicassem. O tom assemelha-se, por vezes, ao de um doutrinário, de um professor ou de um actor que representa adentro da concepção do «Verfremdungseffekt» (Efeito de distanciamento), de tal modo evita provocar em nós uma adesão sentimental ou fazer-nos sucumbir ao fascínio. São muito poucas as linhas que se podem considerar como confissão pessoal ou de auto-análise. Mas por isso mesmo — e o conhecedor dos conceitos da psicologia não estranhará — as anotações revelam mais do Brecht — homem que certos diários chamados «íntimos» que pretendem pôr a alma a nu mas são, na verdade, cuidadosamente «penteadinhos». Uma vez que Brecht desdenha toda a espécie de propósitos psicológicos, não nos impõe auto juízos (pelo menos no que respeita às suas vivências mais profundas, pois em relação às suas criações artísticas não se ajuizarmos livre e objectivamente.

O título «Diário de Trabalho» já por si nos avisa que não estamos em presença de apontamentos «particulares». Em 1941, portanto três anos depois de os iniciar, Brecht antepõe-lhes estas palavras: «O facto de estas notas conterem tão pouca coisa particular, não se explica apenas por eu não me interessar muito por coisas particulares (nem por não saber encontrar uma forma de as expor que me satisfaça), mas principalmente por, de antemão, ter tido em conta que tinha de as passar por fronteiras de número e de qualidade imprevisíveis. Esta última ideia impede-me também de escolher outros temas que não sejam literários».

Esta introdução contraria, singularmente, muitas das anotações sobre a vida particular não de si próprio, Brecht, mas de outros escritores, e contraria também os frequentes temas ideológicos e políticos.

Brecht emigrou em 1933 da Alemanha hitleriana, primeiro para a Dinamarca (até 1939), para a Suécia (até 1940), para a Finlândia (até 1941) e, depois de uma curta estadia de mais ou menos um mês na Rússia, para a América do Norte onde permaneceu até 1947. Fez ainda a paragem de um ano na Suíça e, em 1949, fixou-se na Alemanha, mais concretamente em Berlim-Oriental onde morreu em 1956.

É na emigração que Brecht escreve as suas peças principais, mas «Santa Joana nos Matadouros» e «Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny», ambas situadas na América do Norte, já as tinha escrito antes de abandonar a Alemanha e sem nunca ter estado nos Estados Unidos. É aliás um dos factos que, à primeira leitura do «Diário de Trabalho», se estranha: Brecht pouco contacto tem com o mundo exterior, o seu convívio limita-se quase todo ao círculo dos intelectuais alemães emigrados, e as suas obras são fruto, não de experiências pessoais, mas predominantemente de reflexões e estudos. Anotações sobre conversas com gente da rua ou operários praticamente não as há. Dir-se-ia que a obra de Brecht é produto de experiências de laboratório, o que em nada a diminui, pois não importa como foi concebida, mas como resultou. E a verdade é que peças como, por exemplo, «A Boa Alma de Sezuan», cuja acção decorre na China, escrita, reescrita, intensamente apurada e burilada numa casinha em Los Angeles, pertence às mais belas peças da nossa época.

Os apontamentos, por vezes interrompidos durante semanas, são breves e concisos, intercalados por fotografias e recortes de jornais, marcos dos acontecimentos universais de mais relevo, na maioria ligados à segunda Guerra Mundial. Mas para Brecht, acima de tudo homem de trabalho, os grandes acontecimentos ficam atrás quando se sente impelido a trabalhar. Levar-lhe isso em má conta, como alguns críticos e leitores o fazem, parece-me não só falta de compreensão, mas mesmo de conhecimento, pois todas as grandes obras foram sempre feitas por criadores obsessivos. Em Setembro de 1940 Brecht aponta: «Seria incrivelmente difícil exprimir o estado de espírito com que algo, na Inglaterra e nos meus jornais finlandeses e suecos, a batalha pela Rússia e me ponho depois a escrever o «Puntilla». Este fenómeno mental explica que pode haver guerras assim e conseguir-se, ao mesmo tempo, produzir trabalhos literários. «Puntilla» quase não me diz respeito, a guerra diz-me muitíssimo respeito, mas sobre «Puntilla» posso quase escrever tudo, sobre a guerra absolutamente nada. É interessante verificar até que

ponto a literatura, como prática, se afasta dos centros dos acontecimentos decisivos».

Enquanto trabalha, ocorrem-lhe, como associações paralelas, ideias sobre a literatura, o teatro e os efeitos das suas obras: «Estudando mais uma vez a «Mutter Courage» vejo com alguma satisfação que a guerra ali aparece como num campo gigantesco, parecido com os campos da física moderna em que os corpos sofrem desvios estranhos...», escreve em 1941.

O realismo em arte preocupa-o ao longo dos anos. «Não é aquele que escreve como Balzac ou Tolstoi (isto é: utilizando a sua maneira de escrever) que nos fornece o romance realista, mas antes aquele que revela possuir o sentido da realidade sobre a qual escreve e que, ao escrever, transmite a realidade ao leitor. Para o conseguir tem decerto de escrever de um modo diferente em 1940 do que se escrevia em 1830. Talvez sejam lugares comuns, mas é neles que a batalha se trava».

E, o que provavelmente grande número de admiradores de Brecht (mas serão admiradores de Brecht-artista?) não esperavam: Brecht não concebe a arte sem a perfeição da forma. «A característica mais saliente daquilo que não chega a ser arte ou de que alguém não sabe compreender a arte é o tédio. Este tédio manifesta-se com a mesma violência com que, no caso contrário, se manifesta o prazer. A arte devia ser um meio de educação, mas a sua finalidade principal é o prazer». E, mais tarde, em 1949 — já de regresso à Alemanha: «Os que lutam contra o formalismo e barafustam com frequência sobre formas novas e atraentes, são parecidos com certas donas de casa sem encanto pessoal que acusam a beleza e o esforço pela beleza de prostituição (ou de sintoma de sífilis)». E ainda em 1951, depois de as autoridades lhe terem retirado da cena a peça «O Julgamento de Lúculo» por a considerarem não acessível ao público: «... Por vezes exigem-se as formas usuais porque as classes subidas ao poder não conseguiram ainda, nem de longe, que novos conteúdos sejam aceites e, em face disso, formaram a opinião errada de que conteúdo novo juntamente com forma nova é mais difícil de impor do que cada um por si, isoladamente».

Brecht critica severamente e por vezes sarcasticamente os Estados Unidos, embora — infelizmente — nada de essencial nos consiga transmitir sobre aquele continente de «nómadas» (como chamava aos americanos) onde, parece, vivia totalmente à margem da vida. Assim aponta, por exemplo, certo dia em Los Angeles: «O eterno sol seca os cérebros, de modo que as pessoas acabam por não saber fazer mais do que filmes de Hollywood», observações que tocam ao cliché. Não manifesta preocupação com os problemas americanos mais sérios e nunca escreve, por exemplo, sobre o sofrimento e as perseguições dos negros e de outros grupos étnicos. Quanto aos restantes países em que se fixou durante algum tempo, fala-nos sempre um tanto ou quanto de raspão. Com certa independência, critica o teatro em Moscovo. A propósito de uma peça de Laxness: «Representação por actores medíocres, encenação grosseira, naturalismo patético, precisamente aquilo contra que Stanislawski lutava». Na Alemanha Oriental, já nos últimos anos antes da sua morte: «As nossas representações em Berlim quase já não têm eco. A imprensa publica as críticas meses depois da estreia, críticas que não trazem coisa nenhuma a não ser algumas pobres análises sociológicas. O público é da pequena burguesia, trabalhadores só aparecem 7 por cento...».

Como «má-língua» Brecht revela-se «notável». De Thomas Mann, que classifica de «réptil», não só desdenha como escritor e como homem mas tem-lhe, sem que explique porquê, um verdadeiro ódio, e nem sequer se abstém de lhe fornecer a mais baixa mexerique da vida particular daquele autor: inferioriza Lukács, chama a James Joyce um catalogador de maneiras de fazer discrições; afirma que Hemingway não tem cérebro; ridiculariza Ulrich Becher; condena a literatura de Sholochow que define como uma mistura de romântico, somatório de factos, mania de colecionador, especulação...; a comicidade de Charlot acha-a ultrapassada, etc. Por outro lado encontra palavras de defesa por um Stefan George, um D'Annunzio ou por um Ezra Pound (na altura da detenção deste último na Itália), apodando-os de «figuras históricas que não se encontram nas feiras, mas antes nos templos — à margem das feiras». Se estas palavras trazem em si uma verdade, não nos deixam, no entanto, de surpreender se as compararmos com aquelas que Brecht escreveu sobre artistas de merecimento pelo menos igual e, nalguns dos casos, maiores e que, para além disso, se empenhavam na mesma luta que ele.

Diz C. G. Jung: «É evidente que um artista deve ser explicado e compreendido a partir da sua arte, muito mais do que a partir da insuficiência da sua natureza e dos seus conflitos pessoais, pois estes são, muitas vezes, lamentáveis consequências do facto de ser ele um artista...».

Mas — quem sabe? — talvez Bertolt Brecht, desmistificador por excelência (basta a maneira como nos explica um Galileu), adversário do culto do «herói», não tenha tido a pretensão de se apresentar como um homem fora de comum, isento de defeitos e até de banalidades, extraordinário em todas as situações. O que lhe interessava a ele era, e isto está patente ao longo de todo o seu «Diário de Trabalho», que não ficasse no leitor a mínima dúvida sobre a sua qualidade de como artista.

Num dos seus poemas escritos no exílio diz: Vós, que emergireis da torrente/ Em que nós nos afundamos/ Lembrai-vos/ Ao falar das nossas fraquezas/ De falar também dos tempos sombrios/ De que escapastes».

São palavras que muita coisa nos dizem sobre a tragédia de uma época e as difíceis vivências dos homens exilados.

ILSE LOSA



VIDA URBANA E

Devemos hoje falar ao leitor a partir de um pequeno estudo sobre o destino dos intelectuais na Idade Média, assinado por um dos mais conhecidos medievalistas franceses — Jacques Le Goff —, agora traduzido em português («Os Intelectuais na Idade Média», Es-túdios Cor). Começemos pois por esclarecer que não vamos falar deste livro, mas a partir dele. E entremos, de seguida, nalgumas questões prévias.

I — Uma das diferenças mais profundas entre a produção intelectual dos tempos medievais e do nosso tempo — modernidade, caracterizada pela praxis das actuais sociedades industriais — resulta de que estas duas produções se ligam a dois modos divergentes de relação «humana» com a Natureza, isto é, o mundo.

Como sintetizava Merleau-Ponty, em «Sens et Non-Sens»: O materialismo de Marx reside na ideia de que todas as formações ideológicas de uma dada sociedade são sinónimas ou complementares de um certo tipo de praxis, quer dizer do modo pelo qual essa sociedade estabelece a sua relação fundamental com a natureza.

Com efeito, podemos definir a praxis das modernas sociedades industriais por uma atitude de utilização do mundo — disponibilidade indefinida da matéria para acção humana — a que se poderia opor uma praxis, não redutora, caracterizada pela habitação do mesmo mundo.

Tentemos precisar — estabelecendo para já uma dicotomia radical entre os conceitos de utilização (este acima referido) e de uso. De facto, quando falamos da utilização, como modo da praxis das modernas sociedades industriais, estamos a referir-nos a uma concepção, mais ou menos implícita, e tendencial, do mundo como puro valor de troca, concepção gravada na omnipotência das leis de uma economia de produção para mercado, isto é de produção de mercadorias, em que o «homem» deixou de ser já «o mais apreciado dos capitais» para se tornar o mais apreciado dos bens de consumo (Cf. «Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations», R. Vaneigem).

A perspectiva do (valor de) uso, pelo contrário, liga-se ao mundo do desejo, ao desejo do mundo, à sua habitação. A produção de obras.

Outros aspectos desta antinomia em cuja análise detalhada também não podemos en-

trar, devem ser ainda indicados: a utilização, ligando-se ao valor de troca, corresponde a um tipo ideal do mundo integrado por factores quantitativos e abstractos; enquanto para a habitação ligada ao valor de uso, serão qualitativos os critérios essenciais. Ou ainda: a utilização prescreve (é) uma ética, a habitação uma estética. E assim sucessivamente.

As reflexões que se seguem a propósito da obra de Jacques Le Goff, «Os Intelectuais na Idade Média», arrancam desta formulação prévia. E a esta formulação prévia, que r de parecer descabida, deve o leitor voltar — ao menos, mentalmente —, se quiser tornar produtiva a leitura destas reflexões que, elas mesmas, fazem um deliberado uso produtivo da leitura da obra de Le Goff.

Não parafrasearemos Marx, mas citaremos, a este propósito, a paráfrase que dele faz Eduardo Prado Coelho, quando afirma que, daqui para a frente, não se trata já de interpretar as obras, mas de as transformar.

II — Ora, o pensamento medieval, a produção deste pensamento, floresce, como Le Goff põe em evidência, com o (re)nascimento da vida urbana.

Assim, o nexo que se estabelece entre a actividade intelectual e as demais actividades socialmente organizadas é um nexo que releva da habitação das cidades medievais, do seu valor de uso, da sua qualidade de obras mais do que de produtos (Cf. f. Henri Lefebvre, «O Direito à Cidade e La Révolution Urbaine»). E a habitação da cidade — ou a sua, como hoje acontece, desabituação utilitária — é a habitação, por excelência, que os homens fazem do mundo (Natureza) enquanto sujeitos da sua transformação.

Do mesmo modo, poderíamos afirmar que é pela edificação das cidades que os intelectuais da Idade Média identificam a Natureza, no seu duplo sentido de determinação e disponibilidade. É, com efeito, da transformação do meio natural em meio social, da passagem do real dado ao real produzido, que a noção de Natureza ressalta e informa a produção intelectual dos tempos medievais.

Isto não quer dizer, de modo algum, que os intelectuais estudados por Le Goff tenham consciência, sequer remota, deste processo. Pelo contrário, desenha-se toda uma tendência, a que Le Goff chama justamente naturalista, que



criação cultural

precisamente verá nos homens produtos da Natureza (mediação, mais ou menos autónoma, da acção divina), mais do que seus efectivos produtores, concebendo a «existência humana» como decorrente de um processo natural, quase sempre teologicamente garantido.

Na verdade, as íntimas conexões da cidade medieval com o mundo rural que é um mundo natural por oposição ao mundo social e histórico da cidade —, a sua dependência e integração face aos ritmos naturais da terra (o mais importante, de longe, dos meios de produção do tempo), enfim a própria cintilação de uma imagem recém-descoberta da Natureza como racionalidade ou possibilidade de conhecimento racional, tudo isto obsta a que os intelectuais da Idade Média identifiquem a especificidade do(s) sistema(s) de relações sociais, como processo histórico-social, isto é, precisamente, não-natural.

Se a especificidade do ser humano é reconhecida, esse reconhecimento depende inteiramente de outro tipo de considerações. O ser humano é portador da Graça contra a Natureza (corrupção), o ser humano é a participação da Natureza no plano da Graça — estas duas concepções medievais, com variantes infinitas, da especificidade do ser humano, baseiam-na, a esta especificidade, em fundamentos que precisamente não decorrem de uma relação fundamental deste ser humano consigo mesmo e/ou com a Natureza.

Assim, a vida urbana, o autêntico sujeito de criação cultural estudada por Le Goff, não tem consciência reflexiva de si. A cidade medieval pensa o mundo à sua semelhança (isto é, assimila-o segundo os conceitos que se ajustam à sua configuração), mas não se pensa. Tudo se passa como se, sendo a Natureza a habitação do Poderoso, a vida urbana (modo desta habitação) fosse a vida natural dos homens.

E isto é verdade, mesmo para os casos extremos, em que o naturalismo medieval é um panteísmo e negada a transcendência divina. Porque, mesmo nestes casos extremos, a relação de conveniência estabelecida entre a Natureza e os homens não é concebida como resultado de uma praxis humana, mas como decorrente das leis naturais ou da sabedoria destas mesmas leis.

Isto permite-nos compreender que a atitude medieval de

habitação do mundo é a habitação subordinada de uma casa alheia e a criatividade desse habitar resulta, embora efectiva, extremamente limitada.

III — O que é importante notar, chegados a este ponto, é que o naturalismo, por vezes francamente hedonista, a que aludimos, nasce no rigorosamente menos natural dos meios medievais, no meio urbano. E, nasce aí, porquê?

Se a Natureza, isto é o mundo, é apresentada pelos intelectuais menos ortodoxos do tempo, como lugar de fruição da Natureza é proclamada destino do Homem, devemos inquirir quais são as origens não ideais desta ideia.

Na Alta Idade Média, antes do renascimento urbano, o mundo era o local de uma passagem por um vale de lágrimas e pecado. Mais: a Natureza e o pecado identificavam-se. Eram ambos absurdos. E; identificada com o Pecado, a Natureza do mundo era inabitável.

Da impossibilidade de habitar este mundo — um mundo imensamente mais sujeito à Natureza do que o que estuda Le Goff — compensava-nos a promessa de habitação eterna

na Casa do Pai.

A Natureza era, mais que cega e irracional, cegante e opressiva.

Voltando à citação que, no início deste artigo, fizemos de Merleau-Ponty, compreenderemos que esta «formação ideológica», que esquematicamente aqui deixamos referida, era solidária de «uma relação fundamental com a natureza». Relação em que fundamentalmente a Natureza era sofrida e em que as suas leis (o que hoje assim chamamos), concebidas como desordem, de facto, imperavam sobre a praxis social e a existência dos indivíduos.

As relações entre a arquitectura e a escultura dos capitéis no Românico configuram-se segundo uma homologia profunda com as relações entre Deus e a sua obra — a Criação. As figuras naturais e humanas dos capitéis românicos são, com efeito, distorcidas até se tornarem absurdas, em função da definição geométrica do espaço que a sua inscrição na ordem arquitectónica do templo (homóloga da ordem divina) lhes prescreve. Apenas a mesma distorção que torna as figuras absurdas as pode tornar concordantes com uma razão que as ordena e transcende. Assim também, a ordem divina é a única ordem e domina do exterior da sua transcendência omnipotente a desordem, que permanece desordem, de um mundo corrompido. A figura humana que só pode existir no capitel à custa de uma distorção que a torna, enquanto figura humana, monstruosa corresponde a uma concepção da existência humana, condenada pela Natureza e pela sua própria natureza pecadora e que só negando esta dupla Natureza pode salvar-se. Só desabitando o corpo e o mundo pode a alma vir a habitar a Casa do Pai.

Ora, o que acontece, estamos a vê-lo, é que quando a Natureza impera não é racional nem habitável.

Pelo contrário, com o renascimento urbano, a que se liga o renascimento intelectual dos séculos XII e XIII, esta situação modifica-se. A Natureza começa então a ser concebida como participando no plano da Graça. A harmonia da Graça divina manifesta-se na criação de um mundo, ele próprio, harmonioso e talhado à medida dos homens, para os quais foi criado. A natureza e a Graça deixaram de ser irredutivelmente antagónicas. Trata-se de uma concepção ligada à apropriação da Natureza por

uma praxis de que o renascimento urbano é um dos aspectos decisivos — embora a cidade medieval, como vimos, não saiba que é ela e não Deus quem talha o mundo à sua medida.

Com efeito, a vida urbana nas novas cidades medievais — repetimos, autêntico sujeito da criação cultural do tempo — esta vida urbana não sofre a Natureza, transforma-a. Apropriando-se dela, converte-a em matéria-prima da sua obra.

E a estas condições de existência, radicalmente novas, que se liga o «naturalismo hedonista», proclamando a vida terrena como a única vida verdadeira e como destino da vida humana a fruição dos prazeres e bens que a Natureza lhe oferece.

O mundo tornou-se habitável, anuncia mesmo tornar-se a habitação humana e destruir a sua subordinação à transcendência ética da Casa do Pai, e isto no momento em que, precisamente, deixou de ser natural.

IV — Embora talvez não fossem necessárias, façamos ainda algumas observações.

Ao que acima fica dito poder-nos-iam objectar que o «Naturalismo hedonista» referido está longe de ser a concepção dominante dos tempos medievais e não pode servir para caracterizar a produção intelectual dos séculos XII e XIII.

O que é verdade.

Simplesmente, o que tentámos fazer foi, através de um esboço de análise de uma tendência intelectual extremada, pôr em foco as relações entre uma praxis historicamente realizada — a das cidades medievais — e uma produção intelectual que se verifica no seu interior. E é verdade também que julgamos, pelo menos em parte, tê-lo conseguido.

Por outro lado, acresce que a imagem da Natureza — ou do mundo — como habitação humana é um tema não exclusivo desta corrente extrema, mas essencialmente característico de todas as concepções globais do mesmo período. Ora, o que queríamos pôr em foco eram as relações entre uma atitude geral do pensamento de uma época e as condições materiais de existência que a possibilitam e sobre as quais — digamo-lo expressamente, para que de nada nos acusem — esse pensamento operará, por sua vez, activamente. E, do mesmo modo, através do exemplo colhido no naturalismo medieval, nas suas expressões limites, pretendíamos, por um lado, mostrar como é relativa a consciência que uma época tem de si própria e das suas próprias realizações, e, por outro lado, documentar o carácter colectivo do sujeito da criação cultural, na esteira de alguns dos mais bem conseguidos trabalhos de Lucien Goldmann.

Gostaríamos de acabar renovando ao leitor o convite, que lhe fizemos já, de regressar, ao menos mentalmente, à primeira parte deste artigo. Porquê este convite? Isso é uma questão que cabe ao leitor descobrir (produzir), sem o que o mesmo convite perderia a razão de ser que nos levou a formulá-lo.

No entanto, adelantaremos algumas pistas, colhidas em «La vie quotidienne dans le monde moderne» de Henri Lefebvre: «Um século depois da publicação do primeiro tomo do Capital (1867), é possível uma avaliação das aquisições do pensamento marxista e dos seus limites. Depois de ter fixado o duplo aspecto da produção (produção de coisas e de relações, produção de obras e de produtos), Marx acabou por pôr a tónica na produção de produtos, quer dizer sobre o aspecto essencial e específico da produção industrial no capitalismo. (...) Para mais, um processo ligado à industria-

Continua na pág. nove

CINEMA

ACADEMISMOS

E se a crítica tivesse chegado ao seu fim? Isto é, se a crítica tivesse perdido a sua razão de ser? Se continuasse a existir sem razão, à deriva, inconsistente? Hipótese extrema, como a de fim da arte que Hegel um dia formulou, e por isso hipótese incomodativa. Mas hipótese: e se fazer crítica não fosse já uma evidência?

No trabalho teórico, as ideias surgem por insistência. Não feitas, não perfeitas, mas fazendo-se a propósito disto e daquilo — ensaiando-se. São pancadas repetidas num certo ponto, com certo sentido — até que um som diferente se começa a ouvir. Antes, era uma restolhada confusa. Depois, o toque cristalino; a fulguração; o conceito.

Sobre o destino da crítica, ensaiou-se uma resposta (mas nestas coisas as respostas surgem muitas vezes antes das perguntas) quando se tentou distinguir entre a função crítica e o discurso crítico. Da especificidade do discurso crítico por várias vezes me tenho ocupado. Ele é certamente outra coisa, coisa diferente da crítica como outrora se entendia. A função crítica, que a esta «crítica» tradicional dava razão de ser, era um direito cívico, uma premissa democrática: possibilidade de dizer «não», de separar o bom do mau, o certo do errado. Desta tradição se alimentam os que militam na crítica: arautos de uma verdade, zeladores da consciência. Trabalho útil, claro. Limitado, mas útil. Assim alguns se entretêm a dizer semanalmente as razões de classe que impedem os outros de não terem uma visão dialéctica do mundo... O discurso crítico é outra coisa: é fundamentalmente metalinguagem, linguagem que se exerce sobre outra-mesma linguagem, palavra sobre a palavra, código sobre (outro) código. Não surge como função a atribuir uma divisão técnica do trabalho. É algo que adquire o seu estatuto numa elaboração dum tipo de discurso: é nesse quadro que se define, diferencia.

Segundo ponto onde a ideia insiste: quando se diz que, cansados de vermos a crítica interpretar as palavras, gostaríamos de a ver transformar as obras. Glosa de Marx, evidentemente. Mas não — como alguns ingenuamente acreditaram obsessão de materialismo. O que menos me preocupa é que atestados de materialismo me sejam atribuídos como prémios de bom comportamento. Mas havia uma ideia na frase acima enunciada: a de que a «crítica» como actividade interpretativa e selectiva morria às mãos de críticos que procuravam um uso produtivo (a expressão é de Char) das obras. Uso, trabalho, transformação; um outro espaço a produzir.

Encontro qualquer coisa que me interessa (uma ideia nunca é nossa) na introdução de Jean-François Lyotard ao livro (há uma semana referido) *Dérive à partir de Marx et Freud*. E Lyotard escreve: «...a actividade crítica é uma actividade de selecção: esta experiência, esta declaração, esta obra, esta iniciativa política, esta posição libidinal, são exibidas na sua insuficiência, negadas pois, unidas a partir dos seus limites e não da sua afirmatividade, desafia-

das a igualarem-se ao objecto do desejo do crítico, isto é, à infinidade, à universalidade, à necessidade; serão admitidas ou recusadas, ou melhor, serão admitidas e recusadas, admitidas porque o crítico precisa de objectos para poder queixar-se (como o professor de alunos e o sindicato de operários), recusadas porque nenhum objecto está à altura requerida. A selecção é uma tarefa infinita...» Ou ainda: «Actividade de negação. Esta actividade é profundamente racional, profundamente conforme ao sistema. Profundamente reformista: o crítico permanece na esfera do criticado, pertence-lhe, apenas ultrapassa um termo de posição, e não a posição dos termos. É profundamente hierárquica: donde vem a força que o crítico tem sobre o criticado? ele sabe melhor?»

Sobre o carácter reformista da crítica tradicional e sobre a relação autoritária que ela pressupõe — creio ter-me explicado em tempos a propósito do jornal *Crítica* e da sua actividade. E podemos dar um passo em frente: enquanto a função crítica se ocupa em produzir reservas em relação à obra criticada, o discurso crítico é o exercício dum linguagem que afirma outra linguagem afirmando-se. É um uso e uma produção. Não é policiamento das consciências a partir de uma autoridade pessoal ou de classe. Retomando ainda o pensamento de Lyotard, diremos que o que importa numa obra não é a sua significação, o que ela quer dizer, mas o que ela faz e faz fazer. O que ela faz: a carga em afectos que ela detém e comunica; o que ela faz fazer: as metamorfoses dessa energia potencial noutras coisas: noutras obras, ou pinturas, ou fotografias, ou sequências de filme, ou acções políticas, ou decisões, ou inspirações eróticas, ou recusadas a obedecer, ou inactividades económicas. O conteúdo dum obra não é significação, mas potencial. E Lyotard formula uma hipótese que julgo extremamente importante: «a mais-valia é este potencial contido numa forma de objecto (um livro, um tecido, placas de aço), isolado, detido, suspenso e atribuído-reservado a um sujeito suposto». Fórmula a explorar.

Mas a semana trouxe mais leituras afluente. Por exemplo, o admirável texto com que Gilles Deleuze responde às energúmenas objecções de um Michel Cresole (todo o conjunto aparece na *Quinzaine Littéraire*). Aí, Deleuze fala em dois ti-

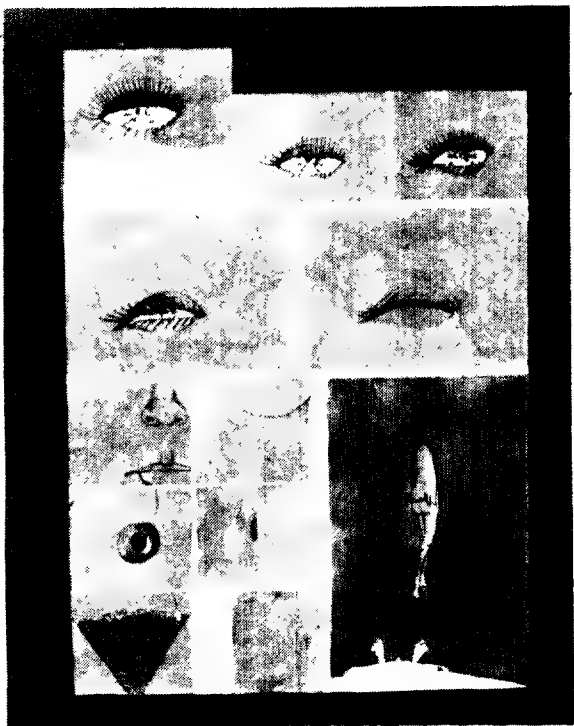
pos de leitura: «há duas maneiras de ler um livro: ou se considera que ele é uma caixa que tem um interior, e então procuram-se significados, e depois, se se é mesmo perverso ou corrupto, vai-se à procura do significante. (...) Ou há outra maneira: considera-se o livro como uma pequena máquina a-significante; o único problema é «será que isto funciona? e como é que isto funciona?» Como é que isto funciona para si? Se não funciona, se não passa nada, pegue noutro livro e adiante. Esta leitura é uma leitura em intensidade: alguma coisa passa ou não passa. Nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo «ligação eléctrica». «Esta maneira de ler em intensidade, em relação com o exterior, fluxo contra fluxo, máquina com máquinas, experimentações, acontecimentos para cada um que nada têm a ver com o livro, esfrangalhamento do livro, funcionamento com outras coisas, seja com o que fôr... etc., é uma maneira de amor».

E haverá sempre, no infável rol dos meus censores, aqueles que dirão que alihei citações, e mais nada. Que a imbecilidade lhes seja leve. Porque não é nada disso.

Acontece apenas que as ideias têm uma gestação. Que elas se entrecem do muito que se lê, ouve, escreve e diz: que elas têm um curso que só de tempos a tempos aflora no discurso que mantemos. Que a originalidade tem muito de mito: reacção: é o mito do muito-sujeito a transbordar de ideias suas. Que é o mito do sujeito que capitaliza experiência. Que é o mito da «frescura»: dos que levam a candura ao ponto de supor que quanto menos se lê mais espontâneo se é; quando um pouco de reflexão lhes mostraria que é exactamente o contrário; quando bastava olharem para o que dizem e escrevem para verem que a espontaneidade só lhes dá para conflagradores banalidades, para tenebrosos academismos (porque, sejamos claros, tanto se é académico nas academias como nas universidades ou nas mesas do Monte Carlo...); etc.

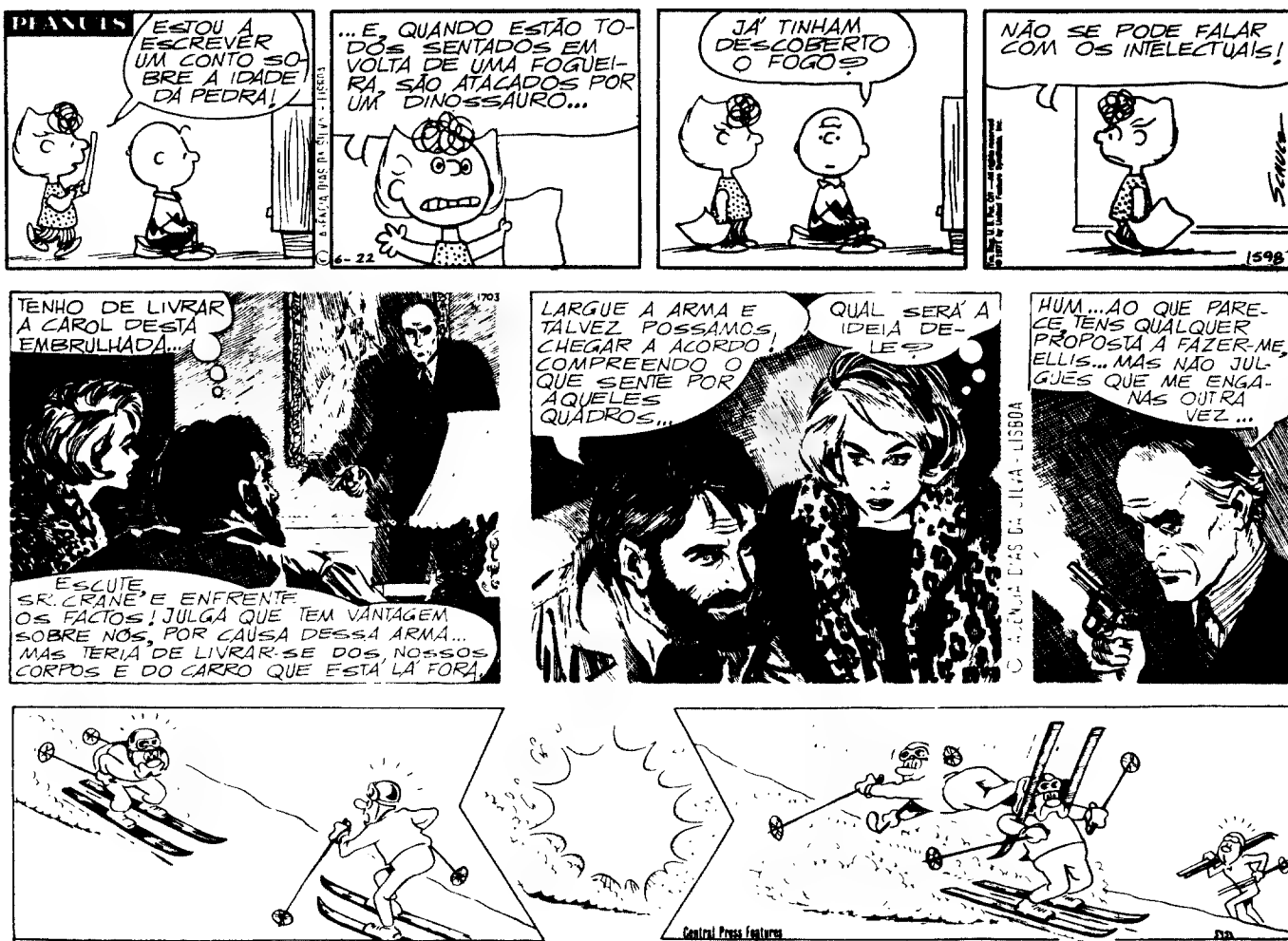
Sobre o estatuto do discurso crítico em literatura ou em cinema — é pela insistência, seja ela teórica, didáctica ou polémica, que alguma coisa se diz, se elabora. E o trabalho teórico tem uma estratégia delicada: é preciso saber lê-lo para averiguar o que se move e o que se imobiliza. O aca-

Continua na pág. nove



TOPIN NA CASA DA IMPRENSA

Encontra-se aberta ao público na Casa da Imprensa até ao dia 30 a primeira exposição de «cartoons» de Topin que está a atrair especial interesse dado o estilo (acutillante) de humor neles desenvolvido

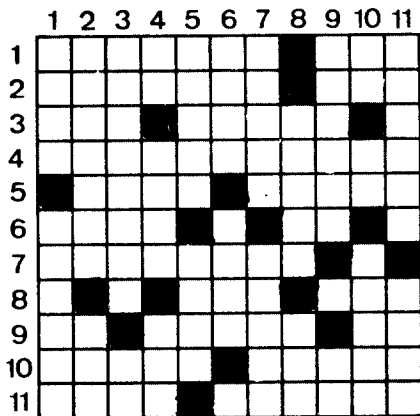


PROVERBOS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10410

HORIZONTAIS

- Serra de Portugal. Dissipa
- Depares. Assanha
- Cidade do Peru. Bata
- Verde
- Vender a crédito. Invalga-res
- Trata por tu. Golfo também chamado de Livónia.
- Maior. Forma apocópica e proclítica de vale. Oásis.
- Olividaram
- O mesmo que aleias.
- O mesmo que mingua. (pop). Plantio de videiras.
- Regular as doses de. Ilha da Escócia próxima da foz do Clyde



VERTICAIS

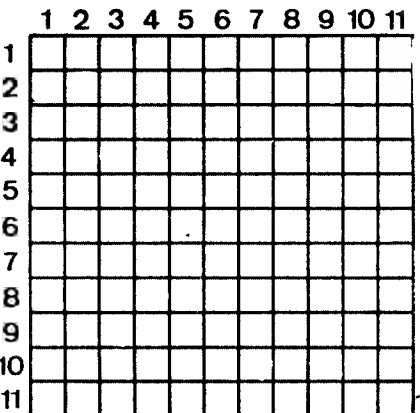
- Platina (sq.). Cria fama a. Mil e quinhentos em romano
- Lista. Sufixo que designa pequenez. Nome de vários papas
- Cidade da antiga Argália (Grécia). Nosso Senhor (abrev.)
- Receara. Feiticeira
- Guarnecera de asas. Freguesia do concelho de Botas.
- Na Índia, montanha, cordilheira em geral.
- Surripiar. Ligava
- Dispor em camadas. Empunhar
- Esmurrariam. Rado (sq. e inv.)
- Espécie de tecido antigo. Arbusto da China.
- Autores. Rio de França. Prefixo de privação.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6566

HORIZONTAIS

- Miséria. Mil cento e cinco em romano
- Conquistar. Apelido.
- Liga. O mesmo que aproar.
- Prefixo de privação. Camarões. Greda branca
- Mana. O mesmo que boiz.
- Rio dos Estados Unidos. Estreito de desmoronamento
- Pombo novo e implume.
- Braço de mar. Ruído
- Prefixo de negação. Cantiga. Pala.
- Gavinha. Suplicas.
- Junte. Ponderara.



VERTICAIS

- Peta. Força.
- Parecer. Doença.
- Bondosa. Escarnecerá. Troça.
- Reis. Grande afeição. O MESMO QUE TRÊS.
- Pessoa que espanta as acções de outra. Rã (pop).
- Forma antiga de Seta (deserto). Preguiça.
- Freguesia do concelho de Guimarães. Cidade e porto de França.
- Artigo definido. Papa de umbu. alimento nas regiões do sertão (Bras). Preposição e artigo definido (pl).
- Designou. Gálio (s. q.)
- Crômio (sq.). Medida itinerária do Japão. Deparar
- Baixa. Móvel sobre o qual se come.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10409

HORIZONTAIS

- Renda. Mason.
- Eloim. Osaca.
- A. Amofina.
- Ta. Alito. Mo.
- Am. AAA. Dar.
- Salt. BOCA.
- NAO. Opera.
- Os. Paris. Dr.
- Uadat. Aluru.
- Er. Rande. Ri.
- Rapas. As. Au.

VERTICAIS

- Reatas. QUER.
- El. Amansara.
- Noa. Ala.
- Dima. Topara.
- Amola. Aias.
- FIADOR.
- Molta. Piada.
- Asno. Bestes.
- Saa. Dor.
- Oc. Maçadora.
- Na mora. Ruu.

Provérbo: A BOCA NÃO QUER FIADOR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6565

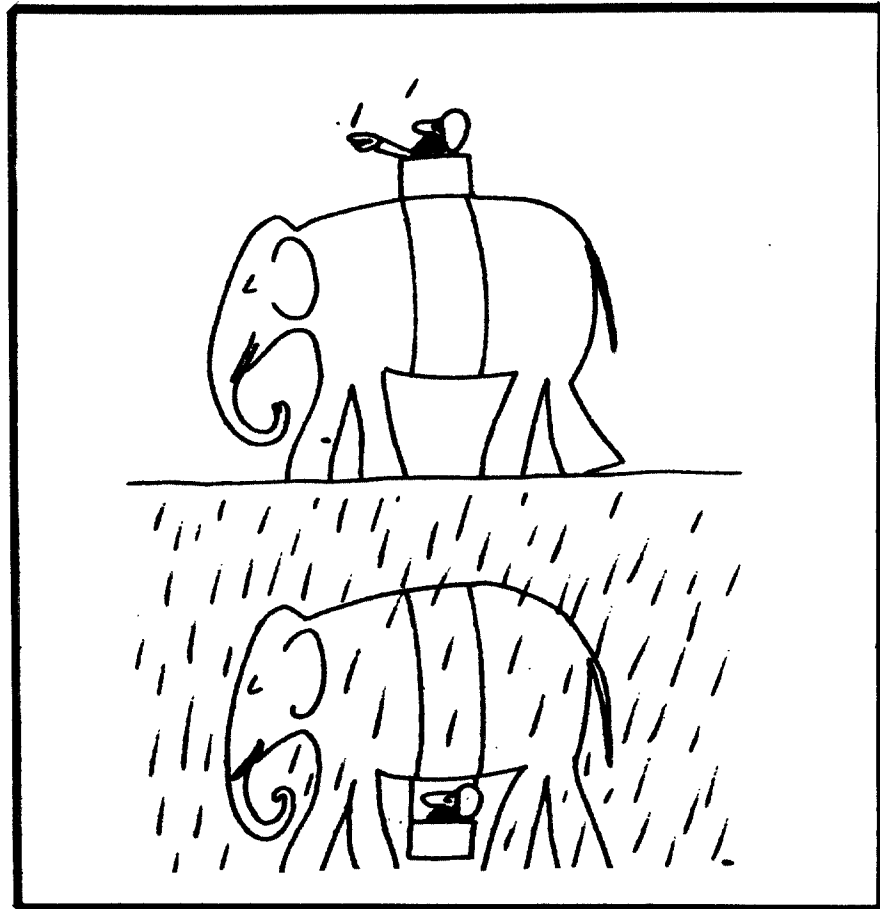
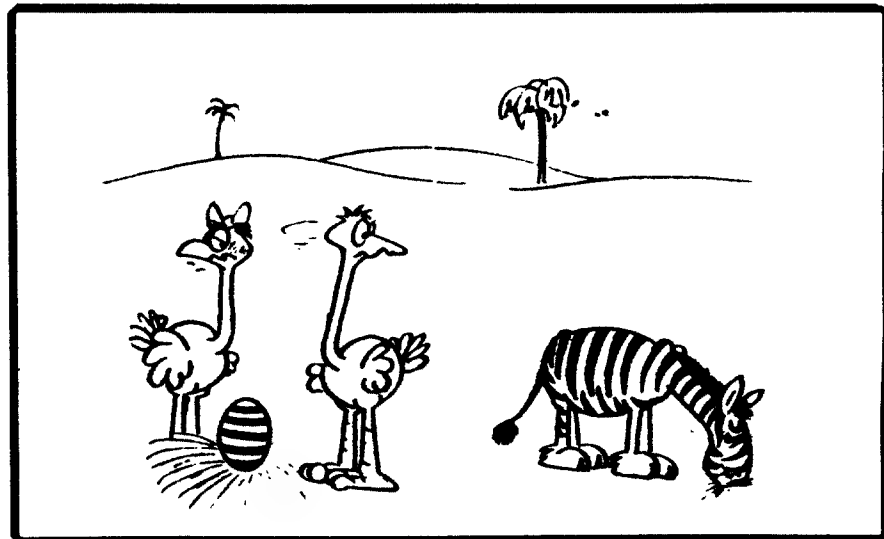
HORIZONTAIS

- Catar. Casta.
- Acere. Adail.
- Lemes. Lesai.
- Amuar.
- Olândia.
- Obi. Soa. Eis
- Real. Arna.
- Ma. Escol.
- Otava. Rasto.
- Sa. Abrem. Ai.
- Asira. Mossa

VERTICAIS

- Cal. Formosa.
- Acer. Beatas.
- Tem. Oiã.
- Areal. Levar.
- Resmas. Sabá.
- Uno.
- Calada. Orem
- Aderi. Alamo.
- Sás. Aer.
- Tias. Inatas
- Ali. Usa. Aio.

SEM PALAVRAS



VIDA URBANA

Continuação da página sete

lização, mas distinto e específico, a urbanização, apenas começava no tempo de Marx. Este não podia discernir a sua importância, nem as suas relações com a industrialização. Não soube nem pôde descobrir na produção do urbano a finalidade, o objectivo e o sentido da produção industrial. De onde resulta uma segunda limitação do seu pensamento e uma possibilidade reforçada de interpretações mutilantes, fazendo-se passar a indústria por detentora do seu próprio sentido, racionalidade e finalidade.

E ainda: «Com a cidade e na cidade, ao lado dos monumentos e das festas, a filosofia

foi obra, por excelência»; por isso «reinterpretar as filosofias que interpretaram o mundo (...) é uma das tarefas do novo pensamento revolucionário, descobrindo sob a filosofia da finitude» (consagração do estabelecido, discurso do Poder) a «filosofia do desejo». Ou, como diríamos nós, alias esclarecendo o pensamento expresso que Lefebvre desenvolve noutros pontos desta e outras obras: descobrindo sob o discurso institucional (ou institucionalizado, ou institucionalizante) da filosofia o discurso secreto — pois a «razão do prazer» também tem as suas astúcias — do desejo.

MIQUEL SERRAS PEREIRA

ACADEMISMOS

Continuação da página sete

demismo e o imóvel. Noventa por cento da actividade cultural portuguesa é puro academismo: das críticas de Gaspar Simões entediadas às prosas do César Monteiro divertidas; das revistas eruditas àquelas que para não serem eruditas publicam as fotografias de infância dos seus colaboradores... De um livro do intocável Pacheco disse em tempos que era puro terrorismo tonto, sem ideia nenhuma; nem uma. Há um estilo-Pacheco cada vez mais acadêmico e mais «pacheco». O terror estéril: a poça e a peçonha.

E tudo isto tem a ver com o cinema — será preciso explicá-lo? Porque o filme de António-Pedro Vasconcelos lá corre perante um público que julgo reticente: porque *Perdido por cem* não é um filme de emblemas, e não traz rótulos

de «político», de «vanguarda» ou de «drama psicológico» — como salvar-se então? E Rohmer repete com menor felicidade um esquema que, por sedutor, não deixa de ser profundamente reaccionário (quando não funciona em pleno, claro): *O amor às três da tarde*, se suporta as coisas inteligentes que sobre ele escreveu Cabral Martins (ver *Vida Mundial*), não parece inovar, mas explorar (com menos desenvoltura, menor subtilidade). Resta-me por agora dizer que *O Caso Valacchi* é uma insuportável tentativa de refazer *O Padriño* e *A Casa dos desejos* uma desastrosa experiência de Chabrol refazer Chabrol. Falta a Roma felliniana e *A cidade viscosa* de Huston — de que será preciso falar com outra demora, outro espaço.

EDUARDO PRADO COELHO

NOTICIÁRIO EDITORIAL

EDITORIA ULISSEIA

Bosque Proibido, de Mircea Eliade, sexto volume da colecção «Clássicos do Romance Contemporâneo», é uma das obras mais significativas do nosso tempo. Embora Mircea Eliade seja mais conhecido como historiador das religiões — disciplina que rege numa universidade americana e de que é uma das maiores autoridades mundiais —, é também romancista. E *Bosque Proibido* é a sua melhor obra literária, situada numa época trágica da história europeia — 1936-1948 — e, em parte, em lugares portugueses — Lisboa, Cascais e Coimbra —, familiares a Mircea Eliade quando viveu entre nós. O «sentido da existência» e «o terror da história», os mistérios do Tempo e da Morte são, entre outros, os temas de *Bosque Proibido*.

Os Micróbios e o Homem. John Postgate, professor de microbiologia, explica neste livro como, sem os micróbios, não existiria vida à superfície da Terra. São eles, na verdade, que mantêm a bioquímica terrestre e influenciam as várias fases do processo alimentar, do crescimento das culturas à preparação, consumo e digestão dos alimentos. Os micróbios estão na origem dos depósitos de carvão e de minério de que dependem as indústrias pesadas e interferem em certas indústrias, como a de fabrico de vinhos, a de produção de antibióticos e a de hormonas sintéticas. Um livro Pelicano.

O Casamento. Ensaio antropológico, fruto de longas viagens de estudo, nele são exaustivamente abordados o simbo-

lismo e o cerimonial do casamento, e práticas e costumes como a exogamia e a endogamia, o dote, o levirato, o incesto e o divórcio. Daqui parte a autora para uma análise do casamento nas sociedades altamente industrializadas e para o papel que a mulher vem desempenhando numa instituição e numa sociedade em crise. Um livro Pelicano.

EDITORIAL VERBO

Eurípides I, volume que inclui as tragédias *Alceste*, *Andrómaca*, *Íon* e *As Babacantes*, é o 1.º volume da Biblioteca Integral Verbo. Trata-se de uma obra excelentemente cuidada. Textos rigorosamente integrais, sendo a tradução feita directamente do grego, com a introdução e notas sob a direcção da prof. dr.ª Maria Helena da Rocha Pereira. Este volume da Biblioteca Integral Verbo está incluído na série «Clássicos Gregos e Latinos», realizada em colaboração com o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra.

Portugal Romano, de Jorge de Alarcão, é o 33.º volume da colecção *Hostória Mundi*, da Editorial Verbo. Como o próprio autor diz no prefácio, o presente volume foi planeado «tendo em atenção os interesses de vários possíveis leitores: os arqueólogos mas curiosos da antiguidade da história portuguesa; os que inciam a sua carreira de arqueólogos...; os especialistas de outros domínios da arqueologia...».

O livro apresenta o seguinte sumário: A história, da conquista romana à ocupação visigótica; as vias e os lugares; a vida rural; a actividade económica; a arte; a religião. O volume é enriquecido com abundante documentação fotográfica, desenhos e mapas, e contém ainda uma bibliografia seleccionada.

Na colecção *Grandes Artistas*, da Editorial Verbo, publicou-se o 9.º volume, *Renoir*, da autoria de François Fosca. Professor de História de Arte na Escola de Arquitectura da Universidade de Genebra e na Escola de Belas Artes de Genebra, François Fosca apresenta-nos a vida e a obra de um dos mais extraordinários pintores de toda a pintura francesa. Deste livro ressalta todo o optimismo e a alegria de viver que caracterizam a vasta obra do grande pintor, sendo ainda relatada a actividade do grupo impressionista que agitou o mundo da arte dessa época.

A Economia na Europa Medieval, é o 18.º volume da colecção *História Ilustrada da Europa*. Este livro, da autoria do prof. Robert-Henri Bautier, da École National de Chartes, Paris, apresenta-nos uma análise profunda da economia europeia ao longo da Idade Média, vendo preencher uma lacuna na visão da história, nestes tempos em que cada vez mais nos apercebemos da importância de que se revestem os aspectos económicos.

DINHEIRO

Emprestam-se rapidamente em boas condições 100 a 2.500 contos sobre hipoteca de prédios, partes de prédios ou construção, moradias e quintas.

Trata
AGÊNCIA PREDIAL
DA MADEIRA
(Mediadora Autorizada)
Rua da Madalena, n.º 182-
1.º Dt.º (A Santa Justa)
Telef.: 86 75 46 - 87 24 18

LIVROS RECEBIDOS

EDITORIAL VERBO

OS PLANETAS E A VIDA
P. H. A. Sneath
Tradução de Rodrigo Machado
Colecção Biblioteca Ilustrada do Conhecimento Científico

A PULSEIRA MISTERIOSA
Serge Dalens
Tradução de Laura Maria Álvares-Ribeiro Pacheco
Colecção Safari, n.º 7

XEQUE AO REI
Jean Valbert
Tradução de Adelino Rodrigues
Colecção Safari, n.º 8

O PEQUENO EXPLORADOR
Texto de Gilbert Delahaye
Ilustrações de Liliane e Fred Funcken
Colecção Verbo Infantil, n.º 57

KALU, O CANGURU
Texto de Marcelle Vêrité
Ilustrações de Philippe Salembier

A TORTA DE NOZES
Texto e ilustrações de R. Macherot
Versão portuguesa de Ângela Roma
Colecção Cavalinho, n.º 13

POPSI, O ESQUILO
Texto e ilustrações de Remy Dubois
Versão portuguesa de Maria Isabel de Mendonça Soares
Colecção Cavalinho, n.º 14

LIVROS DO BRASIL

A INFLAÇÃO
Maurice Flamant
Tradução de Marta Antunes
Colecção Enciclopédia LBL, n.º 44

A VIDA QUOTIDIANA EM ISRAEL
Pierre Paraf
Tradução de Marques Gastão
Colecção A Vida Quotidiana, n.º 41

JUVENTUDE ETERNA
E. C. Tubb
Tradução de Eurico Fonseca

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

ROMANCE TEATRAL
Mikail Bulgakov
Tradução e prefácio de Serafim Ferreira
Colecção Literatura Universal, n.º 3

O ARCO DE VANDOMA — 2.ª edição
Alberto Pimentel
Colecção Obras de Alberto Pimentel

PRELO EDITORA

MANDAMENTOS E MITOS
Manoel Lourenço Forte
Colecção Cacto, n.º 3

NA PÁTRIA DO SOCIALISMO
Alexandre Babo
Colecção Documentos, n.º 11

COMENTÁRIOS AO DIA-A-DIA INTERNACIONAL

A. Villaverde Cabral
Colecção Biblioteca Popular, n.º 10

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA
Jorge Amado
Colecção Obras de Jorge Amado, n.º 11

**PANJAMON — OS CAÇADORES DE CA-
BEÇAS**
Jean-Yves Domalain
Colecção Estudos e Documentos — n.º 76
MARKETING 3.ª edição
Fernando Namora
Colecção Obras de Fernando Namora

A CAMINHO DE ISRAEL
James Foreman
Tradução de Letícia Dionísio
Colecção Europa-América Juvenil, n.º 31

**a Scotland Yard,
o Rádio Luxembourg
e a Companhia de
Seguros Fidelidade,
resolveram
os seus problemas
de intercomunicação
- de uma vez
para sempre!**

Lisboa
42124
713470

Porto
483598

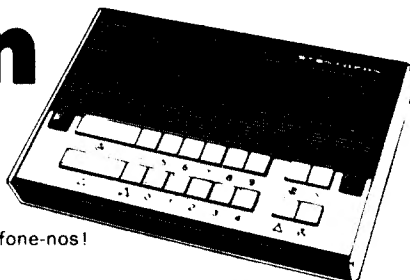
Faro
24338

Portimão
22954

Stentofon

Sistemas de intercomunicação

Os nossos clientes compararam preços, qualidade e possibilidades e resolveram o seu problema de intercomunicação com o custo de uma chamada telefónica. Telefone-nos!



PICASSO: O MAIOR INVENTOR E DESTRUIDOR DE FORMAS DO SEU TEMPO

Em 25 de Outubro de 1881, às 23.15 horas, nasce no terceiro andar de uma modesta casa, na praça de La Merced, em Málaga, Pablo, filho de José Ruiz y Blasco, pintor sem génio, e de Maria Picasso y Lopes. Desde há mais de um quarto de século, sobre a parede branqueada pela cal desta casa, está apostada uma placa comemorativa, celebrando o menino prodígio de Málaga.

Desde tenra idade, devia mostrar, encorajado por seu pai, dons excepcionais. Em Barcelona, onde Picasso passa a sua infância e a adolescência, vai à La Lonja, escola de belas-arts. Ali, bem depressa as lendas começam a correr: para as suas primeiras provas de entrada, desenha em vinte e quatro horas o que os outros levam um mês a terminar. Os seus primeiros mode-

los são os pais, o seu amigo Manuel Pollares, que partilha com ele o atelier da Rua Condé de Asalto, em frente do Palácio Guell, obra de um outro génio louco e catalão: o arquitecto António Gaudí. Picasso via então o mundo através de um realismo sem humor, característico da pintura espanhola.

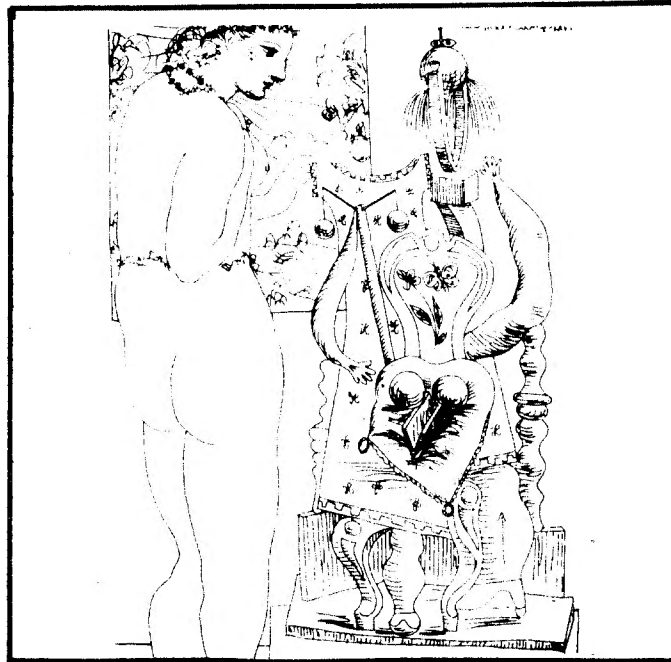
Em Madrid reitera as suas façanhas de estudantes de belas-arts, mas passa o tempo a interrogar as obras-primas do Prado. No entanto, não se eterniza ali. Barcelona, capital catalã, onde a vida intelectual está aberta às correntes estrangeiras, atrai-o de novo. Está no *Quatre-Gats* — expressão catalã que quereria dizer *Não há quase ninguém*. De facto, este café era a encruzilhada da *intelligentsia* barcelonesa. Picasso desenhava aí os cartazes no mais perfeito estilo Lautrec, e esboçava os clientes, a lápis ou à pena, por uma ou duas pesetas...

Foi no *Quatre-Gats* que Picasso encontrou Jaime Sebarés, seu secretário e seu biógrafo, e, mais tarde, conservador do Museu Picasso em Barcelona; Ramon Casas que o iniciou na arte francesa dos Lautrec e dos Steinlen; Miguel Utrillo que decidira para ele os esplendores barrocos do gótico catalão sobre o qual assenta a arte de Gaudí e do Greco.

O seu «estilo» ainda não havia nascido; porém, ele aborda já um assunto que vai ocupar um grande lugar na sua obra: o touro na arena. Picasso enegrece de rabiscos os seus cadernos, sem desânimo: irónico aqui, analista ali ou exprimindo um sentimento religioso acolá. Os desenhos que publicava na revista barcelonesa *Pel y Ploma* sobressaíam já, pela sua originalidade, das produções correntes.

No dealbar do século, cede à atracção da Cidade Luz donde os seus amigos lhe escrevem. Lê artigos sobre a grande exposição internacional. Em Outubro de 1900, é-lhe que desenhara nas margens do Sena, onde encontra uma grande colónia espanhola. Tem dezanove anos.

Conhece em Montmartre, com o seu amigo, o escultor Manolo, uma vida de boémia, desenhando e pintando cenas de Paris. Volta para Málaga, Madrid e Barcelona, mas regressa pouco depois a Paris, onde interroga tudo o que se move em pintura: os Gauguin, os Van Gogh, os Toulouse-Lautrec, os Vuillard... Os pintores consagrados também: Renoir, Degas e outros impressionistas. No Louvre, onde, de passagem, interroga os ministérios da estatária egípcia cujo arcaísmo aparecerá na sua



Modelo e escultura surrealista, 1933

obra. O aluno é do tipo excepcional, porém, no ano I do século o seu pincel mergulha ainda nas cores impressionistas. No entanto, perante a arte deste desenhador fulminante, o volume, o espaço modulado, recusam-se.

De repente, inverte o vapor: aparece o primeiro arlequim pintado no mesmo ano, em 1901, em uma só cor. O desenho, ainda bem terminado, é anunciador das correntes electrónicas que vão apoderar-se dos seus lápis. A sua primeira exposição parisiense é devida a Vollard, que mostra em Junho de 1901 desenhos espanhóis onde se encontra precisamente esta solicitação demasiado marcada da arte dos Lautrec, dos Steinlen, dos Van Gogh...

O PERÍODO AZUL E O «BATEAU-LAVOIR»

É por volta do fim do mesmo que aparece o azul cézanniano que ia inundar os seus quadros de uma luz glacial e monocroma onde se perfilará todo o universo miserabilista, que foi sem dúvida o seu naquela época. Abandona as paisagens e as cenas de rua. Encontra o assunto onde se encontra mais à vontade: a figura humana destacando-se sobre um plano de fundo neutro. Três anos mais tarde são as personagens distantes, finamente desenhadas, onde se mistura à influência dos maneirismos do século XVII a de Greco (o Louco).

Em 1904, Picasso instala-se definitivamente em Paris, numa casa chamada por Max Jacob o «Bateau-Lavoir», no n.º 13 da Rue Ravignan. Começa o período montmartrista de cinco

anos, durante o qual encontra Fernande Olivier, que se torne sua companheira. O «Bateau-Lavoir» era o covil dos talentos de vanguarda da época. Ali encontra o seu amigo íntimo Max Jacob e Apollinaire que se tornará o arauto do cubismo, Mac Orlan, Juan Gris... Freudlich, todos aí habitam. Ali recebem numerosos visitantes. Marie Laurencin, Braque, que será seu companheiro do cubismo, Derain, que lhe apresenta a arte negra; comerciantes: Berthe Weil, seu primeiro cliente; Kahnweiler, seu mercador até hoje; Vollard... Actores: Dullin, Harry Baur. Escritores e críticos: Jarry, André Warnod...

É a «casa da cultura» dos criadores internacionais. Aí se repetirá: «Arrancaremos a pintura aos seus velhos hábitos de cópia para lhe dar a soberania».

Frequenta os circos: o maneirista mostrar-se-á de uma cativante melancolia. Porém, no grande fresco da *Família de Saltimbancos* (1905), o conteúdo psicológico esfuma-se. Aparece uma serenidade que confere à sua pintura um carácter objectivo, classicismo inspirado pela arte grega que ressalta com o romantismo do período azul. Picasso começava a ter algum êxito: a americana Gertrude Stein e o russo Sergei Stchoukine são seus admiradores.

As coisas correm melhor: a sua pintura tem tonalidades rosa e os seus arlequins são mais optimistas. Isto ilustra a sua atitude fundamental: a pintura é uma acção ligada aos acontecimentos da vida, que ela exprime pela cor e pelas formas.

Pinta dois nus avermelhados trazidos à memória por uma estadia em Gosol, em Andorra: silhuetas pesadas e atarracadas com braços de lutadores, mas de uma pobreza clássica, que os historiadores identificaram com a escultura espanhola.

Depois da estadia em Gosol, a pintura de Picasso vai mudar de rosto. O desenho será mais apurado, intenso, os volumes arquitecturais e as cores naturalmente ocre e castanhos, de uma estética inspirada na escultura ibérica pré-romana. Até 1907, a sua obra não passará da preparação de uma tela que modificará o curso da história da pintura: *As meninas de Avinhão*. A sensação que havia apanhado nas esculturas espanholas, voltará a encontrá-la no seu auto-retrato colocado sobre o corpo de uma das duas personagens centrais das Me-

ninas de Avinhão. A esquerda desta grande obra compósita no pormenor, mas tão coerente no seu poder emocional, uma personagem que faz pensar na estatária egípcia, e as outras duas personagens da direita têm faces que recordam, com uma extraordinária tensão linear, máscaras congoleesas.

MÚLTIPLAS FACETAS

Nesta obra de formas quebradas, onde parece estar presente o espírito de Cézanne, encontra-se à esquerda os tons avermelhados do período rosa, à direita o azul do período do mesmo nome. Com todas as formas naturais quebradas, a pintura acabava de, na incompreensão dos contemporâneos, entrar numa era nova. Além de saltimbancos melancólicos, além de neo-classicismo... Picasso, aos vinte e seis anos, acaba de fazer com que a pintura dê um salto; os Fauves estavam altos. Um ano antes, Picasso tinha encontrado Braque, Matisse, Vlaminck, Derain, Friesz, que expunham no salão de Outono. Se os Fauves tinham libertado a cor, Picasso quebrara a tirania da natureza.

Qual o acontecimento que havia inspirado a pintura das *Meninas*? Quis ele meter a ridículo o tema das banhistas no caso de Cézanne? Responder à glória de Matisse, que acabava de pintar a sua obra-prima, *A alegria de viver*?

Cézanne, que reinava entre os jovens, aconselhava a reduzir o desenvolvimento da natureza ao cilindro, à esfera, ao cone... É esta a lição que aparece nas suas paisagens de 1909, de que *A fábrica* é a obra-prima. Formas e espaço sofrem uma geometrização sistemática, que vai preparar um dos seus períodos mais confidados, chamado cubismo analítico, em que há retratos de uma extraordinária elaboração: principalmente os seus mercadores, Kahnweiler, Uhde, Vollard, sua mulher Fernando, que foram, todos eles, expostos na retrospectiva do Grand Palais. Uma evolução profunda devia levar esta «análise» do sujeito, primeiro à sua fragmentação, depois à sua dissolução. Apesar do termo aparentemente «científico» de cubismo analítico, é claro que Picasso, ao quebrar as suas formas, ao desmontar o seu mecanismo, ao articulá-las, punha os volumes em pintura chá ou, reduzindo um nu a um ritmo linear, permanecia no domínio da sensibilidade e da emoção. Quando ele dá uma visão simultânea de todos os planos de um volume, Apollinaire proclamava: *Assassina a anatomia com a ciência e a técnica de um grande cirurgião*...

Segundo o biógrafo da obra de Picasso, A. Barr Junior, é este mesmo cubismo analítico que Mondrian, durante dez anos, transformará num método de rectângulos assimétricos, que influenciará a arquitectura e a tipografia dos anos 20, e levará o cubismo ao seu fim lógico.

Picasso pinta com uma energia pouco comum, mas não é para «procurar»: as imagens novas vêm por si mesmas. *eu não procuro, encontro*...

No que lhe diz respeito, prosseguirá, à sua maneira, com este cubismo que tomará as imagens mais imprevisíveis e mais novas.

Não seguirá uma evolução linear: depois de ter dissolvido a realidade por uma extrema fragmentação geométrica, reintegra a literalmente com as colagens de bocados de jornais,

Um texto

de Jacques Michel

de papéis pintados, e mesmo quando a pinta, é para a imitar em aparência enganosa: textura da madeira, papel pintado... O assunto é geralmente o pote do tabaco, o cachimbo, o copo de vinho, o jornal, a guitarra ou «as figuras de poetas ou de arlequins»...

É o que Alfred Barr Junior define como o ambiente do café, onde o pintor, nessa época, passava uma boa parte do seu tempo, na boémia, à parte da sociedade burguesa. A evolução segue sempre o mesmo processo: levada ao seu máximo, é reconsiderada por bruscos retornos provocados pelos acontecimentos, que se renovam incessantemente e levam à tábua rasa permanente. Picasso, no seu furor anti-académico, acabava de modificar o sacrossanto meio: a pintura. As suas colagens são feitas de desperdícios, que ele transforma, uma vez colocados no seu lugar, em poeira de ouro. Atribui-se-lhe este dito espirituoso: «Se eu amarrotasse um pedaço de papel, poder-se-ia encontrar alguém que quisesse comprar-lo...»

Por volta de 1915, após uma vagabundagem pelas formas barrocas recortadas num papel pintado florido, volta a encontrar a linha recta com o *arlequim* (1915), do cubismo dito sintético que estiliza as personagens em formas abstractas, como se as cortasse à tesoura. O género devia culminar nas duas versões dos *Três músicos*, de 1921, ambas pertencentes a museus americanos. Porém, Picasso, que não é, muito pelo contrário, homem de uma maneira, pinta, ao mesmo tempo que os seus arlequins, o seu mercador Vollard, no mais delicado estilo de Ingres — que não deixa de surpreender a sua roda. Em 1917, Jean Cocteau arrasta-o a Roma, onde Diaghilev lhe pede os cenários de *Parade*. Encontra aí Stravinsky que compunha *Fogo de artifício* (desenha o retrato do músico) e Olga Koklova, dançarina da companhia de bailado, de quem fará sua mulher e pintará o retrato à maneira de Ingres. Visitou Roma, Nápoles e Pompeia. Tudo isto reaparecerá na sua obra. Em 1918, eis as banhistas a dançar na praia: formas alongadas, delgadas e flexíveis, de um maneirismo italianizante. No ano seguinte é uma nova imagem que se oferece com as mulheres gigantescas que acabam por se tornar, através das metamorfoses de uma escultura onírica, personagens clássicas do estilo «pompeiano» (*Três mulheres na fonte*, 1921), condensas, cujos narizes e olhos lembram a escultura helenística.

Mas 1921 é o ano dos *Três músicos*, pintado em Fontainebleau, que representa a asoteose do cubismo sintético, corte precioso, nada destruidor, em que utiliza os restos dispersos decorativos para construir figuras humanas. O que não o impede de prosseguir, simultaneamente, a sua experiência «ingresca», helenica (*Maternidade*, 1921), monumental (duas mulheres gigantescas lançadas numa paisagem carregada de nuvens como um fenómeno cósmico, 1922)... Mais tarde, o quadro servirá de modelo para os cenários do bailado de Diaghilev, *O Comboio Azul*, de *Flaute de Pan* (1923), exposta no Grand Palais, mostra um indivíduo do sexo masculino num desenho firme e monumental que é um dos pontos altos do seu «período clássico».

Continua na pag. doze

NOVIDADES LITERÁRIAS

Colecção Documentos de Todos os Tempos

ALENTEJO DESENCANTADO

Mário Ventura
fotografias de
Augusto Cabrita
2.ª edição
A epopeia da terra
alentejana
40\$00

Colecção Ciências Sociais e Humanas

MODELOS E MÉTODOS MATEMÁTICOS

Raymond Boudon
A metodologia matemática aplicada às ciências sociais
20\$00

Colecção Obras Completas de Teixeira de Pascoaes

O BAILADO
Volume VIII
Prosa II
Pascoaes revela-se
ao mundo
edição especial: 100\$00
edição normal: 60\$00

Colecção Saúde & Acção

À ESPERA DO MÉDICO

Pierre Fournier
Uma mina de conselhos que convém ter à mão em todas as circunstâncias e lugares
70\$00

LUSCO-FUSCO

Vida e morte de um desconhecido
Pablo La Noche
introdução de Ingborg Moacyr
Uma revelação na moderna literatura portuguesa
90\$00

Colecção Autores Portugueses

OS ROSTOS DE JANO
Maria Ondina Braga
A condição da mulher observada com perfeita honestidade
45\$00

EDIÇÕES DA

LIVRARIA BERTRAND

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS DR. FERNANDO TEIXEIRA

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Rua Rodrigues Sampaio, 38-1.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
ENFERMAGEM GERAL E DE REABILITAÇÃO ESPECIALIZADA
PEDIATRIA — PARTOS
ASSISTÊNCIA MÉDICA
SERVIÇO PERMANENTE NA SEDE E DOMICILIÁRIO
DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS
Rua Rodrigues Sampaio, 30-C, 2.º Dt.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
SERVIÇO PERMANENTE INCLUINDO DOMINGOS E FERIADOS
SERVIÇO DE URGÊNCIA COLHEITAS DOMICILIÁRIAS

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

... Um congresso em Braga — que melhor pretexto para viajar entre Lisboa e o Minho, e por lá ficar, em itinerários de fantasia, que vão até Lindoso, ao Soajo, ou a Valença, que se detêm na Brejoira ou em Rendufe e que, depois, ou antes, etc.? Um folhetim escreve-se como se escreve, de preferência à mão, e se de viagem se trata, circulante e diversa, a mão circula com ela, imita-lhe o ritmo, recordando-lhe as surpresas ou os encontros. O encontro de Tibães.

Casa mãe dos Beneditinos, porque não teriam os doutos frades lá voltado quando, há anos, vieram reinstalar-se em Singeverga, edificando de raiz? E difícil discutir a rentabilidade da operação de restauro, para fins monacais, mas tal operação ficaria decerto aquém das despesas feitas na nova sede — e ter-se-ia salvo um dos grandes monumentos da cultura portuguesa. Agora, tem o Estado diante de si a compra do convento, o seu restauro (que os anos tornaram mais dispendiosos) e o ónus incalculável da sua manutenção — para que uso, pergunta-se. O edifício, de posse particular, está desvalorizado com isso — e o problema da utilização põe-se, no seu caso, com uma acuidade exemplar. Para que servem os «monumentos nacionais», se não para vista ou turismo? Porque se a esses fins gratuitos ficam votados, acabam por se perder como elementos vivos de uma cultura. Reutilizados em nova função social, adaptam-se a uma conjuntura, sem perderem a sua essência cultural, ou seja a sua estrutura. E há que não esquecer que a história se cose nas duas redes, da estrutura e da conjuntura.

Assim Tibães, assim Rendufe, assim Pombeiro, assim Entre-Rios, que sucessiva e beneditinamente percorri. Assim também Santa Maria de Bouro, dos Cistercienses, com o seu pequeno claustro onde crescem laranjeiras. Ruínas após ruínas, salvas apenas as igrejas, quando salvas da chuva...

Nas malhas da conjuntura, uma imagem. O solar de Bertandos, à beira do rio Lima, um dos mais belos de Portugal. Do portão armoreado e atravessando a estrada de asfalto, um caminho de terra batida leva ao rio, bebedouros de bois, lavadouro de roupa. Há quinhentos anos assim? Houve e há a torre tardia medieval, e depois os dois corpos da casa, setecentistas mas lembrados do século anterior e até, por via maneirista, do processo renascentista italiano, com sua «loggia» toscana. Mas, para além disso, há os bois a beberem ao melo-dia e as mulheres a lavarem o dia inteiro no Lima, imagens rústicas à sombra tutelar da casa senhorial. Servos no seu trabalho, senhores de bandeira alçada na torre antiga... E bandeira mesmo — vermelha com a cruz de prata floridíssima dos Pereiras, batendo ao vento de Entre o Douro e Minho; Pereiras de Bertandos, esquecidos, aliás, da brica que lhes distingue as armas quinhentistas das outras mais antigas, de mais nobres ou mais certos Pereiras — mas desfaldando inespeditamente a bandeira da sua prosápia sobre os bois que bebem e as mulheres que lavam, neste paraíso velho e relho. E também sobre

UMA VIAGEM E VÁRIAS COISAS

os automóveis burgueses que passam — ou param, como o meu...

Outros solares, na viagem? O da Brejoira, que há muito não me via e me surpreendeu. Já de princípios de Oitocentos, com um olho posto na Ajuda (os fidalgos construtores eram aposentados na burguesia da corte) e outro na tradição minhota, tem sobretudo uma grandeza de «château» francês, que nenhuma outra casa nobre tem, em Portugal. Curiosa situação paradoxal, que nada justifica e tudo contradiz; é ver as memórias do Fronteira que lá passou após a construção terminada.

Mais paradoxos e curiosidades, neste fenómeno cultural dos solares que aguarda estudo? As ainda hoje chamadas «obras do Fidalgo» (foi assim que uma raparigota identificou a minha descrição), em Vila Boa de Quires, arquitectura de fausto e festa, tornada fantasmagórica nas suas ruínas cenográficas. Há que saber porque foi o palácio assim imaginado, por quem, ou quem eram estes Carvalhos-Meneses que lá têm um brasão mutilado; e quem desenhou a estranha fachada, com lambrequins italianos na pedra das janelas. E os ditos Fidalgos da Luz, ainda existentes e que mantêm um belo solar de finais de Setecentos, à beira de Fafe, coberto de azulejos de meados do século seguinte, no mais extraordinário «patch work» do género. E tantas outras casas, do Paço medieval da Grela, à entrada dos Arcos, ao palácio barroco dos Malheiros-Reimão, com sua capela repolhuda, em Viana. Estes lembram os parentes Pittas da casa quinhentista de Caminha (ambos os brasões amantados por luto comum) — e falar de Caminha é subir ao seu alto onde se destruiu a mais bela paisagem do mundo — terra cultivada em baixo, rio de seda com barcos espelhados, Santa Tecla lançando a sua sombra triangular, com a aldeola de La Guardia aninhada na encosta, e o mar azul num fundo mais azul ainda... O arq.º Sérgio Fernandes, do Porto, desenhou lá uma excelente casa geminada — e o Siza Vieira outra, no monte vizinho de Moledo, adaptando uma casa de quinta e nela metendo, com imaginosa sensibilidade, um corpo vidrado. Obra admirável, em circulação, projecção de volumes, surpresas de perspectiva...

De arquitectura em arquitectura — o Minho está cheio de século XVII e vai-se enchendo de um século XX de emigrantes «franceses» na mais

estapafúrdia das confusões que as câmaras municipais não dominam, fácil que seria impor uma tabela de modelos simples e (sobretudo e para já!) uma gama de cores possíveis e legais, para cobrir as fachadas que rosas, verdes, roxos tornam agora alarmantes...

Igrejas muitas, nas curvas da viagem — e se Nossa Senhora da Lapa em Arcos de Val-de-Vez tem pilastras de granito pintado a imitar mármore, para dar razão às minhas razões de impossibilidades «rocailles» em terras de pedra bruta (ou de dificuldades renascentistas — veja-se a Matriz de Caminha e os medalhões da fachada...), a igreja trecentista da Fonte Arcada tem um anho sagrado no tímpano com saborosa e rara ingenuidade, para, desta vez, dar razão às razões antropológicas do meu amigo Ernesto de Sousa, e a Santa Marta do Bouro tem uma «capilla aberta» que dá argumentos de precedência ibérica ao meu amigo Bonet Correa — além de ter, colado à arcada da nave central, um cenário de madeira pintada, rocalizando o gosto da decoração, peça única ou rara. Na Nossa Senhora da Agonia de Viana tem a sacristia coberta de «ex-votos» de marfrios e soldados do Ultramar — e o grande cofre da Confraria ostenta devotamente, sobre a blindagem verde, uma imensa cruz niquelada, sacro o dinheiro que lá se guarde, sob os olhares de protecção dos benfeitores alinhados em retratos de 1870 do local Julião Martins Vianna. A «Árvore de Jessé» da Matriz de Caminha está escorada para não cair, o que algum dia sucederá, uma igreja setecentista apodrece em Ponte de Lima, ao lado de um solar armoreado de Magalhães...

Estátuas? Mil e uma, da condessa Mumadona de Alvaro de Brée em Guimarães ao conde de Arnoso, do mesmo sítio (esta aliás excelente, de Joaquim Correia), do navegador Fagundes em Viana, assinada J. Barbosa e lembrando demais o notável Bartolomeu Dias de Barata Feyo para a Cidade do Cabo, ao Gomes da Costa deste último, em Braga, curioso exemplar hiper-realista «avant-la-lettre», ou ao Oliveira Salazar sentado por mestre Leopoldo em Santa Comba, no modelo do Lincoln de Washington, em mais pequeno, do D. Duarte, em Viseu, abençoado por Alvaro de Brée, ao D. Henrique, seu irmão, exageradamente fantasiado, em outra praça, por Martins Correia... Tem a estátua comemorativa razões que a razão escultórica decerto ignora. «Eskultura», como já lhe chamei, por mor das capas que tanto a cobrem...

Quadros? Esta menina cor-de-rosa de 1850, retratada no museu de Viseu — a melhor imagem romântica que conheço e descobri agora; ou o «Rapto na Paisagem Povoada», de António Pedro, que ficou na sua casa de Moledo, e reviu, a anos de distância sentimental.

...Mas o folhetim vai acabar sob a ramada que Raul Lino desenhou, em 1918, para a Sociedade de Propaganda de Portugal, no mirante da Praça de Penacova — gosto 1900, sensibilidade gostosa, nesta janela irrealmente aberta sobre o Mondego sinuoso. R.I.P....

A MULHER INJUSTICADA

(continuação do número anterior)

Quando estava perto da Suíça adormeceu. Um comboio tem ondulações de berço. Estava sonhando que era criança, quando acordou na fronteira com a Alemanha. Lembrou-se do artigo — tinha que ver alguma coisa da Suíça e escrever qualquer coisa sobre a Suíça.

Na última e derradeira estação, uma mulher acenava um adeus comovido. Era ruiva. Nada mais o jornalista viu da Suíça e escreveu: «Na Suíça todas as mulheres são ruivas», e foi desenvolvendo teorias sobre a vantagem de ser ruiva e logo na Suíça. Alguns acharam o artigo humorístico, num estilo novo, e elogiaram o jornalista. Mas a direcção do jornal não foi da mesma opinião e mandou o para a rua.

É possível que a autora de «O Homem Domado» acredite que todas as suíças são ruivas, que todas tenham um «MG» amarelo-limão e que todos os homens se vistam de cores discretas para «disfarçar a sujidade». Mas teve muito mais sorte do que o jornalista da presente história, porque, partindo de generalizações — «o homem é a pessoa que trabalha, a mulher é a pessoa que não trabalha», ou «a mulher é estúpida, o homem é inteligente» — conseguiu escrever um «best-seller».

QS APLAUDIDOS MALICIOSOS

Um importante jornal do Rio de Janeiro publicou recentemente a fotografia de um homem sentado no chão para melhor poder olhar as saias levantadas das mulheres que passavam, desprevenidamente, perto de um exaustor. Uma atitude

pública de baixo nível comentada com simpatia. Eis o texto:

«A malícia carioca reviveu ontem, na Rua 7 de Setembro, dentro da sua forma mais legítima: quando os homens descobriram que um exaustor estava levantando as saias das mulheres que passavam, imediatamente formou-se um corredor na calçada, encaminhando todas para a apoteose final. Durante quase cinco horas (das 12.30 às 17.20) centenas de cariocas, de várias idades, torciam mais que em concurso de miss. As saias subiam, as mulheres tentavam segurá-las e os aplausos aumentavam ou decresciam de acordo com os dotes físicos de quem involuntariamente as mostrava. Houve até casos de pedidos de bis. Quando a Polícia chegou, todos disfarçavam apontando para o alto e formou-se nova aglomeração de curiosos querendo saber o que havia lá em cima, quando o espectáculo era cá em baixo.»

Trata-se de fazer a apologia do «machismo» malicioso e de accentuar o papel da mulher relegada a objecto de divertimento e de prazer. E isto passa-se numa época em que o homem visita a Lua, antes de ter resolvido os problemas mais essenciais da Terra, em que alguns vivem e muitos vegetam numa época em que o desrespeito humano anda por aí à solta, apesar de vislumbarmos, no fundo do túnel, uma réstia de sol.

Como se não bastassem os concursos degradantes de beleza, em recintos fechados, onde as mulheres são pesadas, medidas, julgadas, como num vulgar concurso agro-pecuário, o espectáculo desceu à rua e foi aprovado por um jornal de grande tiragem que considerou

a situação picante e comprovadora da malícia masculina. No fundo, o articulista tinha mesmo uma pontinha de orgulho, porque o gesto popular envolvia imaginação e denotava uma certa virilidade da parte de todos os seus participantes.

Qualquer um dos espectadores se insurgiu se sua mãe passasse perto do exaustor, mesmo que não fossem muito aplaudidos os seus dotes físicos. Mas para a família dos outros, a filosofia era diferente. Quanto mais mostrassem, melhor, e os homens, numa grossaria que os irmanava como numa grande bebedeira, forçavam as mulheres a passar junto do exaustor e aplaudiam com entusiasmo as saias levantadas. Tudo isto com o «amen» da imprensa tradicional. Vejam bem: «Houve até casos de pedidos de bis».

A ERRADA TERAPÊUTICA

Recentemente uma psicóloga de Nova Iorque, falando das mulheres que recorrem a médicos psiquiatras, fez a seguinte declaração: «A convivência entre a paciente e o terapeuta revigora um sistema de preconceitos e atitudes que é psicologicamente pernicioso para a paciente e compensador para o médico». E mais adiante: «Como pode uma mulher melhorar, se o tipo submisso tradicional é reforçado pelo terapeuta homem? Como pode ela aprender a valorizar a sua condição de mulher, com um terapeuta que subestima o seu sexo?»

Parece evidente que as mulheres teriam tudo a ganhar se procurassem médicas que sentem e entendem os seus pro-

Um texto de Sidónio Muralha

blemas psíquicos, em vez de confiar em médicos psiquiatras, aprendizes freudianos, incapazes de esclarecê-las, de valorizá-las, de dar-lhes a verdadeira estatura humana que possuem mas que muitas vezes desconhecem nesta emaranhada floresta em que o «machismo» ainda se exhibe e pavoneia num ridículo bailado da Idade da Pedra.

Contrariamente à conclusão de Esther Villar, de que as mulheres só se importam com as outras mulheres, as pacientes continuam procurando médicos psiquiatras que desconhecem a natureza feminina e não conseguem libertá-las dos seus fantasmas e pesadelos. Muitos deles visualizam as situações colocando-se em ângulos que não têm mais sentido na época actual e continuam acreditando em complexos da infância «da menina que acha que tem qualquer coisa a menos quando olha o menino», conceito que entrou hoje no domínio da piada e que a própria Esther Villar, com quem divirjo quase sempre, tratou de alusão absurda.

A verdade é que é grande o número de neuróticas (mais ainda do que de neuróticos) e que as condições sociais não são alheias ao estado de espírito, quantas vezes desesperado, e à solidão sem fronteiras de muitas mulheres.

Não podem os médicos psiquiatras desenvencilhar-se de uma herança de preconceitos que prejudicam a análise da mulher como ser humano, porque pensam, como ponto de partida: «É uma mulher que tem inveja de tais predicados masculinos e como tal deve ser tratada». E, desta maneira, um grosseiro erro é perpetuado e as mulheres ainda pagam para serem vítimas de uma falsa terapêutica.

vem que dominava os homens com os punhos. Foi afastada. Era vexatório para os colegas, orgulhosos, apanharem tanto de uma mulher só. Talvez tente conduzir autocarro mas, como aconteceu em Londres, vão impedi-la. Outros empregos lhe serão vedados.

Seria útil que me retivesse um pouco sobre o assunto, para demonstrar quanto nos batemos num conjunto de circunstâncias, muitas vezes dramáticas, e que não podemos reduzir a meia dúzia de enunciados simples o que se passa à nossa volta.

O CEMITÉRIO DOS VIVOS

Para nos afastarmos do mundo onde a futilidade parece ser a nota dominante, falemos dos relatórios da UNESCO sobre a fome. São implacáveis. Setenta a setenta e cinco por cento da população do globo ou é esfofomeada ou subnutrida. Todos esses homens e mulheres são domados, de maneira igualitária, mas pela fome. No Haiti, enquanto as mulheres dão às crianças a chupar os seios sem leite, os homens fazem fila para doarem sangue. As filas são tão grandes que muitos têm de voltar no dia seguinte. Cada litro de sangue: — três dólares, o preço de um brinco de fantasia em Londres, uma verdadeira pechincha.

(Continua no próximo número)

SINUSITES

Vias respiratórias obstruídas

GOTAS NASAIS BRONE

A VENDA NAS FARMACIAS

Pedidos de Literatura:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

ROGÉRIO DE FREITAS:

"SOU CONTRA A INVENÇÃO NO QUE SE REFERE À LITERATURA"

Entrevista conduzida por JOSUÉ DA SILVA

Rogério de Freitas estreou-se em 1952 com o livro de contos «A Porta Fechada». Em 1955, publicaria outro livro de contos, a que pôs o título de «Um Resto de Esperança». Três anos depois, em 1958, portanto, lança o seu primeiro romance «Tempo de Angústia», a que se segue, dois anos mais tarde, «Sangue na Ma-drugada». Em 1968 dá à estampa uma peça de teatro, «Os Mortos Chegam mais Tarde» e, finalmente, em 1970, uma narrativa longa e aprimorada, romance ou novela, como queiram, chamada «Memória Destruída», que mereceu a atenção da crítica responsável, não só pela forma como o entreccho fora colocado no papel por Rogério de Freitas, mas ainda pelo tom de sinceridade que repassava as suas páginas, visto que se tratava, realmente, de um livro autobiográfico, arrancado à dura vivência do autor em terras estrangeiras, como emigrante.

Rogério de Freitas — começámos por indagar — qual é o seu método de trabalho?

— Não tenho. Escrevo só quando sinto apetência para o fazer. Não estabeleço um ritmo, nem tenho a preocupação de escrever diariamente. De resto, sou capaz de estar, como já o provei, muito tempo, anos, sem redigir uma linha para um livro. Depois, quando me surge uma ideia, lanço-a ao papel nervosamente, freneticamente, e só paro ao atingir o fim. Escrevo directamente à máquina e o meu maior problema...

Rogério de Freitas interrompe o discurso para olhar com inquietação o nosso gravador. É que ele desconfiava destas máquinas, como nos disse antes de darmos início à entrevista.

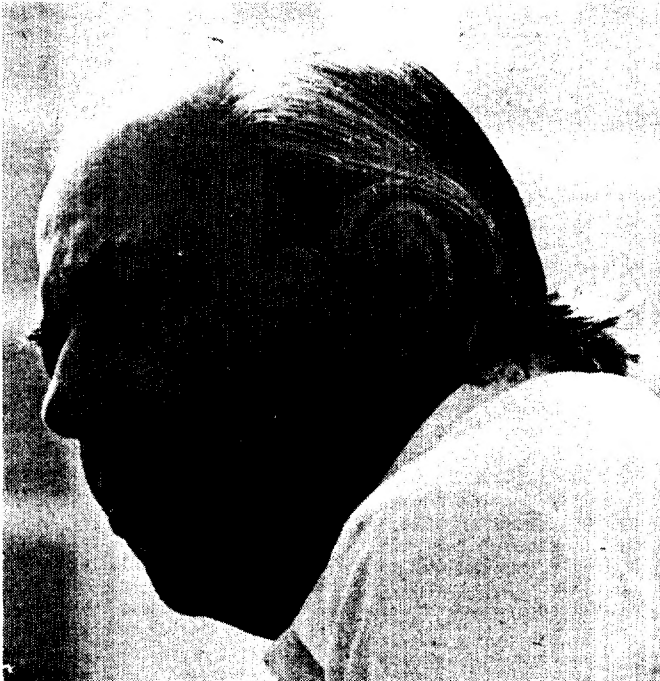
— Já estamos a gravar? — pergunta.

— Já. Mas nada de ressentimentos para com o gravador — respondemos a rir. — Garanto-lhe uma coisa: os gravadores não o mordem.

— Bom — continua ele com um gesto divertido —, espero que não. O que é que eu ia a dizer? Ah! Já sei: escrevo directamente à máquina e o meu maior problema é a arrancada inicial. Chego a reescrever as primeiras páginas dezenas de vezes. Encontrado o ritmo e o tom que procuro, o restante sai-me lentamente mas sem paragens.

— Impulsivamente, portanto?

— Sim, de algum modo, impulsivamente. Não rasuro uma página, nem emendo. Prefiro refazer uma página por uma questão de «limpeza». Por exemplo: se me cai um erro de máquina numa página, como não gosto de ver emendas no que escre-



Rogério de Freitas

vo, volto a refazê-la. No entanto, todos os meus livros foram escritos três e quatro vezes.

E, já agora, antes que você me pergunte, digo-lhe que não bebo álcool quando escrevo. Nem sequer um copo de uísque. Bebo chá. E fumo. Cigarro atrás de cigarro.

— Saberá o Rogério dizer-nos quanto é que ganhou até hoje com os seus livros?

Isto não é pergunta que se faça, mas Rogério de Freitas gostou. Riu muito, para depois exclaimar:

— Você vai obrigá-me a fazer contas pela primeira vez. Ora deixe ver... Com o meu «Tempo de Angústia» e graças à sua entrada no «Graculo de Leitores», recebi uns dezolitos contos. Com mais cinco de um outro livro, mais cinco e tal de outro... olhe, andou à volta de trinta contos. Não, mas espere. Como me zanguei com o editor de «Memória Destruída» e resolvi comprar todos os exemplares que ele lá tinha por cinco contos e setecentos, deduz-se que não chegou aos tais trinta contos. Na realidade, esse dinheiro que «ganhei», não pagou certamente o papel em que escrevi os meus seis ou sete livros.

— Costuma ler os seus originais a alguém antes de os mandar para a editora?

— De forma nenhuma. Tenho uma vergonha, um pudor enorme acerca das coisas que escrevo. Seria por isso incapaz de as ler a quem quer que fosse. No entanto, tenho «um leitor» para os meus originais. Um velho amigo que mos lê com muita paciência e que me dá conselhos que, em boa verdade, nem sempre sigo. É o Fernando Namora. Claro que o faço sem relutância em relação ao Namora, porque ele é um homem que se entusiasma e nos comunica esse entusiasmo. Mas ser-me-ia impossível, por exemplo, dar os meus originais a ler ao Vergílio Ferrei-

ra, de quem não sou menos amigo. O Vergílio é aquilo que eu chamo um grande escritor (esta é uma opinião, muito pessoal, naturalmente) português deste tempo e nem sei se o maior, porém, não é homem de entusiasmos. Nem os comunica. Tem um feitio muito especial, este «monstro» da nossa arte de escrever.

— Considera-se um escritor comprometido?

Rogério de Freitas olha-nos com espanto:

— Que é isso de «escritor comprometido»? Eu acho que não há escritor nenhum que, logo que escreva e se publique, não seja comprometido. Ou então é um imbecil qualquer que escreve só palavras. Os meus livros são sempre um grito de sinceridade e um escritor sincero tem, fatalmente, de comprometer-se. Mas comprometer-se com quê e em quê? Com o homem e com o seu mundo? Será essa a mais clara e razoável forma de compromisso, segundo penso.

— Que importância dá você à crítica?

— O problema da crítica é um problema dos diabos. Eu dou uma grande importância à crítica e, ao mesmo tempo, gozo enormemente com ela. Isto depende da qualidade do crítico. Há certas críticas onde se soeitra facilmente a dificuldade do autor em dizer o que pretende, acabando quase sempre por não dizer nada que valha a pena. Acredito na crítica quando ela é feita por indivíduos mais inteligentes do que eu, que até descobrem coisas nos meus livros que eu nunca pensei que estivessem lá. É esta crítica de «descoberta» a que considero mais válida e profunda.

— Qual é para si, o crítico português que mais dignifica a crítica?

— Direi que uns são capazes de levar por diante as suas intenções, e outros não. Dentro deste meu modo de ver, creio que o críti-

co mais inteligente, mais lúcido, do nosso panorama actual, é o Eduardo Prado Coelho. Um outro, de cravada excepção, mas que, infelizmente, não faz crítica, seria o Eduardo Lourenço. Fora disso, não vejo por aí grande coisa. A não ser que o Vergílio Ferreira, com a sua agudeza e capacidade, se resolvesse a exercer crítica...

— Se você não tivesse de ganhar a vida fora da literatura, escreveria mais, publicaria-se com mais frequência?

— Não. Eu sou «outsider» da literatura, um marginal. Repare que, na minha idade, tinha obrigação de contar vinte ou trinta títulos publicados, pelo menos. Só tenho seis. E não escreveria mais se tivesse uma vida completamente desocupada do ganha-pão diário. Entusiasma-me a variedade das coisas. Gosto da minha editora, acho que é algo muito belo, fazer livros. Gosto de pintar — não sabia que também pinto? Agora possuo uma galeria e estou apaixonado pela ideia. Para mim, entrar em contrato com uma editora, escrever livros por encomenda num determinado espaço de tempo, seria horrível.

— Que pensa da actual situação do escritor português, diante das limitações do meio?

— Que limitações? Se é aquilo que estou a pensar, respondo que tais limitações não impedem de maneira nenhuma a verdadeira obra de arte. Impedirão, quanto muito, um determinado testemunho real, que nos daria um determinado tempo real. Mas nunca a obra de arte pura. Embora eu não ponha de parte a ideia de que uma obra de testemunho, e feita com esse fim, possa igualmente ser uma obra de arte. Claro que pode. Para falar de um caso concreto: Alves Redol teria sido maior escritor sem a existência de tais limitações? Não creio. Contudo, sou contra qualquer limitação da liberdade do escritor.

— O Rogério lê muito?

— Isso, sim, é que é uma coisa que imponho a mim próprio diariamente. Lido sobretudo ensaio. Romance, contra o que acontecia há anos, lido pouco. Entretenho-me a ler até às duas, três da madrugada.

— Vai publicar algum livro em breve?

— Em breve, não acredito. Mas estou a trabalhar num livro que será como que uma reinserção do conteúdo de «Memória Destruída». Hoje, vivo quanto possível da memória, talvez porque começo a estar velho. Além disso considero que o que está dentro de nós é sempre o melhor que podemos dar aos que nos lêem. Sou contra a invenção pura, no que se refere a arte literária. Embora saiba que para dar a minha realidade, terei de reinventá-la, o que de qualquer modo me parece diferente de ter de inventá-la. É diferente.

PICASSO

Continuação da pág. dez

As facetas do génio do pintor são numerosas, dir-se-ia desconcertantes do ponto de vista lógico, não pela vida que exprime. «Eu pinto as coisas como as penso, e não como as vejo...» Através de «estilos» e maneiras, é sempre o mesmo influxo, a mesma força que passa. A classificação em «períodos» pode parecer vã, porém, do ponto de vista do amador, ajuda a ver um pouco mais claro no desenvolvimento de imagens novas e imprevisíveis com que Picasso nutriu este século. Para o pintor, é a aventura global, tão intensamente vivida, que conta.

A DESLOCAÇÃO DAS FORMAS

Nas suas cenas à beira-mar de 1923, vê-se aparecer enormes nus, de cabeça pequena, que parecem levantar voo, presos de uma dilatação em que alguns pensam ver um tratamento irónico do clássico tema das banhistas. Ao mesmo tempo, o «cubismo» toma aparências cada vez mais curvilíneas como num corte suave e leve e já não apresenta formas em ângulo. Está, aliás, convencionalizado que o «cubismo» sob a sua aparência de geometria angular tinha chegado ao seu termo por volta de 1914.

Vai, sobretudo, prosseguir uma metamorfose que não parece ter fim: com o mesmo desenho curvilíneo, vê-se aparecer a maneira que consiste em multiplicar os graus de significação da linha, definindo, às vezes, dois perfis face a face em cores diferentes. Sucedem-se ou vão de par com toda a liberdade, com regressos atrás, numa corrida torrencial, o desenho clássico, a fragmentação cubista, a planificação do volume, as suas variações metamórficas, as suas tumescências surrealistas... E no momento em que o acreditamos encerrado numa maneira que o vemos apagar completamente para recomçar como se nunca tivesse desenhado, ou, mais exactamente, como se sempre tivesse praticado a via nova onde se encontra...

A deslocação das formas inaugurada com «Os três dançarinos» (1925) desenvolve-se no «Minotauro» (cabeça de touro colocada sobre pernas que correm), «As mulheres sentadas convulsivas», surrealistas, as contorsões de «O acrobata», que não é mais do que cabeça, braços e pernas... Mais tarde, as mesmas formas podem inscrever-se no espaço, desenvolver-se naturalmente em escultura, construção de pedaços de ferro-velho.

O curso do seu lápis é de uma extraordinária energia. Na Primavera de 1932, no momento em que pinta uma série de mulheres sentadas, encontra-se, à maneira de Picasso, o abandono sensual ao sono de certas odaliscas do «Banho turco», de Ingres.

No Verão de 1933, a Galeria Georges Petit, em Paris, apresenta uma grande retrospectiva Picasso: duzentas e trinta e seis obras. No ano seguinte, esculpe em Boisgeloup cabeças de mulheres do estilo do monumento Apollinaire, erigido no pequeno jardim da praça de Saint-Germain-des-Prés. O modelo é a sua nova companheira: Dora Maar.

Em 1935, Picasso para momentaneamente de pintar. Entrega-se a uma arte em que mostra uma extraordinária vitalidade: a gravura. Técnica mais directa, o homem põe-se aí a nu. Na longa série do «Pintor e o seu modelo», coloca-se em cena num tom narrativo que a sua pintura não tem. Aí se encontra a magnífica sequência

de gravuras encomendadas por Vollard, que é um dos mais altos momentos da sua obra.

Picasso liga-se ao grupo surrealista e escreve poemas à maneira dos seus novos amigos. André Breton consagrou em 1935 uma introdução à sua obra nos «Cadernos de arte», de Christian Zervos. A sua amizade com os poetas, e mais particularmente Paul Eluard, é bem conhecida. Ilustra «A barra de apolo» em 1936 e desenha vários retratos de Nush, a mulher do poeta.

A guerra de Espanha estala. Espanhol, Picasso era-o até ao mais fundo de si mesmo e milita pela causa republicana. Aliás, o Governo confia-lhe, e ele aceita, a direcção do Museu do Prado.

E em Janeiro de 1937 que grava a sua primeira obra anti-franquista, «Sonhos e ilusões de Franco», concebida com o tom narrativo da banda desenhada, cujos textos escreve em espanhol.

Em 28 de Abril de 1937, a cidade basca de Guernica é destruída pela aviação alemã por conta de Franco. Dois dias depois, no 1.º de Maio, o ministério republicano reage ao acontecimento: pinta um quadro furioso sem cores, apenas com negro e branco, destinado a ser apresentado na Exposição Universal de Paris, no pavilhão republicano espanhol. Um bilhete postal, representando o quadro, levava a seguinte inscrição: «O grande pintor espanhol quis exprimir nesta obra a desagregação do mundo exposto aos horrores da guerra». É quase um desenho, domínio em que a expressão de Picasso é mais imediata.

Esta tela de grande formato, que não foi exposta quando da retrospectiva do Grand Palais, encontra-se no Museum of Modern Art, de Nova Iorque numa sala climatizada, com alguns desenhos de estudos, alguns dos quais são posteriores ao quadro. Aqui, Picasso observou, com efeito, uma tentativa contrária: a expressão foi imediata na pintura; ele não esgotou o assunto senão depois. Guernica fora enviada a Nova Iorque para aí ser exposta em proveito da causa republicana; aí permaneceu depois, deixada «em depósito» pelo pintor.

Ali se encontra toda uma mitologia do sofrimento e da violência: uma mãe segurando o filho morto; uma mão crispada sobre um sabre quebrado; um cavalo, ferido num extraordinário movimento de dor, simboliza o povo; um touro, força cega, que figura a brutalidade cega, considera sem compaixão a sacrificina sob a incandescência de uma lâmpada eléctrica... Vários dos perfis desenhados em «Sonhos e ilusões de Franco» ali se encontram.

As obras que se seguiram, até à eclosão da Segunda Guerra Mundial, mostram uma vitalidade surpreendente. É um período de destruição, de deslocação de formas, particularmente fértil no estilo curvilíneo comparável aos seus momentos «cubistas» geométricos. A forma de imaginar de Picasso instalou-se na imaginação popular com narizes duplos, olhos desorbitados, a face no perfil e vice-versa nos retratos de mulheres, de crianças, nos nus... (Retrato de Dora Maar (1937), Retrato de Nush (1937), Retrato de Jaime Sabartés (1939), O menino à lagosta (1939), etc...

(continua no próximo número)